

Elismar Bertoluci de Araujo Anastacio
Lora Bertolucci

Hélio Serejo: Por uma literatura entre as *orilhas* da fronteira

São José do Rio Preto
2014

Elismar Bertoluci de Araujo Anastacio
Lora Bertolucci

Hélio Serejo: por uma literatura entre as *orilhas* da fronteira

Tese apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutora em Letras, Área de Concentração - Teoria Literária junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Norma Wimmer.

São José do Rio Preto
2014

Anastacio, Elismar Bertoluci de Araujo.

Hélio Serejo : por uma literatura entre as orilhas da fronteira /
Elismar Bertoluci de Araujo Anastacio. -- São José do Rio Preto, 2014
152 f. : il.

Orientador: Norma Wimmer

Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de
Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Literatura brasileira - História, Crítica - Teoria, etc. 2. Serejo,
Hélio, 1912-2007 - Crítica e interpretação. 3. Memória na literatura. 4.
Identidade (Conceito filosófico) na literatura. 5. Identidade
(Psicologia) na literatura. 6. Realismo na literatura. I. Wimmer,
Norma. II. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".
Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. III. Título.

CDU – B869.09

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IBILCE
UNESP - Câmpus de São José do Rio Preto

Elismar Bertoluci de Araujo Anastacio
Lora Bertolucci

Hélio Serejo: por uma literatura entre as *orilhas* da fronteira

Tese apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutora em Letras, Área de Concentração - Teoria Literária junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto.

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Norma Wimmer
UNESP – São José do Rio Preto/SP
Orientadora

Prof^a. Dr^a. Mail Marques de Azevedo
UNIANDRADE - Curitiba/PR

Prof. Dr^a. Giséle Manganelli Fernandes
UNESP – São José do Rio Preto/SP

Prof. Dr. Manuel Fernando Medina
UNIVERSITY OF LOUISVILLE/USA

Prof. Dr. Nelson Luis Ramos
UNESP – São José do Rio Preto/SP

São José do Rio Preto
2014

In memoriam

O cachorro Pitoco, o preto Domingos, o petiço Guavira, Nhá Chaló, o velho Cariaga, o bugre amigo, Nhá Chamé e muitos outros ficaram na memória de Hélio Serejo.

Da minha, exala infância recheada de histórias contadas e vividas por Tomaz “Aguero” e “Dona Tomassa” (Tomassa Benites), nativos, que me anteciparam como conto de fadas, as narrativas fronteiriças perpetuadas nas *Obras Completas* de Serejo.

Aos meus pais e irmãos.

Com amor, por amor a vocês: Loreanna, Pedro e Alfredo. Pagarei em dobro, com abraços, afagos, festas, alegria, tal como o Joãozinho ao receber o “dono” no portão.

Agradeço, em especial, a minha querida orientadora **Norma Wimmer** e aos doutores, além docência: Lucilene Machado, Gisèle Manganelli Fernandes, Arnaldo Franco Junior, Danglei Pereira, Nelson Luís Ramos, Adir Casaro, Maria de Lourdes Ibanhes e Maria Celeste Tommasello Ramos, fundamentais na “investida contra o misterioso desconhecido percurso¹” desta tese.

Muito obrigada aos amigos do coração: Maysa Brum Bueno, Ruberval Franco Maciel, Fabrício Ono e Valéria Beretta e todos que estiveram comigo nos momentos em que me sentia “zíquezaguenado no trilho estreito que parecia não ter fim²”.

¹ Livro 34, p. 134.

² Livro 34, p. 138

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo geral investigar, em narrativas de Hélio Serejo (1912-2007), a maneira como a fronteira está inserida e as formas pelas quais se relacionam os sujeitos que passam a transitar na “fronteira abandonada” em tempo de pós-Guerra e ocupação territorial. Para tanto, selecionamos as seguintes obras do autor: *Homens de aço: a luta nos ervais* (2008), *Vida de Erval* (2008), *Pelas Orilhas da Fronteira* (2008), *Carai* (2008), *O Tereré que me inspira* (2008), *Pialando...no Más* (2008), *Carai Ervateiro* (2008) e *No Mundo Bruto dos Ervais* (2008), uma vez que os contos, causos, crônicas, os textos inseridos nessas obras, deslocam-se, sobretudo, da/na fronteira Brasil – Paraguai e seus personagens reais/ficcionalizados vivem uma espécie de nomadismo dispersivo em uma zona de fronteira imaginária, entrecortada – mata adentro - pelos caminhos da Companhia Matte Larangeira (1877-1944). A possibilidade de analisar, nos vãos que se abrem, a partir do cruzar – contínuo e temporal – o sujeito fronteiriço, poderá levar-nos a reconhecer possíveis representações identitárias ainda pouco estudadas. Sustentará esta investigação, o enfoque teórico-crítico advindo dos Estudos Culturais tendo como referência os autores: Bhabha (2003), Hall (2003) Canclini (2003) e Achugar (2006), pois trataremos de uma temática que transita pelas relações entre literatura e aspecto de formação identitária. Defendemos que o fazer literário serejiano esteja no narrar aquilo que viu e ouviu, o que aconteceu e o que teria acontecido na lembrança e no resgate do esquecido. Estudar a obra de Hélio Serejo é uma forma de (re)descobrir aspectos de “posições de sujeitos” velados pela história oficial, ainda mais quando se trata de uma fronteira “onde o Brasil, já foi Paraguay”.

Palavras-chave: Hélio Serejo; fronteiras; identidade; memória; literário; “novos sujeitos”.

ABSTRACT

The current study aimed at investigating through Helio Serejo's narratives (1912-2007), the way border is inserted and the way by which subjects who transit in the "abandoned border" in times of postwar and territorial occupation. In order to do so, the following plays were selected: *Homens de aço: a luta nos ervais* (2008), *Vida de Erval* (2008), *Pelas Orilhas da Fronteira* (2008), *Carai* (2008), *O Tereré que me inspira* (2008), *Pialando...no Más* (2008), *Carai Ervateiro* (2008) and *No Mundo Bruto dos Ervais* (2008), due to the tales, stories and chronics, texts inserted into these plays shift particularly in the borders of Brazil-Paraguay and their real and fiction characters experience a sort of dispersive nomadism in an imaginary border zone, – in the forest – by the paths of Matte Laranjeira company (1877-1944). The possibility of analyzing through the spaces, from the crossing – continuous and by the time – the border subject may lead us to recognize possible identity representations with few studies. The investigation lies on the critical theoretical approach based on the cultural studies: Bhabha (2003), Hall (2003) Canclini (2003) e Achugar (2006), once the main themes transit by the relationship between literature and the identity formation aspects. We argue that serejian literary work is in narrating what was seen and listened, what happened and what would have happened in the memory and in the forgiven revival. Studying Hélio Serejo play is a way of (re)discovering aspects of "subjects' positioning" hidden by official history, particularly when the "border Brazil was once Paraguay" is concerned.

Key words: Hélio Serejo; borders; identity; memory; literary; "new subjects".

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - <i>Mensú</i>	12
Figura 2 - Capa do livro <i>Caraí ervateiro</i>	22
Figura 3 - Carta trocada entre Serejo e Nenito Brizueña.....	31
Figura 4 - Capa original do livro <i>No mundo bruto da erva-mate</i>	67
Figura 5 - Caminhos percorridos pelas primeiras comitivas ervateiras de Thomaz Larangeira no Brasil, a partir de 1888.....	75
Figura 6 - “ <i>Mensu</i> ”, “ <i>minero</i> ”, <i>peão</i> , <i>ser humano capaz de suportar até 150 quilos nas costas</i>	96
Figura 7 - Capa original do livro <i>Heróis da erva</i>	106

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	CAPÍTULO I - CARAÍ HÉLIO SEREJO: O AUTOR DA FRONTEIRA	22
1.1	O ERVATEIRO ESCRITOR	23
1.2	<i>PATRONSITO</i> DO ERVAL	34
1.3	A CRÍTICA DE MÃO EM MÃO	46
1.4	A LITERATURA DE GALPÃO NA FRONTEIRA ACADÊMICA.....	55
3	CAPÍTULO II - A FRONTEIRA, A ERVA E O HOMEM.....	67
3.1	A FRONTEIRA SEREJIANA.....	68
3.2	<i>CAAPÊ-HETA LA CAÁ</i>	80
3.3	O ANDARIEGO.....	84
3.4	EM TRÂNSITO NOS ERVAIS	87
3.5	ENTREMEANDO.....	92
4	CAPÍTULO III - LITERATURA ENTRE FRONTEIRAS.....	106
4.1	PRENÚNCIO LITERÁRIO.....	107
4.2	A MEMÓRIA.....	116
4.3	PRODUÇÃO DO PRÓPRIO MEIO.....	121
4.4	O OLHAR DE TOCAIA.....	125
4.5	AS DIGITAIS SEREJIANAS: ENTRE O VIVER, RELEMBRAR E CONTAR.....	129
	CONSIDERAÇÕES.....	140
	REFERÊNCIAS.....	145

INTRODUÇÃO

Veio e ficou para escrever com seu sangue, seu suor e suas lágrimas, uma das páginas mais dramáticas, repleta de bravura, desprendimento e resignação da história grandiosa, referente ao povoamento do extremo sul de Mato Grosso, a região ervateira principalmente, que a todos enfeitiçava. (Livro 34, p. 71).

Centro de Documentação Regional, UFMS, Dourados



3

Figura 1 - *MENSÚ* - Fonte: (GRESLLER, 2005, p. 100).

³ O trabalhador encarregado do corte dos galhos da árvore e do transporte da erva-mate denomina-se mineiro ou *mensú* (Palavra de origem espanhola). A foto foi tirada na década de 1930. (Fonte: GRESSLER, 2005, p. 100).

A epígrafe acima serve de referência para localizarmos a temática desta pesquisa: a fronteira e as “gentes” que chegaram onde Hélio Serejo (1912 - 2007) já estava, de onde saiu e depois contou, pelo viés da lembrança, o que viveu o que viu e o que ouviu do homem em trânsito, naquele “complexo de afazeres, um mundo diferente dos demais de que tinha conhecimento,” como o autor assinala em *Carai* (Livro 34, p. 75)⁴. Um mundo que, segundo o autor, lhe sorvia a agressividade daquele mister que até então lhe era completamente desconhecido (Livro 34, p. 75), mas nos dá a conhecido, pois Serejo recupera, pela memória e pelo esquecimento, aquilo que não está na História oficial.

Embora não esteja explícita, a produção de Serejo tem muita relação com o que afirma Achugar (2006, p. 143) em relação à hegemonia do tipo “consagrado” de intelectuais, “[...] na construção de uma espécie de macrorrelato da história e da cultura que privilegiou a produção elitista das belas letras e das belas-artes, em detrimento das manifestações populares ou massivas”.

Hélio Serejo (1912-2007), autor de mais de sessenta escritos, nasceu em Nioaque/MS e cresceu Ponta Porã/MS, primeiros núcleos habitacionais localizados no espaço em que ocorreu a Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870). Assim o autor se define: “Eu sou o homem fronteiro [...] Sou misto de índio vago, cruza-campo e trota-mundo. [...] Vim [...] dos entreveros da fronteira, dos ervais sombrios, dos caminhos perdidos...”⁵. Cresceu acompanhando seu pai na lida dos ervais: “hoje aqui, amanhã ali, íamos rompendo o sertão, tangidos pelo vento cruel de um destino sempre ingrato” (CAMPESTRINI, 2008, p. 19), convivendo com a cultura da lei do mais forte, do mais vingativo, da ponta da faca. Daí, saltaram da boca escumenta dessa gente, paras páginas de uns livrinhos as histórias de bravura, misto de credices, fatos históricos desenredados, aumentados, distorcidos, incorporados à vivência rude dos ervais em que se aglutinam, diversidades culturais, formadas por fugitivos da justiça, nativos de diferentes etnias, exploradores de mão-de-obra trocada por fumo, pinga...“extraordinários irmãos paraguaios, exemplos de perseverança, decência, cavalheirismo e amor ao trabalho” (Livro 30, p. 125.) No meio disso tudo, há ainda a “valente mulher paraguaia” que veio no desejo de

⁴ Optamos por citar a obra de Hélio Serejo da forma como está organizada em *Obras Completas*, num total de cinquenta, organizados em nove volumes.

⁵ CAMPESTRINI, H. *O trilhador de todos os caminhos*: Vida e obra de Hélio Serejo. 2008. p. 19. Texto Extraído do discurso de posse do autor na Academia Mato-Grossense de Letras (IX/1790).

“encontrar meios de *ganar com compensación para ahorrar algunas platitas porque la viejez llegará com el pasar del tiempo...*” (Livro 34, p. 154).

Serejo equilibra-se nas fronteiras das relações reconhecidas como credenciais para o livre acesso social, tais como: Academia de Letras, coronéis latifundiários, Empresa Erva Matte Larangeira⁶ (1882⁷ - 1943), e o homem simples com o qual conviveu, quando viveu nos ervais. O autor se intitula e afirma “Filho dos ervais. Por essa razão, ama os simples e respeito os que, gerados do nada, grandes se fizeram, através de atos nobres, peripéciosa caminhada da vida” (Livro 20, p. 261). A sapiente possibilidade de trânsito livre entre explorados e exploradores, construída pela ação do contar fatos de homem de “honra, bravura e pujança”, quer sejam patrões ou peões, (des)centraliza o narrador hegemônico e abre as portas a outros novos sujeitos, no dizer de Achugar (p. 143). Valeremo-nos das narrativas de Serejo, no propósito de conhecer mais e melhor esses “novos sujeitos” deslocados de suas naturalidades e em trânsito interno na fronteira.

Esse propósito se aguça a partir do desejo de estudarmos, com mais extensão, a obra de Serejo por termos como hipótese que o fazer literário do sujeito fronteiro à margem dos padrões estéticos da época, esteja na escolha temática de algumas realidades da fronteira, tais como: o tempo em que a fronteira do Estado do Mato Grosso do Sul começou a ser povoada após a Guerra do Paraguai e a extração da erva mate pela Companhia Matte Larangeira. Neste contexto, está o homem local – representado pelo narrador/autor/Hélio Serejo – e o homem em trânsito motivado pelo processo capitalista; o lugar particular, aquele que o próprio autor conheceu, e o espaço que passa a fazer parte da narrativa, credenciando os acontecimentos, as atrocidades, as relações de poder, de sujeição, o local que se

⁶ Embora Hélio Serejo adote a grafia Mate Laranjeira e Tomas Laranjeira, optamos por grafar, quando não se tratar de citação da obra serejiana, Matte Larangeira e Thomaz Larangeira considerando a grafia contida no Decreto nº 436 C, de 04 de julho de 1891, que concedeu autorização a Thomaz Larangeira para organizar uma sociedade anônima sob a denominação de Companhia Matte Larangeira; “O Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, atendendo ao que requereu Thomaz Larangeira resolve conceder-lhe autorização para organizar uma sociedade anonyma sob a denominação de Companhia Matte Larangeira,...” (MAGALHÃES, L. A. M. *Retratos de uma época: os Mendes Gonçalves & A Cia. Matte Larangeira*. Ponta Porã, Mato Grosso do Sul: Gráfica e Editora Alvorada, 2013, p. 42).

⁷ Segundo o historiador Magalhães (2013, p. 30), Thomaz Larangeira criou no ano de 1877 a Empresa Larangeira S. A., em *Concepción, Paraguay*. Em Mato Grosso, As explorações ervateiras começaram imediatamente após as primeiras concessões imperiais, datadas de 1882, Decreto Imperial nº 8799, de 9 de dezembro, quando Thomaz passou a instalar ranchadas em *Potrero Laguna Capiibary* - há três léguas da divisa – em território paraguaio - e no *Potrero São Thomaz* no lado brasileiro...”.

abre ao mundo, onde homens se lançam – ou se lançaram – ao incerto, em busca de “dias melhores” em locais que prometem o progresso.

A leitura da obra de Serejo leva-nos à hipótese de que Serejo autor/narrador/personagem cria um universo narrativo permeado pelo contexto histórico do qual afirma ter conhecimento, uma vez que vivenciou o desbravar dos ervais; identifica-se com os fatos e atos contados em suas narrativas de enredos relativamente planos; conta, por meio da aparente retratação do real, procurando referendar a vida nos ervais: “Arregalaram-se-me os olhos [...] Nada escapara dos meus olhos interrogantes. Era, em verdade, um meninote, que tudo queria saber.” (Livro 34, p. 75).

Na fronteira de suas experiências de fato, e na confluência dos fatos criados pelo ato de narrar, autor/narrador/personagem e sujeito histórico se integram em prol de uma realidade transfigurada pelo real. No entremeio de fatos vividos e recriados está o fazer literário de um sujeito aparentemente descompromissado com a denúncia, um narrador que se passa por um eterno apaixonado pela escrita e pela vida rústica de mata adentro. Um olhar magnetizado pela terra, como ele próprio define em *Ronda do entardecer* (Livro 11, p. 09): “[...] o cheiro forte dos brejais, o gorjeio festivo da passarada, o mormaço que se dilui aos poucos, o aroma das flores, os ruídos da terra...”. Todavia, nas narrativas estão incrustadas histórias de exploração, de coragem, de medo, da “lei do mais forte”. Advém, daí, a hipótese: Serejo revela, além da cor local, questões para além do exótico e do pitoresco. Insere, “no mundo bruto da erva”, o homem e a vida do homem explorado, aquele que passa a se aventurar na fronteira Brasil-Paraguai, motivado pela possibilidade de trabalho na Companhia Erva Matte Larangeira (1882-1943), empreendimento desencadeador do trânsito na fronteira.

A fim de que possamos investigar as temáticas em discussão, recortamos da vasta produção de Hélio Serejo alguns textos das obras: *Homens de aço: a luta nos ervais* (2008), *Vida de Erval* (2008), *Pelas Orilhas da Fronteira* (2008), *Caraí* (2008), *O Tereré que me inspira* (2008), *Pialando...no Más* (2008), *Carai Ervateiro* (2008), *No Mundo Bruto dos Ervais* (2008), entre outros, uma vez que as narrativas contidas nessas obras deslocam-se, sobretudo, na fronteira Brasil - Paraguai e seus personagens “O ervateiro, brasileiro, paraguaio” - (Livro 34, p. 154), sujeitos ficcionalizados por Serejo, vivem uma espécie de nomadismo dispersivo em uma zona de fronteira seca, imaginária, entrecortada – mata adentro – pelos trilheiros da

Companhia Matte Larangeira. Ao contar as histórias desses “heróis anônimos,” (Livro 9, p. 231), Serejo retrata não só a vida, mas procura descrever os hábitos e costumes de um tempo em que a fronteira passou a se constituir espaço habitado. Pelo fio de sua narrativa, correm vozes abafadas devido às circunstâncias sócio-históricas. Entendemos que nessas narrativas transparece um olhar sobre o local, que flerta com o exótico e o pitoresco, mas se apresenta como construção de uma identidade local, sul-matogrossense, relacionada à identidade do fronteiriço em um sentido mais amplo. Sobressai a presença da vida local cuja temática, sobretudo, Candido (2006b, p. 212-213) tanto criticou dos românticos em se tratando da anulação do aspecto humano, em benefício de um pitoresco que se estende também à fala e ao gesto, tratando o homem como peça da paisagem, envolvendo paisagem e homem no mesmo tom de exotismo. Esse enfoque, para o crítico, resulta em uma alienação do homem dentro da literatura, “uma reificação da sua substância espiritual, até pô-la no mesmo pé que as árvores e os cavalos, para deleite estético do homem da cidade”.

Serejo é o reverso, já que prenuncia pela voz do narrador, entrecortada pelo balbuciar de anônimos braçais a vida na “terra abandonada⁸” e seus dilemas, em um contexto atípico à vida urbana. Paisagem e vida em condições de trabalho exaustivo se integram nas narrativas e o erval, espaço personificado, passa a fazer parte de condutas e comportamentos das personagens, umas das quais Serejo, também, se diz ser.

Machado de Assis (CANDIDO, 2006b, p. 368-369) já dissera que uma literatura nascente deve, principalmente, alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a região. No conjunto da obra de Serejo fica evidente a temática fronteiriça; também encontramos respaldo na preocupação de Machado de Assis em exigir do escritor certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país. Nas narrativas de Serejo, vislumbramos possibilidade de conhecer o tempo de

⁸Esclarecemos que o uso da expressão “terra abandonada” ou “fronteira abandonada”, ao longo desta tese, está diretamente relacionado à obra *Nas fronteiras de Matto Grosso – Terra abandonada*, obra lançada em 1933 por Umberto Puiggari, uma edição da Casa Mayença/SP. Ao longo dos vinte e três textos o autor/narrador conta fatos vividos na fronteira - a mesma de Serejo - entre o Brasil e o Paraguai. Assim que lançou seu livro, o autor mudou-se para Londrina/PR. Há relativa similaridade – algumas iremos relacionando ao longo deste estudo – entre Serejo e Puiggari, tanto que a personagem “Sismório” aparece na obra dos autores. Entretanto o tom de denúncia difere, em muito, em Puiggari, haja vista o ataque às autoridades.

povoamento do local que hoje é Mato Grosso do Sul. Não será a nossa história de mata adentro anterior à história das cidades?

Considerando a fronteira como espaço em que transitam diferentes identidades constituídas pelas condições de sobrevivência histórica, não nos ateremos, nesta pesquisa, em investigar a formação territorial da fronteira Brasil-Paraguai. Nosso objetivo centraliza-se em investigar “como a imensa fronteira abandonada” (Livro 4, p. 93) está representada pelo contar do homem local que se integra e multifaceta em autor-narrador-personagem. Achugar considera que “Os novos narradores que começaram a contar suas histórias fizeram estourar a unidade monológica do relato hegemônico anterior. Eles o fizeram de diversos modos, ora recontando e corrigindo o esquecido, ora recordando os relatos que antes existiram.” (p.144). A pretensão advém da desconfiança de que a aparente mesmice da voz que conta as narrativas serejianas, contenha histórias que foram esquecidas. A arbitrariedade que o estético estabelece com a realidade no intuito da criação, reforçada por Candido (2006, p. 22), aparece nas narrativas de Serejo de forma não muito comumente usada ao “fazer literário”. A arbitrariedade advém, sobretudo, de outras instâncias, muito “além” ao texto – escolhas e combinações – e começam a fazer sentido, quando resgatamos a história de vida ficcional do autor, narrador, personagem contada por ele mesmo e pelos amigos. Essa ação não acontece em uma obra específica, mas vai sendo construída aos poucos, ao passo que vai escrevendo “os livrinhos”.

O nosso interesse recai, em específico, sobre o “homem cruza-campo e trota-mundo” e sua relação com o local, já que queremos compreender, com mais extensão, como a mulher guarani, o peão paraguaio, o quatrero, o comiteveros, o *mayordomo*, o barbaquazeiro, o monteador, os mineiros “criaturas humanas que, na data longa, enfrentaram estoicamente toda sorte de martírios, na grande e vigorosa arrancada da épica penetração ervateira” (Livro 23, p. 69) são construídas pelo contar, aparentemente, espontâneo de Serejo. Sobretudo, por considerarmos que, por meio da produção do autor estudado, podemos recolher vestígios identitários do *continuum* interseccionado processo de deslocamento (HALL 2003, p.28) realizado pelo homem, independentemente do local em que está. É o caso das personagens de boa parte das narrativas de Serejo, representadas por entre fronteiras do contar, permeando fragmentos históricos preenchidos pela memória. Com isso, o fazer literário de Hélio Serejo se transfiguraria por meio do vivido em

local em que ele – o autor – se fez sujeito, e pelo plano da expressão. A forma como escreve conduz-nos a avaliar traços de *performance* do sujeito em trânsito, com facão na mão, abrindo picadas para o progresso, sem ter muita consciência da “Ordem e progresso” do país, já que há “gente vindo de todo lado”. Entretanto, “essa gente” sobressai, ao longo das narrativas, como representante da história da formação de um lugar. Esta região, Serejo a perpetua, ao destacar o desbravamento com olhos e sentimentos a que denominamos de engajamento literário entre fronteiras.

Argumentamos que Serejo irá antecipar, inconscientemente, o que tanto discutem, sobretudo, os autores cuja nacionalidade advém de locais que, por muito tempo, estiveram à margem: “O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (Hall, 2003, p.28).

Povoas (Livro 4, p. 165), ao prefaciá-la obra de Serejo, assinala que a fronteira descrita pelo autor “transformou-se num laboratório social dos mais interessantes”, uma vez que transitam por este espaço índios, donos da terra, povos de origem e língua espanhola; gaúchos, cuiabanos, “[...] mineiros que se alongavam à procura de campos para criar, todos se amalgamaram, misturando seu sangue, seus costumes, seus idiomas, suas tradições, seu folclore, sua música, daí resultando uma civilização fronteiriça de características inconfundíveis”. Essa “civilização fronteiriça”, representada em alguns textos da obra de Serejo, vai se constituindo pelos contratos de boa – nem sempre – convivência, tendo como limite o poder da Companhia Matte Larangeira, os latifundiários, e os conflitos gerados pelo *lôcus* fronteiriço.

Neste espaço de proliferação de contatos, pacíficos ou não, está o erval direcionando as ações de homens, mulheres e crianças que se unem, momentaneamente, na labuta extrativa do mate. Entendemos que, ao contar essas ações, Serejo recria, por meio da memória, a história dos desbravadores pelo entremeio da posição de sujeito duplamente constituído pelo viés do colonizador-colonizado. Nos entremeios, sobretudo, do que existiu e do como foi contado; na fronteira, pois, no histórico e no ficcionalizado há espaço para investigação do fazer estético serejiano que corre pelo fio do discurso do “[...] já dito sobre o qual qualquer discurso se constrói. Isso quer dizer que o discurso não opera sobre a realidade das

coisas, mas sobre outros discursos. Todos são, portanto, “atravessados”, “ocupados”, “habitados” pelo discurso do outro. (AUTHIER-REVUZ-, 1990, p. 25 - 7).

Estamos caminhando em prol da construção da defesa de que há, na produção de Serejo, a consciência do local, com razoável respaldo na segunda geração do Modernismo. Esta consciência e conhecimento do espaço em que se está, no caso, a fronteira, permite a descrição do espaço geográfico no qual está inserido o andante que passa a habitá-lo e a modificá-lo. Entre a representação do vivido-ficcionalizado, do autor-personagem, do local-global, entre vozes oral-escrita que, de tão expressivas, embora periféricas, teimam em sobressair na artificialidade do discurso escrito.

Neste prenúncio histórico-estético está a história do homem local e os homens que sempre existiram; está a história do povoamento do Mato Grosso do Sul e parte da História Geral, em que homens em trânsito desbravaram e povoaram novos lugares.

No Capítulo I, iremos relatar a trajetória da obra serejiana, o contexto em que foi produzida e a recepção pelo viés dos amigos/leitores, por considerarmos arte, com base em Candido (2006, p. 47), um sistema simbólico de comunicação inter-humana, uma vez que pressupõe o jogo permanente de relações entre autor, obra e público os quais “formam uma tríade indissolúvel” e passam a fazer parte da interpretação estética da obra.

Candido (2006, p. 31) defende o percurso para a primeira tarefa investigativa de uma obra, salientando influências concretas exercidas pelos fatores socioculturais. Para o crítico (2006, p. 31), esses fatores marcam os quatro momentos da produção: “a) o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orienta-o segundo os padrões da sua época, b) escolhe certos tema; c) usa certas formas e d) a síntese resultante age sobre o meio”. Com isso, teremos condições de avaliar melhor a repercussão da obra de Serejo e a sua feitura, as quais nos darão condições para reconhecermos os elementos estéticos.

Ainda no Capítulo I, além do público, autor e obra, inserimos o crítico/estudioso da obra, uma vez que será este a interpretar a “relação arbitrária e deformante que o trabalho artístico estabelece com a realidade” (CANDIDO, 2006, p. 22).

Organizamos o Capítulo II em torno da fronteira, da erva e do andante, e o deslocamento que se inicia com a caminhada comercial de Thomaz Larangeira e

resulta nas andanças do peão ervateiro, da mulher guarani, do bugre, do peão de fazenda e de muitas outras figuras que irão transitando pelas trilhas da fronteira ressignificadas pelas narrativas de Hélio Serejo. Trataremos, ainda, das relações entre o ir e vir, uma movimentação constante no *corpus* selecionado. Por isso, discutiremos o homem e suas relações com o erval.

Já no Capítulo III, argumentaremos que a literatura serejiana, irregular, sem planejamento, produto local, intersecciona-se com o contexto da “fronteira abandonada”, e é uma espécie de metáfora do próprio meio. Levantaremos, ainda, os argumentos que respaldam a relação entre o vivido e o ficcionalizado, com base no enfoque teórico-crítico advindo dos Estudos Culturais tendo como referência os autores: Bhabha (2003), Hall (2003) Canclini (2003) e Achugar (2006). Esses estudiosos preconizam que escrever o passado de fatos orais, observados, quase sempre, *in locu* e guardados na memória do tempo, pode nos parecer um risco de criação estética, por presentificar, pela memória, a história.

Ao final, trataremos de fundamentar a tese do “O homem cruza-campo e trota-mundo”, um andante em fronteiras representado pela aparente simplicidade de contar de Hélio Serejo. O modo de condução da narrativa, as escolhas e combinações linguísticas, a descrição da paisagem, a organização dos textos e a construção da personagem em trânsito são recursos internos de alguns textos de Serejo, como bem orienta Antonio Cândido (2006, p. 14) “[...] importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura [...].”

Para estudar o *corpus* descrito, recorreremos, ainda, aos Estudos Culturais por se tratar de fundamentos teóricos além estrutura do que está escrito. Bhabha, por exemplo, afirma que “A razão pela qual um texto ou sistema de significados culturais não pode ser auto-suficiente é o ato de enunciação cultural – o lugar do enunciado – é atravessado pela *différance* da escrita” (2003, p. 65) e que tem como característica “se aproveita [rem] de quaisquer campos que forem necessários para produzir o conhecimento exigido por um projeto particular” e que “ a escolha de práticas de pesquisa depende das questões que são feitas, e as questões dependem de seu contexto” (NELSON; TREICHELER; GROSSBERG, 1995, p.9).

Esse enfoque possibilitará conhecer com mais profundidade a fronteira enquanto espaço de trânsito, de troca, de contrabando, de (des)acordo, de morte;

fervilhar de diferenças que nem sempre se aglutinam, constituindo, com isso, “novos signos de identidades”, (HALL, 2003b, p.50) não só do tempo dos ervais, mas na continuidade dos tempos.

A justificativa que nos levou a pensar esta pesquisa, desejo exposto na graduação, está, primeiramente, no vínculo afetivo-histórico com o contexto da fronteira Brasil-Paraguai; embora este não seja suporte para um trabalho científico é como sujeito histórico que cresceu ouvindo da boca da peonada paraguaia os causos do homem “cruza-campo e trota-mundo”, que nos colocamos como leitores de uns “livrinhos” que chegavam às fazendas fronteiriças pelas mãos de um andante comprador de muares como “oferta singela do autor Hélio Serejo”.

De lá para cá, o tempo se encarregou de modificar, paulatinamente, alguns espaços: Mato Grosso se bipartiu, a obra de Serejo foi compilada (2008)⁹ pelo Instituto Histórico Geográfico de Mato Grosso do Sul, Hélio Serejo começa a ser estudado e a leitora dos “livrinhos” coloca-se como pesquisadora.

Dessa forma, justificamos a presente pesquisa tendo como referência, sobretudo, a constituição da identidade do homem sul-mato-grossense, uma vez que, ainda, são esparsos os trabalhos cuja temática esteja direcionada à formação do novo Estado. Estudar a obra de Hélio Serejo é uma forma de descobrir, nos interstícios, aspectos sócio-culturais velados pela história oficial, ainda mais, quando se trata de uma fronteira “onde o Brasil, já foi Paraguai”. A história posta em ata pode ser reescrita no recontar de Serejo, mais ainda, quando ficcionaliza a vida do homem e de uma região pelo viés da verossimilhança.

⁹ Campestrini (2008, p.53) autor do projeto que organizou as *Obras Completas* de Hélio Serejo, conta em livro que acompanha a coletânea, *Trilhador de todos os caminhos: Vida e obra de Hélio Serejo*, que o autor “Organizou suas produções numa coletânea encadernada, colando na capa, embaixo, uma etiqueta com a data que ele considerou de publicação ou gravando-a tipograficamente. São cinquenta e nove livros, deixando um inédito, nas mãos do editor.[...]. Esta coleção, reconhecida pelo autor como definitiva, serviu de base para todo o projeto OBRAS COMPLETAS. [...] Não se consideraram as diversas listas (obras) que apareceram em vários livros, porque, além de apresentarem diferenças, trazem obras que não foram publicadas e algumas publicadas com outro título. Ocorre também que os outros autores que sobre ele escreveram fazem listas diferentes, mesmo porque não devem ter tido acesso à coleção ao autor.

Com a autorização de Hélio Serejo, as obras foram organizadas em cinquenta livros, compreendendo somente a produção do autor, eliminando-se qualquer texto alheio (mantido, obviamente, o da introdução e do prefácio).

[...] Os textos foram integralmente revistos, sempre com a preocupação de conservar a originalidade do estilo do autor. Procurou-se padronizar a ortografia, até porque, ao longo dos anos, foram diferentes revisores, cada um utilizando um critério. [...]. A pontuação original não obedecia a critérios, mesmo que mínimos. Mesmo assim, consertaram-se somente os casos mais graves, não só quanto às regras também quanto à clareza”. O projeto foi desenvolvido pelo Instituto Histórico Geográfico de Mato Grosso do Sul.

CAPÍTULO I – CARAÍ HÉLIO SEREJO: O AUTOR DA FRONTEIRA

Eu sou o homem fronteiroço que na infância atribulada recebeu nas faces sangüíneas os açoites desse vento, vadio e haragano [...]. Eu vim dos ervais [...]. Eu sou filho da jungle, sou gaudério de todos os pagos [...]. Eu vim de longe, sou misto de poeira de estrada [...].
(Livro 49, p.149).



10

Figura 2 - Capa do livro *Carai ervateiro*

¹⁰ Capa do livro *Carai ervateiro*, 1990, 96 p., miolo datilografado em papel comum. A obra foi produzida pela Editora Versiprosa, de Tupi Paulista/SP.

1.1 O ERVATEIRO ESCRITOR

Aprendemos muito, muito mesmo, e nos tornamos, então, um caraí ervateiro, como tantos outros, que não se acovardaram ante a selva bruta, e amaram a caá, tal como se ama uma china que sabe prender e por feitiço no kuimbaê (Livro 34, p. 24).

Estudar a produção de Hélio Serejo equivale a abrir uma gaveta recheada de fotografias que não foram clicadas por quem as vê, mas, em seu verso, há impressões de quem viveu o momento, quer como fotógrafo, quer como fotografado. Assim, há referências situacionais, em específico na obra de Serejo, ao plano histórico, vinculado a acontecimentos de fronteira, Brasil – Paraguai, em um tempo de pós Guerra da Tríplice Aliança, sendo o autor sujeito do local de que fala na obra – fotógrafo e fotografado.

Para Chalhoub & Pereira (1998, p. 8), uma obra literária possui evidência histórica objetivamente determinada está situada no processo histórico. Em detrimento disso, apresenta propriedades específicas que possibilitam questionamento. Para tanto, devemos averiguar as condições de produção, as intenções do autor, quem é o autor no contexto da escritura, sua relação com o meio. Cândido (2006, p. 17-22) em *Literatura e sociedade* detalha, com bastante precisão, a polêmica de se estudar uma obra agregando aspectos internos e externos, uma vez que conferir, tão somente, a realidade exterior para entender uma obra, pode resultar em uma simplificação causal. O crítico defende, então, o reverso do processo adotado pelas teorias tradicionais de estudo de texto literário, já que o social – externo – não é espelho por meio do qual uma obra reflete uma realidade, mas interfere na constituição de sua estrutura, tornando-se, portanto, interno.

Compreender o enfoque mais abordado pelo autor, a escolha e entendimento da temática, a compreensão e a expansão de determinado tema; compreender as condições em que a obra foi escrita, significa interpretar os aspectos estéticos, sendo que, externos e internos, passam a integrar a estrutura total da obra.

Por isso, optamos por abrir um capítulo no ensejo de conhecer melhor a obra de Hélio Serejo tendo como referência “os três elementos fundamentais da produção

artística”, segundo Cândido (2006, p. 33): “autor, obra e público”. Nossa opção também se respalda em Sevcenko (2006, p. 34), para quem a literatura deve ser avaliada, sobretudo, como interpretação do contexto social pelo autor e sua manifestação artística latente na obra. Defende, ainda, que a exposição se dá em diferentes graus, e sofre interferência de alguns fatores externos e internos ao autor, tais como: o gênero de preferências, a escola literária a qual pertence – se pertence –, como se dá seu relacionamento intelectual, o local de onde fala, de onde publica, de onde se manifesta, como ocorre seu relacionamento afetivo e familiar, sua condição de vida – outrora – bem como no momento em que se faz escritor e ao longo do processo.

Daí, compreendemos a necessidade de iniciar os argumentos de tese pelo viés externo, vida do autor, recepção da obra e nossas impressões. Com respaldo em Cândido (2006, p. 23) compreendemos que aferir a obra com a realidade exterior não é suficiente, bem como “[...] ficar restrito à sua constituição literária, constituição de linguagem,” uma vez que “o movimento é duplo”. Eneida Souza (2007, p. 24) salienta, ainda, que para estudar uma obra, precisamos ter ciência de que o texto ultrapassa a fronteira literária e se projeta para outros campos.

Neste estudo, tomaremos como possíveis e variáveis projeções a fronteira do vivido e do recriado, a produção, circulação e recepção por defender que estão vinculadas às condições de vida de Hélio Serejo, além dos fatos históricos que perpassam um ambiente de fronteira em tempo de povoamento, motivado por acontecimentos políticos e econômicos já mencionados. Em específico, quando se trata de local em fase inicial de povoamento fronteiriço, motivado por necessidade de mão de obra braçal: “O caraí ervateiro paraguaio veio de sua Pátria para o início de uma nova vida no eldorado da caá”, alimentado pelo desejo de “[...] *trabajar en los yerbales de Mato Grosso, comenzando como guaino, para después, con el tiempo, transformarse en un minero de calidad, ganar dinero, tener muchos amigos y ser respetado en su trabajo, no temiendo ni al mal tiempo*”. (Livro 38, p. 57).

Além dos que vieram impulsionados pela possibilidade de trabalho, muitos outros também se colocaram em trânsito de destino certo: a fronteira. Serejo conta que, assim que terminou a cruenta Guerra do Paraguai, em específico, os componentes da coluna do general Câmara, quase todos sulinos, tomaram conhecimento das comentadas, porém pouco povoadas cordilheiras de Maracaju e Amambaí. Após a desmobilização das tropas imperiais, inúmeros riograndenses,

participantes da Guerra, voltaram ao seu local de origem. Muitos outros, entretanto, ficaram na região fronteira com a intenção de até residir. (Livro 31, p. 180).

No livro *Palanques da terra nativa* (2008), em um dos vinte e um textos, intitulado “Início da fixação”, com forte referência histórica, Serejo conta que muitos retornaram aos locais de origem, após a Guerra, e levaram a notícia das possibilidades propícias ao agropastoril da região: “Cartas dos que aqui se achavam seguiram que viessem, pois a largueza despovoada havia lugar para todos, sendo que as terras eram devolutas e a obtenção do registro da posse não era difícil”. (Livro 31, p. 180).

Conflitos políticos internos – Brasil – acrescentam-se aos citados: “Irrompe, no Rio Grande do Sul, em 1893 a revolução federalista, saindo vencedores da brutal contenda os republicanos. Foi uma luta selvagem, cheia de ódios, traições e vinganças, que teve seu fim em 1895” (Livro 31, p. 180). Com isso, muitas famílias fogem para a Argentina, Paraguai e algumas chegam ao Mato Grosso: “Uma odisséia a viagem das comitivas rumo ao tão falado sul de Mato Grosso! Atravessando dois países, Argentina e Paraguai, quando tudo corria bem alcançando o ponto desejado em dois meses” (Livro 31, p. 182).

Diante desse recorte sócio-histórico, já temos uma sintética noção de como se deu o início do povoamento da fronteira pelo prisma do olhar daquele que se situa cronologicamente após a Guerra – cresceu ouvindo resquícios de guerra – e que nasceu e cresceu no apogeu da extração da erva mate. Conta que muitos vieram, mas há aqueles – além dos indígenas – que já estavam instalados no local, como é o caso de Serejo, um nativo da fronteira.

Neste fervilhar de fatos históricos, Serejo vai agir em sua obra como sujeito que ouviu a história e como sujeito processo da história, na perspectiva de quem esteve em um tempo e local, e, quando já retirado, o elege como referência nas narrativas. Na intersecção de fatos realizados, ocorridos, e o reconto, está o entre-lugar do fazer literário serejiano que se faz, ademais, pela atipicidade da inserção de dois aspectos à sua obra: insere fatos vividos por ele e por seu pai às narrativas e possui, ao longo de 60 livros, significativo material referente à recepção da obra realizada por amigos e admiradores de um tempo muito próximo às primeiras edições dos livros.

Com isso, as realidades se sobrepõem: vivido e recriado são enredos de uma mesma história, possuem ponto de contato e afastamento, típicos de ambiente de

fronteira. Esses entremeados – ouvi, vi, vivi, revivi – interessam nos a fim de que, na afirmação de Valmir Batista Correa, “Nesta terra de poucas memórias” (1995, p.36), possamos recolher vestígios, pelo viés da literatura, de nossa identidade.

Hélio Serejo (1912 - e 2007)¹¹, nasceu na fazenda São João, município de Nioaque, um dos primeiros núcleos habitacionais de Mato Grosso, local histórico, palco da Guerra da Tríplice Aliança e primeiro movimento divisionista do Estado¹². Nasceu mato-grossense. Com a divisão do Estado, em 1977, passou a ser sul-mato-grossense. Identidade conclamada pelos habitantes de MS, pois mesmo com quase 40 anos da divisão, ainda há pessoas que se referem ao Estado de Mato Grosso do Sul como se fosse Mato Grosso, embora a necessidade e o empenho de divisão date de 1900.

Quando criança, sua família mudou-se para Ponta Porã¹³, fronteira seca, de um lado Brasil, do outro, Paraguai. Segundo Campestrini (2008, p. 19), Hélio Serejo cursou o antigo primário em Ponta Porã e, parte do ginásio, em Campo Grande. Manteve contato com o mundo da escrita ao trabalhar, aos 13 anos, no jornal *Folha do Povo*, em Aral Moreira/MS¹⁴; ali já publicava seus textos. Ele próprio conta, ao escrever o livro *Meus bisnetos*:

Nasci na fazenda São João, no município de Nioaque. Com dois anos de idade, mudei-me com minha família para Ponta Porã, onde aprendi a andar, a falar, e onde cursei o primeiro ano, apaixonando-

¹¹ Em pesquisa realizada em outubro de 2013 junto ao serviço registral e notarial da cidade de Nioaque/MS verificamos que consta na certidão de nascimento a grafia de ELIO SEREJO, sem a letra “H”, portanto.

¹² Mato Grosso do Sul tornou-se Estado separado de Mato Grosso em 11 de outubro de 1977 devido à “dificuldade em desenvolver a região diante da grande extensão e diversidade”. Em 1900, rompeu em, Nioaque, o primeiro movimento revolucionário de caráter divisionista, em consequência, sobretudo, “[...] do isolamento físico e social do sul de Mato Grosso, além da inexistência de transporte e de vias de comunicação, a prepotência do Grupo Laranjeira/Murtinho com os brasileiros que chegavam de outros Estados, principalmente, do Rio Grande do Sul”. Tolentino, T. L. Ocupação do sul do Mato Grosso antes e depois da Guerra da Tríplice Aliança. São Paulo, Fundação Escola da Sociologia e política de São Paulo, 1986.

¹³ O Decreto-lei n.º 5 812, que criou o Território Federal de Ponta Porã, estabeleceu que o mesmo fosse formado pelo município de Ponta Porã (onde foi instalada a capital) e mais seis outros sendo eles: Porto Murtinho, Bela Vista, Dourados, Miranda, Nioaque e Maracaju. Com articulações políticas, a capital foi transferida para Maracaju em 31 de maio de 1944 (Decreto-Lei n.º 6 550), e novamente volta a Ponta Porã em virtude de Decreto de 17 de junho de 1946. Nesse período articulações e interesses políticos fizeram com que prevalesse a força da fronteira. O território foi extinto em 18 de setembro de 1946 pela Constituição de 1946, e reincorporado ao então Estado de Mato Grosso.

(<http://brasiguaioweb.com/artigo/artigo-ponta-pora-da-republica-velha-a-territorio-federal-revolucao-constitucionalista-na-era-do-estado-novo-de-getulio-vargas>).

Acessado em: 20/08/2013.

¹⁴ Cidade fronteiriça, aproximadamente, 50 quilômetros de Ponta Porã. Na época em que Serejo escreveu, deveria ser um pequeno povoado, pois foi distrito de Ponta Porã até 1976.

me desde então pela melodia dos pássaros, pelas majestosas árvores, pelos animais silvestres, pelos mansos córregos, pelos rios, pelas cascatas, pelos campos floridos, pelo sibilar dos ventos, pelo barulho ensurdecedor das tormentas, e pela magnificência do pôr-do-sol, a voz da natureza... (Livro 49, p. 149).

No povoado, desde muito cedo, acompanhava seu pai nos ervais e foi trabalhar na ranchada de Porto Baunilha, região de Ivinhema/MS, em uma de suas propriedades: “Tinha eu treze anos de idade quando, pela primeira vez, pernoitei em uma ranchada ervateira, conhecida por todos como trabalhado da Empresa Mate” (Livro 34, p. 76). Continua em “Eles”:

Nada escapara dos meus olhos interrogantes. Era, em verdade, um meninote, que tudo queria saber. Aquele complexo de afazeres, um mundo diferente dos demais de que tinha conhecimento com suas originalidades, me empolgava. Em cada peão e nas cunhas martirizadas, eu sorvia a agressividade daquele mister que até então me era completamente desconhecido. Não perdia, até ao anoitecer, um minuto sequer. (Livro 34, p. 76).

Serejo confia que, tudo o que via, anotava em um caderninho e na memória de jovem atento e sensível, ao ponto de observar ações corriqueiras e transformá-las em poesia, como é o caso de “A Cacimba”, soneto produzido, segundo Reis (1980, p. 103), em 1933, aos 21 anos, com o qual conquistou o 1.º prêmio do concurso “Poetas moços militares do Brasil”, no Rio de Janeiro:

Sempre em borbulhar, numa eterna mágoa,
Eu vejo, cristalino, esse olho-d’água;
E como é triste e alvo como o linho
Um olho-d’água à beira do caminho!...

Ali é a cacimba... rústica e isolada,
Dos noitibós, esplêndida morada;
Onde, fugindo da aridez do campo
Em rondejar o alegre pirilampo.

À tarde, na figueira, a passarada,
Numa enervante e louca revoadada,
Senta... esvoaça...em lúbrica contenda.

Faz dez anos que ali a preta amada,
Com a grosseira saia arregaçada,
Cantando, lava a roupa da fazenda...

A cadência emparelhada dos decassílabos intensifica a nostalgia do olhar do poeta pela vida simples e natural da fazenda e demonstra que, desde muito cedo, o autor integra o homem – “a preta amada” – à natureza. Além disso, a personificação do ambiente – Sempre a borbulhar, numa eterna mágoa – é constante nas narrativas, fortalecendo, ainda mais, a relação homem-meio, ao ponto de um adquirir características do outro devido à integração natural. Outro aspecto recorrente está no homem em trânsito, em movimento, “Um olho-d’água à beira do caminho” visto pelo olhar de quem transita pelo caminho.

O hábito de tudo anotar resultou em sessenta e quatro cadernos guardados como relíquia, na acepção de Reis (2008, p. 134), os quais possuíam registro da vida nos ervais. Segundo Serejo, serviram como fonte de consulta e inspiração para escrita de seus livros. Além dos cadernos, das anotações, das lembranças, ficaram as amizades, como é o caso do “bugre Choié”, um mestiço de notáveis qualidades, companheiro de viagem, que evoca, mesmo depois de tantos anos, recordações: “guardo até hoje na memória” (Livro 34, p. 75). Ou, ainda, as amizades com moradores da região fronteiriça, os quais passam a ser uma espécie de consultores: “Segue mais uma cartinha pedindo ajuda” (MAGALHÃES, 2011, p.110), sobretudo, o amigo Wilfrido Brizuela, o *Don Nenito*, uma espécie de informante-mor, como veremos mais adiante.

Confirmando a temática histórico-regionalista praticada desde o princípio da vida literária, em 1936, participou do concurso “Paisagens do Brasil” promovido pelas revistas “Boa Nova” e “Vida Doméstica” com o poema “Caboclo de minha terra”, por meio do qual obteve o primeiro lugar. Reis (2008, p. 1004) informa que Graciliano Ramos e Augusto Meyer fizeram parte da comissão julgadora.

Sua vida pessoal foi entrecortada por problemas de saúde. Por isso, Elpídio Reis, amigo de longa data, apelidou-o de “bolicho de doenças”. Outro aspecto que perpassou sua existência foi o acontecimento real, ficcionalizado em “Bode expiatório”, vivido pelo jovem Serejo, em 1935, no Rio de Janeiro; narrado em 1986, 1.^a edição em *O tererê que me inspira* (Livro 35). A história gira em torno de um grande desejo de Serejo, “[...] ser engenheiro para construir pontes”, “um moço, vibrante de amor pátrio [...] que lutou, bravamente, para vir a ser, um dia, tenente da Arma de Engenharia!” (Campestrini, 2008, p. 185). Para tanto, inscreveu-se – morava em Ponta Porã/MS - como voluntário no 3.^o Regimento de Infantaria, na Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, “[...] sai de Ponta Porã, em 18 de outubro de

1932. Tinha tudo bem planejado, pois contava com a cooperação cristã do primo capitão Lauriano Gomes Monteiro, que servia no 3.º R.I. Ao chegar fui incorporado, como voluntário [...]” (Livro 35, p. 182); porém, seu sonho finda em 1935, após ter concluído o curso de sargento; “por estar na hora errada no lugar errado”, acabou preso como comunista, na Intentona, tentativa de golpe militar contra o governo de Getúlio Vargas, realizada em novembro de 1935 pelo Partido Comunista Brasileiro em nome da Aliança Nacional Libertadora. Até ficar provada a sua inocência, permaneceu seis meses preso, na “Ilha das Flores”, de “onde saiu mais morto que vivo” devido às privações e maus-tratos a que fora submetido. Foi expulso do Exército e retornou, tristemente, a sua terra natal. Foi reintegrado ao Exército, ainda em vida, em 2006, como primeiro-sargento.

Este fato marcará para sempre sua história de vida, não muito diferente da de Graciliano Ramos, preso em 3 de março de 1936, em Maceió, segundo cada qual – Graciliano em *Memórias do Cárcere*, Serejo em *Bode expiatório*¹⁵ - conta sua história, nunca souberam ao certo por que foram detidos, nunca sofreram um interrogatório. Certamente, como avalia o cabo voluntário, “por estar na hora errada no lugar errado, acabou preso como comunista, na Intentona”. (Livro, 35, p. 132).

O desejo de construir pontes foi revigorado em 1955, ocasião em que o Rotary Clube de Presidente Venceslau/SP, lançou a propaganda “Pró-construção da ponte sobre o rio Paraná”. Hélio Serejo foi o presidente da comissão e seu empenho foi tamanho que as ações mediadas por ele reverteram em 12 grossos volumes encadernados, onde estão arquivados os documentos jornalísticos, fotográficos e expedientes oficiais desenvolvidos pela Comissão. Ao final de 5 anos, a ponte foi inaugurada. Novamente, Serejo se vê ludibriado pela sorte, pois a indicação de seu nome para a ponte não foi aceita pelo governo federal, além de ter sido barrado à entrada do “banquete em regozijo pela inauguração da importante obra.” (Livro 49, p. 153)¹⁶. O reconhecimento veio em 2012 por meio da Lei nº 12.610, de 10 de Abril

¹⁵ Na narrativa *Um que o destino marcou* (Livro 26, p 284-293), Serejo recupera parte da história pessoal vivida em *Bode expiatório* ao contar a história do amigo, “um farrapo humano”, o único que foi lhe visitar na Ilha das Flores, ocasião em que esteve preso.

¹⁶ A ponte Hélio Serejo foi inaugurada sobre o rio Paraná, entre os estados brasileiros de Mato Grosso do Sul e São Paulo, possui 2.550¹ metros de extensão e, até a inauguração da ponte Rio-Niterói, era a mais extensa do Brasil.

Foi publicada, em 11 de abril de 2012, no Diário Oficial da União (DOU) a lei que muda o nome da ponte sobre o rio Paraná que liga o estado de São ao de Mato Grosso do Sul, entre Presidente Epitácio e Bataguassu, de Mauricio Joppert da Silva para Hélio Serejo. Até

de 2012, quando esta recebeu o nome de Ponte “Hélio Serejo”. Com isso, os méritos de homem que lutou para que o acesso entre os dois Estados - MS e SP - fosse facilitado, foram outorgados.

Em conformidade com Elpídio Reis, biógrafo, amigo, confrade e conterrâneo, Serejo viveu a maior parte da sua vida em cidade do interior paulista, Presidente Venceslau/SP, de 1948 a 2005, e não foi muito de vida social; fez seu percurso literário à custa de estudo exaustivo permeando lembranças do local em que viveu, com investigação de dados como já anunciamos, usufruindo da boa amizade fronteiriça.

Gabriel Otávio de Souza, em orelha do livro *De Galpão e Galpão* (s.d.) conta a ocasião em que Hélio chegou à redação, com um pacote de livros cujos títulos lhe chamaram a atenção e levaram-no a inferir “É um cabra que pega a gramática, para aprender regras de escrita [...]”. (Livro 18). Tomava a sua produção como trabalho árduo, de pesquisa, sobretudo, retórica, como se pode perceber na parte estrutural de suas narrativas, em que exercita o modelo aristotélico – exórdio, introdução e conclusão.

Na década de 1980, Serejo intensificou pesquisa sobre o erval. Constan no livro *O karaí de Sanga Puitã*, do historiador Magalhães (2011, p. 108 -110), cartas trocadas entre Serejo e Nenito Brizueña, amigo desde 1926, quando, ainda, vivia no erval de Posto Baunilha. Foram muitas as consultas e pedidos ao amigo, desde o pedido da Ata de fundação da Cooperativa do Mate de Ponta Porã, até a consulta de nome de raízes usadas para curar maleita, como se pode avaliar na figura 2.

então, a ponte homenageava um engenheiro e político do Rio Janeiro, que foi ministro dos Transportes na década de 1940 e nada teve a ver com a obra que interligou os Estados. Passa a levar o nome de Hélio Serejo, um escritor e jornalista que nasceu em Nioaque e passou os últimos anos de sua vida em Presidente Venceslau. Ele foi o principal defensor da construção da ponte interligando os Estados, chegando a ser o presidente da “Campanha de Propaganda Pró-Construção da Ponte sobre o Rio Paraná”.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Ponte_H%C3%A9lio_Serejo. Acessado em 20/01/2013).

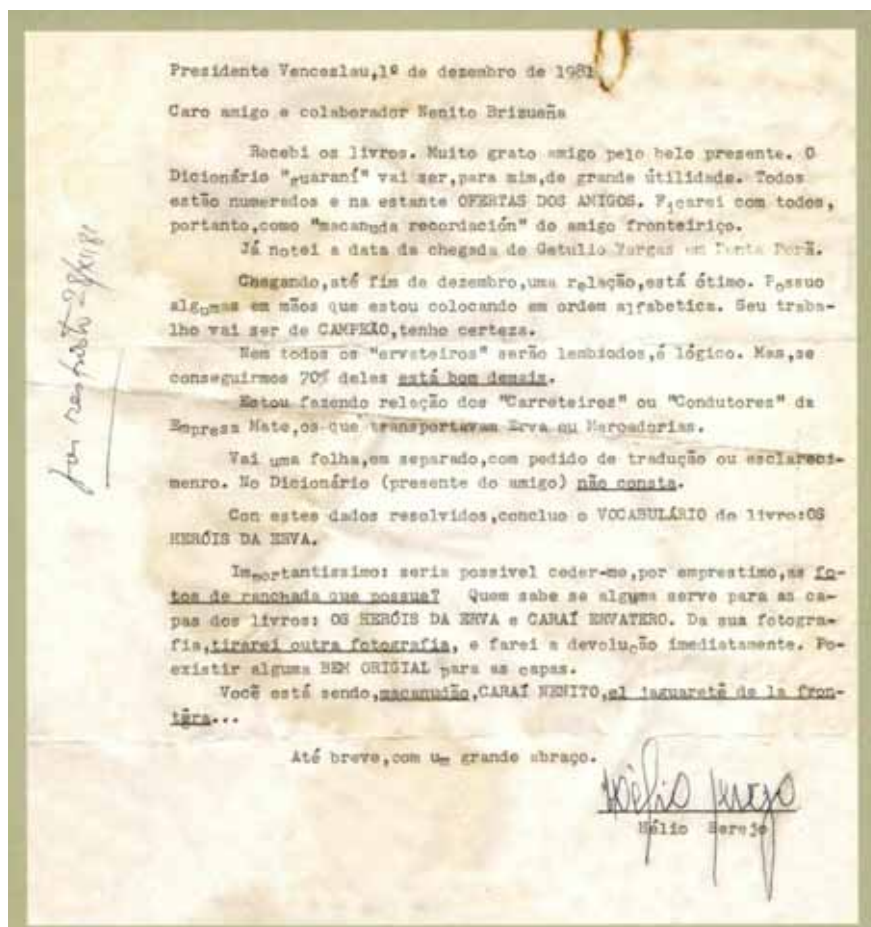


Figura 3 – Carta trocada entre Serejo e Nenito Brizueña
Fonte: (MAGALHÃES, 2001, p.104).

O amigo retribui, inclusive, com um desenho de próprio punho explicando como era o procedimento de um barbaquá¹⁷ e Serejo prestou-lhe “*Homenage de reconocimiento...*”:

Um autêntico paraguaio-brasileiro, um ervateiro de *tradición*, *caraí* de muitas lidas, amigo leal, servidor, sempre cavalheiro, nasceu no ano de 1902, quase debaixo de um pé de erva, segundo seu próprio registro;...

[...]

Vive contente pelas orilhas da fronteira, rememorando fatos passados e falando sobre o mundo bruto da erva, evocando a vivência dessa época de tantos sacrifícios.

Nas minhas campereadas ervateiras, sempre tive, na pessoa do buenhaco Nenito Brizueña, um cooperador infatigável.

Quero abraça-lo macanudamente, um abraço de amigo e *hermano*, nas páginas deste modesto livro que cheira a perchel, barbaquá, arrastras, raídos e *mbureô*¹⁸ de *mensu*¹⁹ preocupado. (Livro 41, p. 67).

¹⁷ Jirua - espécie de mesa um pouco mais alta – de forma côncava, erguido sobre um buraco, destinado à secagem da erva-mate. O nome vem de boberacuá: o que brilha muito. (Livro 50, p. 253).

¹⁸ Grito de satisfação e entusiasmo do peão do erval. Alguns imitam animais ou pássaro. Meio do ervateiro s comunicar dentro do erval (Livro 50, p. 272).

Pelos fatos, Serejo usa a memória e as relações pessoais para pesquisar dados históricos, hábitos e costumes no intuito de escrever a monografia. A prática de pesquisa, certamente, aprendeu com o pai, Francisco Serejo, o qual, por mais de 30 anos, pacientemente, dividido entre os afazeres do erval, à luz de lamparina, escreveu o *Dicionário dos charadistas e cruzadistas* contendo mais de 3.000 páginas datilografadas (Reis, 1980, p. 44). O registro ímpar de Reis, merece destaque por ilustrar a prática da pesquisa e a relação de um sujeito do erval em diálogo com o mundo das letras:

O que há de mais interessante na vida desse homem é que ele, ao mesmo tempo, que se entregava ao pesadíssimo trabalho dos ervais – tão pesado que só os que já nasceram nele eram capazes de suportá-los – cercavam-se de montes de livros, empilhados pelo chão, e mesmo à noite, sob a luz de lamparina, ou nos momentos vagos durante o dia [...] ia pacientemente pesquisando e colhendo dados para a elaboração de um DICIONÁRIO DOS CHARADISTAS E CRUZADISTAS. Levou 30 anos neste trabalho. [...] Na impossibilidade de editar tão volumosa obra com recursos próprios, o autor, em 1950, doou os originais a uma Organização de Charadistas e Cruzadistas, de Belo Horizonte, a qual, também, por falta de recursos, não publicou o dicionário.

Reis salienta a dificuldade para conseguir comprar um livro, quando uma carta levava um mês para chegar a São Paulo, além das condições físicas e de disponibilidade para pesquisa e produção, tanto que foram 30 anos de trabalho pesquisando sobre “Todos os reis, rainhas, príncipes e princesas do mundo; os grandes generais, os navios que naufragaram, mitologia; os grandes inventores; os vulcões do mundo; as maiores e mais encarniçadas baralhas de todos os tempos [...]”. Reis registra, ainda, que a pesquisa do ervateiro-dicionarista chegou até o ano de 1930.

Em *13 pontos de Hélio Serejo*, Reis conta, de forma muito bem humorada, os percalços da vida do amigo e conterrâneo, aquele que “acertou em cheio na Loteria da vida” (1980, p. 12). Uma passagem pouco conhecida diz da sociedade formada entre pai e filho, e, em 1944, já no final da 2.^a Guerra Mundial, quando “[...] acharam de montar uma fábrica de óleo de laranja azeda. “O óleo seria destinado a aviões

¹⁹ Homem que faz o corte das folhas da erva mate. Um profissional de respeito sempre. Sobre até seis metros de altura, mantendo equilíbrio perfeito. É o elemento chave em todas as organizações ervateiras. (Livro 50, p. 273).

que lutavam na Guerra”. Para tanto, o pai – Dom Chico – vendeu uma tropa de burros cargueiros e arrendou uma gleba à margem do Rio Vacaria, a fim de transformar a laranja azeda, nativa neste local, em combustível. Depois de muito trabalharem, com 28 funcionários paraguaios – mão de obra barata – para montarem a usina, tiveram que vender as máquinas em Sorocaba/SP, pois a Guerra havia acabado e não havia mais compradores para o produto produzido pelos empreendedores fronteiriços.

Uma singularidade em Serejo está na inserção, em suas publicações, de trechos de correspondências recebidas de seus amigos e/ou admiradores quando estes ganhavam os volumes ofertados pelo autor. Com isso, há, em boa parte de seus livros, notas de agradecimentos, saudações, apreço, trechos de cartas e bilhetes. Outro hábito peculiar está na divulgação e publicação dos exemplares, quase sempre, financiada por recursos próprios, muito natural, por se tratar de autor à margem.

Por adotar a prática da inserção de correspondência recebida, Serejo foi construindo, dentro de sua obra, uma espécie de fortuna crítica entrelaçada às narrativas. Essa peculiaridade abre espaço para investigarmos a recepção das narrativas que se referem ao regional, ao local, uma vez que seus possíveis leitores reconhecem o laço – ou nó – que une os planos do inventado e do reconstruído. Isso se dá em decorrência da proximidade do fato histórico ocorrido com a leitura, bem como pelo conhecimento que os leitores possuem do contexto histórico.

Compreendemos que Serejo envaidecia-se com as cartas, com as saudações, com os bilhetes que recebia; entretanto, não parece que as publicava no intuito de se enaltecer, mas de divulgar, como forma de confirmar a leitura e a interação de seu texto com seus possíveis leitores. Embora tivesse acesso aos jornais, rádios, editoras, esses veículos não tinham projeção além da local, pois eram periféricos.

Percorrendo a obra de Serejo, fica evidente que o fazer literário de homem simples, de pouco estudo formal, de valores morais e religiosos convencionais, de princípios calcados na relação colonizado/colonizador, foi motivado pelo prazer que dedicou ao seu fazer literário.

Esse fazer reverteu no que ele denomina “rosário de divagações literárias” (Livro 22, p.9) e que coloca, “humildemente”, nas mãos seus patrícios”. Encerra a apresentação de *Contas de meu rosário* julgando-se um predestinado: “Em cada

conta está um pouco da predestinação que Deus me deu”: Assemelha-se à figura de um escolhido por Deus a serviço daqueles que não receberam o mesmo “dom” que ele. O tom de voz textual ressoa com timbre sertanejo, pausado, calmo, típico ao ritmo do nativo da região fronteira. Também deixa vaziar uma relativa humildade cristã, do bem, de homem de paz, necessária, haja vista o lócus em que estava, de onde enunciava: fala da fronteira para a fronteira. Voz que ressoa a meio timbre, nem por isso, abafa as condições trágicas de fronteira discutidas por Martins:

As concepções centradas na figura imaginária do pioneiro deixam de lado o essencial, o aspecto trágico da fronteira, que se expressa na mortal conflitividade que a caracteriza, no genocida desencontro de etnias e no radical conflito de classes sociais, contrapostas não apenas pela divergência de seus interesses econômicos, mas sobretudo pelo abismo histórico que as separa. (1997, p. 15).

Serejo sabia dos procedimentos alfandegários de fronteira, bem como do mérito em ser um homem do bem, conforme os preceitos católicos. Portanto, seguia firme na crença de que sendo do “bem” receberia as glórias divinas e o privilégio para gozar de seu mais sublime desejo: ser escritor. Pensamento e ação cultural dos povos catequizados e colonizados pelo movimento europeu que se alastrou pelo mundo. Essa herança cultural – fé, devoção, preceitos católicos – vai fundamentar o posicionamento do escritor e sobressairá nas narrativas por meio das condutas dos personagens.

1.2 PATRONSITO²⁰ DO ERVAL

Em duas semanas, já sabia eu das coisas de uma ranchada: os costumes, crendices e os tipos característicos. Também o que era do seu dia-a-dia: arrias, arrastras, ataqueio, arroba-carém, arrieiro, arboleras, aoaô [...] changá-y, caá caiguê...(Livro 34, p.76).

Para Puccineli²¹ (Livro 34, p. 03), Serejo eterniza o sul de Mato Grosso do início do século 20, destaca o “mundo bruto da erva-mate”, local em que “viveu por

²⁰ Nome pelo qual Hélio Serejo ficou conhecido nos ervais do sul de Mato Grosso. (Livro 50, p. 276).

anos e do qual nunca mais se separou”. Para maior clareza, diríamos “nunca mais se separou” literariamente, já que perpetuou possibilidades interpretativas de um tempo, sujeitos e local no trajeto de sua produção literária.

No dizer de Bakhtin (2004, p. 79) “nenhuma enunciação verbalizada pode ser atribuída exclusivamente a quem a enunciou”, uma vez que resulta como produto da inter-relação entre falantes “produto de toda uma situação social em que ela surgiu”. Então, a obra de Serejo surge ao passo que vai recolhendo contas espalhadas pela lembrança e junta-as pela memória, em um tempo e espaço já distanciados, como insiste em explicar ao leitor: “Anotamos e... anotamos sempre, infatigavelmente, sem mesmo saber por quê. Havia, dentro de nós, um desejo mórbido de conhecer, em minúcias, aqueles homens brutos, mas tementes a Deus e aquela luta de martírios que não tinha fim” (Livro 34, p.24).

Com isso, o narrador reconhece o “outro”, demonstra desejo imenso de conhecer “aqueles homens brutos” com os quais vai conviver e aprender: “Aprendemos muito, muito mesmo, e nos tornamos, então, um caraí ervateiro, como tantos outros, [...]” (Livro 34, p. 26). Entretanto, não é um caraí, tornou-se “um caraí ervateiro. Está no entre-meio das partes: não era e passa a ser, mas não é o “*Caraí*” é um outro, um terceiro. Um sujeito que aprendeu com o “*caraí*”, no texto, “Eles” (Livro, 34, p.76). Serejo aponta detalhe de como foi o processo: “A assimilação ou *costumbriamiento* não foi fácil. Tinha no meio ambiente uma escola ao vivo. Ensinadores de boa vontade, pacientes, é que não faltavam.”

Ao entremear suas memórias, sua história pessoal à história do outro, Serejo auxilia-nos a justificar a necessidade de saber de sua história – aspectos externos ao texto, uma vez que reconfigura em sua obra, por meio de sua experiência de vida, as relações com o outro; compara-se com o outro, aceita o outro, vê o outro em si mesmo. Faz-se um ervateiro e assume o “nobre” ofício. Para os teóricos, sobretudo, Achugar (2006) a aceitação do outro é um prenúncio para a existência desse um que se propõe diverso. É na comparação com o outro que existe esse um, e é nessa negociação, que se gesta o tipo de identidade a ser constituída. Serejo vai mediando, pela voz do narrador, “essas negociações” entre seus personagens que, às vezes, ele também se faz.

²¹ André Puccineli, governador do Estado de Mato Grosso do Sul, apresentou as Obras Completas de Hélio Serejo organizadas pelo Instituto Histórico Geográfico de MS em 2008.

As circunstâncias – políticas, de localização, formação – que impulsionaram Serejo, diante de tanta adversidade contextual, a assumir a iniciativa das obras escritas ao longo da vida está, aparentemente, na satisfação de se fazer contador de histórias que, antes de serem ficcionalizadas, existiram de fato, em um tempo e local pouco propícios à possibilidade de registro escrito. Primeiro, pela dificuldade de acesso ao contrato da escrita, em se tratando das circunstâncias advindas do mundo sertão; segundo, pela concepção de belo. Quem se interessaria por contar, por escrito, os dramas e as tragédias de mais uma épica aventura humana vivida por personagens anônimos, de um local “entregue a toda sorte”, como se pode apreciar na crônica relâmpago em “Vida de erval”, narrativa em que Serejo potencializa as fronteiras do histórico e ficcionalizado, dos contratos de hábitos e costumes fronteiriços? Vejamos:

Foi rápida a cena. O ingênuo aconcágua²², com o intuito de divertir os festantes, toma nos braços a formosa cunhã e sai rodopiando espalhafatosamente pela sala. Pelo rancho aberto e iluminado por piscolejantes lampiões de querosene, reboam estridentes gargalhadas, abafando os acordes da típica do trio Ojeda Parra.

Nesse ínterim, alguém, salta de um canto, feroz como uma suçuarana acuada num claro traiçoeiro da mata bruta. Um silêncio de morte cai sobre o ambiente. Ninguém respira. Só o vento agita as tranças das folhas de pindó que cobrem a rústica pérgula.

Um mineiro arrojado, ágil como a urutu, tenta evitar a tragédia. Vai de encontro ao monstro enfurecido, mas chega demasiadamente tarde. Uma faca longa e filosa reluz no ar três vezes seguidas. Ouve-se um grito macabro e angustioso. Um corpo sem cabeça cai pesadamente no chão. Nessa mesma noite fez-se o velório enquanto a farra prosseguia como se nada houvesse acontecido. São as tragédias vulgares das fronteiras abandonadas. (Livro 5, p. 112).

Com base em Candido (2006, p. 35) respaldamos a hipótese de que Serejo avançou muito além do que disseram seus fiéis amigos, confrades e admiradores em seu fazer textual, sobretudo, quando as aparentes histórias individuais, de *personas* ou do próprio Serejo “[...] adquirem significado social na medida em que as

²² Em *Homens de aço*, Serejo explica em que consiste ser um Aconcágua: “é uma espécie de palhaço, é um personagem infalível nos festejos dos ervais; embriagado quase que de ordinário, desempenha os mais ridículos papéis que se possa imaginar. Corteja insistentemente, tornando-se uma verdadeira sarna, as trêfegas e debochadas cunhatais que lhe dão corda, retribuem os seus grosseiros galanteios para depois, numa rasteira de mestre, jogá-lo no chão esmagado por um seco e brutal no *quiero bailar*”. (Livro 09, p. 255). Ao final do texto *O aconcágua*, o autor insere “Vida de erval”, já citado por nós.

peessoas correspondem a necessidades coletivas; e estas, agindo, permitem por sua vez que os indivíduos possam exprimir-se, encontrando repercussão no grupo”.

Aparentemente, autor de um passado histórico, transeunte pelo contexto fronteiriço, de quando o sul do Mato Grosso do Sul começou a ser mais povoado devido à extração da erva mate, como “meninote que tudo anotou”, toma as lembranças e o conhecimento adquirido e reconstrói as experiências, individuais ou coletivas, em narrativas escritas. Para maior clareza, sua “insistência” em ser escritor resplandece pelo viés da “predestinação que Deus me/lhe deu”, pela satisfação do exercício da escrita e no ensejo de perpetuar o seu “grande amor pelo sertão”, como afirma em “Meus bisnetos” (Livro 49, p. 151): “Desde meninote fui assim: um enamorado, em grau muito elevado, das paisagens sertanejas, portanto, dos mistérios das coisas charruas”. Graças a essa “predestinação”.

Todavia, há no conjunto de sua obra uma amostragem significativa da formação do sul do Mato Grosso do Sul e das muitas relações do homem com o meio, ainda, a desbravar. Uma dessas relações revela-se no paradoxo sentimental que vive o homem em trânsito – aquele que vem e vai – oferecendo seu precioso trabalho braçal em troca de pouco mais do que um rancho e alimentação diária.

“O autor – João-ninguém da poesia e da prosa –”, como ele mesmo se auto denomina ao proferir seu discurso de posse na Academia Mato-Grossense de Letras, diz, primeiramente, quem é, pela constituição do local:

Eu sou o homem fronteiriço que na infância atribulada recebeu nas faces sangüíneas os açoites desse vento, vadio haragano, que, no afirmar da lenda avoenga, nasce nas terras incaicas, num recôncavo do mar, varre o altiplano boliviano, penetra o imenso aberto do Chaco paraguaio, para depois, exausto do bailado demoníaco, numa cólera e estrupício de tormenta, arrebentar, cortante e gélido, na cidade de Ponta Porã, a Princesa da Fronteira, sentinela avançada das terrarias mato-grossenses. Eu vim dos ervais, meus irmãos, dos bailados divertidos, dos entreveros dos bolichos das estradas, do mais hirsuto da pailama seca, do pôr-do-sol campeiro, dos doutos, das encruzilhadas e das distâncias perdidas. (Livro 49, p. 149).

Ser homem fronteiriço significa sorver, tragar, ser açoitado pelos ares avoengos que vêm de muito longe e trazem o gélido para a região mais fria do Mato Grosso do Sul, devido à localização. O sujeito que ali está recebe o que vem de fora em seu estado de ser local. Com isso, entre o vento que veio e o vento que estava instaura-se uma nova sensação climática. Um outro possível reconhecimento.

Metáfora de um entre-lugar constituída pela possível relação entre o chegante e o nativo, os quais irão povoar a fronteira, como veremos no segundo capítulo.

De início, no discurso de posse, já podemos notar a ideia de diferença dos “ares” fronteiriços, além daquilo que, ao contrário do autor, nasceu fora do espaço de fronteira, o vento que vem das Cordilheiras dos Andes e adentra fronteira. Não é o vento habitual, é diferente, embora seja reconhecido pelo que está distante de onde o vento se originou. É o vento típico da fronteira – Ponta Porã, Bela Vista... – O fronteiriço reconhece essa atipicidade em relação ao restante do Estado, devido ao calor intenso. A fronteira se faz diferente não só pela exposição geográfica, em relação ao restante do Estado, mas transfigura-se em além espaço físico ao tratar de aspectos sócio-culturais representados nas histórias ficcionalizadas.

A continuidade do discurso de posse auxilia-nos a principiar com reflexões advindas de Achugar (2006, p. 314):

O arquivo, a tradição, a filiação, a genealogia, o testamento, o legado são formas de estabelecer vínculos: sou filho de, natural de, familiar de, amigo de; esses são meus herdeiros, meus descendentes, meus filhos, meus alunos. Mas, também, são formas de conseguir desvincular-se. Se sou daqui, não sou de lá [...]. Se creio em Maomé, não creio em Jesus, se tenho a pele branca, não sou negro, se asiático. Mas essa é a forma fácil. Há vínculos mais complexos. Sou alfa e ômega, branco e preto, homem e mulher, canhoto e destro.

À maneira de Achugar, indagamos: Se eu sou assim como será o outro? “Há um “eu” e há também esse Outro “eu”, esse outro sujeito que é o Outro”. A afirmação da identidade perante a Academia de Letras/Cuiabá-MT em noite solene “Eu vim dos ervais [...] do fogo dos barbaquás, do canto triste e gemente dos urus, dos entreveros dos bolichos das estradas [...] Eu sou filho da *jungle*²³, sou gaudério de todos os pagos,...e cria de todos os galpões da terra” (Livro 49, p. 149) poderá revelar a incorporação do outro, do todo representado no/pelo escritor. Para Achugar, “Uma forma de pensar no tema do ‘todo’ passa pelas noções que falam de ‘discursos minoritários’, de ‘línguas’ ou ‘literaturas menores’, de ‘culturas de resistência’, de ‘legitimação’, de ‘aceitação’ [...] (p. 317); sustentamos que essa

²³ Serejo usa por diversas vezes o vocábulo em Inglês, *jungle*, que significa “deserto, floresta, terra inculta”, do sânscrito Jangala-s “árido, pouco crescido com árvores”. Sentido específico de “terra coberto por vegetação em um emaranhado selvagem” é registrado pela primeira vez em 1849. (?).

representação evidencia-se na obra de Serejo, quando este assume sua identidade perante a sociedade dos confrades e confreiras.

Ao assegurar “Serei aqui, caboclo rústico, de gestos desengonçados, homem fronteiro que foi embalado na infância pelo vento haragano vindo de terras distantes índio cruzador de todos os pagos...” (Livro 49, p. 18) Serejo resgata a memória dos esquecidos, dos que vivem à margem – e faz da minoria, uma representação majoritária por meio do fortalecimento de suas origens, da sustentação de que ser “misto” (“fui, no perpassar inexorável do tempo, obreiro de crença, fé e esperança, fui, também, imagem viva de desesperança, revolta e sofrimento” (Livro 49, p. 17) agrega em si, não apenas o “eu”, mas, sobretudo, traz consigo o vão para investigar o “outro”, daquele que veio “[...] dos entreveros da fronteira, dos ervais sombrios, dos caminhos perdidos, do pôr-do-sol que magnetiza, dos galpões das estâncias, do chão poirento e das encruzilhadas”. (p.19). Entretanto, há vão para outras leituras além do homem “sou” e “serei”, se considerarmos que este se forma pelas relações que trava, ao longo, da vida, com o outro e o outro com ele. Isso não significa, tão somente, o estreitamento do diálogo face a face, prática interlocutória. Resulta ainda na dialogização interna da palavra; na palavra em uso está o discurso do outro que se fez em mim. No discurso de Serejo, enunciador, está o discurso de outros, ressoam vozes constitutivas nas marcas afirmativas de presente e futuro.

A insistente afirmação clama pelo reconhecimento do que não sou. Eu sou aquilo que eu sou e não aquilo que a Academia acha que eu não sou. Aqui, eu sou facetado e sou inteiro porque me faço acadêmico e não deixo de ser. “Sou misto, também, de índio vago, cruza-campo e trota-mundo” (Livro 49, p.150). Se assim eu sou, então, está na academia um homem e sua identidade. A cadeira de número tal será ocupada por um sujeito sob cuja palavra há outras palavras, outros homens, os quais também farão uso da palavra pelo discurso de Serejo.

Seu discurso é entremeado pela posição de todos somos filho de alguém, tinha procedência – Dom Chico Serejo – dono de ranchada, com a posição das experiências nas funções ervateiras exercidas, por onde passou, foi “[...] um pouco de tudo: guaino, uru auxiliar, condutor de arrias, percheleiro, fazedor de puchos, atacador, custureador, provistero, cuestero, comissário e até moyordomo.” (Livro 50 p. 217), bem como, pela sua história de boa amizade com os senhores fazendeiros e

políticos, que viviam na fronteira, com os quais Serejo continuou mantendo relações, mesmo afastado do convívio local.

Este permear deixa passar os contratos necessários para viver bem em ambiente onde a Lei se faz lei a partir da força da ordem: “A ordem que elas – patrulhas volantes – recebiam não variava nunca: prender, se possível; ou matar, caso houvesse tentativa de fuga...Acontecia que o malfeitor encontrado sempre tentava fugir” (Livro 38, p. 44). Com isso, a sabedoria de Serejo está em não afrontar os que estão em seus postos de comando, mas em eleger para suas histórias, com mais intensidade, aqueles que, como ele, estiveram sujeitados ao convívio com “[...] *hombres valientes que no temiam La muerte* [...]” (Livro 38, p. 45), tendo, quase sempre, o cenário fronteiriço como grandiloquente no intuito de respaldar as histórias de martírios e sofrimentos dos transeuntes de uma região fronteiriça entregue a toda sorte. No entrelaçar das histórias contadas e das esquecidas, sobressai a ação do colonizador sobre o colonizado; o segundo, acreditando que lhe foi dada uma grande oportunidade de trabalho tenha consciência de sua condição de explorado. Tanto que, em raras exceções ouviremos um ressoar de voz de personagens.

A relação de Serejo com as realidades em que esteve inserido: erval e cidade, oral e erudito, ervateiro e escritor – experiências que lhe renderam, segundo ele, ingrediente para suas narrativas –, leva-nos a reconhecer possíveis representações identitárias, ainda pouco estudadas nas literaturas locais, como é o caso do próprio fazer literário serejiano. Em seus textos, Serejo incorpora, ao seu português fronteiriço, vocábulos em Guarani, Espanhol, da região sulina do Brasil, entre outros.

Assim, a peculiar escritura fica sendo, segundo Barzotto (2009, p 32), muito mais do que um recurso poético ou um estilo do autor, uma vez que o processo de hibridação cultural vivenciado pelos fronteiriços transparece no texto, o qual passa a ser um instrumento de denúncia, de sobrevivência e garantia da posteridade de uma dada realidade, porque nela o registro da história se faz possível. Objetivo deliberadamente explicitado pelo autor ao longo da obra, como vemos em “O passado, em verdade, está presente, não morrerá nunca”. (Livro 49, p. 152).

Entretanto, mal sabia que, na sua condição de colonizado, descreveu muito mais do que “[...] o selvático, o descampado, os cômoros, os brejais infindáveis, [...] as sinfonias das taboas nos alagadiços, o barulho cantante da queda d’água no

coração das brenhas...[...]" (Livro 49, p. 152), uma vez que se manteve inserido no espaço-temporal, no espaço – de fronteira – e no tempo, em que a fronteira começou a ser povoada, revelando-se como um sujeito do entre-meio, da fronteira. Um homem que vem de longe e, paulatinamente, vai se firmando – ou não – no local, como bem diz: "Vim de longe, sou um misto de poeira de estrada, de fogo de queimada, de aboio de vaqueiro [...]" (Livro 49, p. 150). Um misto, um possível homem formado pelos contatos e desacordos, uma metáfora de sua própria obra.

Como se pode avaliar no trecho do discurso de posse, além do contexto territorial, Serejo transita pela fronteira linguística com muita fluência e naturalidade, tal qual o momento da produção da fala. As escolhas e combinações não interferem na compreensão do texto; ao contrário, abrem espaço para interpretar. Segundo Canclini (2003, p. 24), as relações de sentido se reconstroem nas misturas das partes estabelecidas por diferentes sujeitos em variadas situações. A inserção de vocábulos em Guaraní ou Espanhol metaforiza o convívio na fronteira territorial, reflete a hibridação e cria uma representação de um estado de fronteira incorporada ao texto, de tal forma que a tessitura revela a supremacia do fato histórico, uma vez que o narrador, embora fronteiriço, está contando um fato, do lado da *orilla* que ganhou a guerra. Por isso, o colonizado é o chegante paraguaio, sua participação no discurso é muito menor em relação ao brasileiro, embora também sobressaia sua descendência.

Para Campestrini (2008, p.231), "Hélio foi o trilhador de todos os caminhos [...] da região explorada, povoada, emancipada, pela Empresa Mate Laranjeira. Trilhador, porque, trabalhando com o pai como ervateiro, transitou por todas aquelas picadas...". Em noite solene, continua abrindo caminho por meio do qual a palavra em uso se tornará presente de um passado histórico que pouco aparece na história oficial, todavia, está na forma como Serejo organiza o contar.

Em particular, Serejo é a ponte que une passado e presente da identidade sul-matogrossense. Por isso, instiga-nos a pensar a trajetória de luta de um homem de pouco estudo formal perante a Academia, aparentemente desconfortável quando chega a um local pouco conhecido. Comporta-se, pois, como "legítimo bugre", contido, humilde; entretanto, a linguagem de seu discurso justifica o assento acadêmico.

Em *Trilhador de todos os caminhos: Vida e obra de Hélio Serejo*, livro que acompanha a *Obras Completas* de Hélio Serejo, Hidelbrando Campestrini conta:

Voltando, certo dia, de Santa Catarina para Campo Grande, senti-me na obrigação de visitar aquele velho amigo, em Presidente Venceslau. Foram poucas horas de conversa. Já quase nonagenário, muito lúcido, ao mostrar-me a coleção de seus escritos, deixou-me transparecer – o que não era comum nele – uma certa decepção pela falta de divulgação de seu trabalho. Ao despedir-me, no final do dia, prometi-lhe todo esforço para publicar aquilo tudo. Coloquei mãos ao trabalho, que durou quase quatro anos: digitar, revisar, conferir, pesquisar, padronizar a linguagem e, por derradeiro, distribuir os livros por volumes, diagramar e finalizar o conjunto.

Entrementes, animado com o resultado e com a edição próxima, Hélio Serejo doou os direitos autorais, em caráter definitivo, ao Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. (p. 07).

E conclui o seu texto de apresentação afirmando que o fez movido pelo interesse de “colocar à disposição do público a obra completa de Hélio Serejo, que já começa a ser estudada, principalmente em trabalhos de pós-graduação” (p.08).

Serejo tinha consciência de que sua produção destoava do modelo de obra cuja organização gira em torno de uma temática ou de um gênero textual, tanto que a metaforizou da seguinte forma, na introdução de “Balaio de Bugre²⁴”:

Por que o esquisito título de Balaio de Bugre para este livro? Contar-lhe-ei o motivo. Durante longos anos viajei pelo sul de Mato Grosso [...] Por várias vezes, nessas pousadas incômodas, notei o seguinte: um balaio velho, feito de lâminas de taquara, ficava ao lado do bugre mazoro. Qual o seu conteúdo? Quase incrível isto: atadinhos de trapo, chumbo, pólvora, raízes, folhas, milho-pipoca, semente de abóbora, carretel de linha, lenço de chita, pedra de isqueiro, colher, faca, cuia de porongo, pedaço de rapadura, mandioca, pena de arara, unha de gavião, dente de onça e mil bugigangas. Assim sendo, muito bem fica-lhe o título. Está de acordo com seu conteúdo. Muito de acordo mesmo. E por acaso, não é o autor, bugre também? Bugre legítimo com arremedos de homem civilizado. (Livro 39, p. 93).

O esclarecimento do “esquisito título” justificado pelo próprio autor, leva-nos a inferir, em específico, posições de sujeito conhecedor de padrões tradicionais, de posições conservadoras, sobretudo, dos possíveis leitores imediatos de seus

²⁴ O termo bugre originou-se num movimento herético, na Europa, durante a Idade Média, representando uma força contrária aos preceitos ditados pela ortodoxia da Igreja. Surgiu no século IX, na Bulgária, tendo sido batizado como bogomilismo, inspirado no nome do padre Bogomil, considerado fundador da seita herética. Aos poucos, no Mundo Ocidental, o sentido da palavra bugre vai se transportando de um mundo religioso para um mundo profano, levando consigo a ideia do bugre como o devasso, o sodomita, o pederasta, o infiel em que não se pode confiar, que representa a porção mais baixa da sociedade européia. (GUISARD, 1999, p. 92)

“livrinhos”. Ao metaforizar, eleva a significação do livro, uma vez que o relaciona contextualmente e dá um caráter de originalidade, legitimando o título com a identificação identitária: “E por acaso, não é o autor, bugre também? Bugre legítimo com arremedos de homem civilizado”.

Texto, contexto e autoria estabelecem uma cadeia semântica construída não pelos aspectos das escolhas e combinações sintáticas. Projetam-se, por meio dos elementos do discursivo, sobretudo, o contrato de “como” o título foi escolhido e de “onde” foi resgatado – elementos externos, integrados aos internos. Esse resgate produz a recriação de uma realidade, um hábito, um costume, uma crença que passa a transitar de forma poética pelo desuso da plasticidade verbal em detrimento da imagem ideológica produzida no conjunto dos retalhos textuais que integram “Balaio de Bugre”. A possível miscelânea é um balaio de bugre, não é uma miscelânea, pois um balaio de bugre é a representação máxima da identidade diáspórica a ser abordada no terceiro capítulo. Defendemos que estar entre fronteiras geográficas – Ponta Porã-Brasil e Ponta Porã, como dizia Wilfrido Brizueña²⁵ - irá propiciar uma literatura de fronteira se tomarmos uma ideia de Hall (2003, 13): “[...] à medida em que sistemas de significado e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.” A identificação de que fala Hall poderá ser compreendida no questionamento/resposta – “E por acaso, não é o autor, bugre também? Bugre legítimo com arremedos de homem civilizado” – como um prenúncio de identidade, de reconhecimento das diferenças ou até, mesmo, da formação – contínua – do andante em estado constante de hibridez.

Assim, aquilo que poderia aparentar um modesto título, misto de justificativa e explicação, configura-se em um retrato que perpassará quase cem textos, como se cada “De tudo um pouco” do livro “uns atadinhos de trapo, chumbo, pólvora, raízes, folhas, milho-pipoca,...”(Livro 39, p. 93) tivesse uma unidade, mesmo constituída por textos diversificados, agradecimento ao crítico, palavras a um morto, a morte do último dos Lopes, crendice, oração, ditos, pensamentos folclore, quadra, palestra e muita história de história ouvida e contada por onde andou e viveu. Além do expressivo e extensivo título, Serejo rompe com padrões ao apresentar sua

²⁵ Os moradores mais antigos, como Brizueña, não se referiam ao nome de Pedro Juan Caballero. Usavam como anunciamos na passagem transcrita.

própria obra e perpetua o hábito do indígena de guardar objetos, aparentemente, sem utilidade em um balaio. Os objetos ganham unidade ao compor o todo do balaio, ao se integrarem ao conjunto de coisas encontradas em tempo e espaço diferenciados, tal qual ao tradicional discurso de posse: “Eu vim de longe, sou um misto de poeira de estrada, de fogo de queimada, de aboio de vaqueiro [...]. Sou misto, também, de índio vago, cruza-campo e trota-mundo” (Livro 49, p. 150).

Em *Astúrio Monteiro de Lima: Um exemplo de homem* (Livro 40), em nota *A fala do autor*, Serejo informa que a sua vida nas letras tem sido a mais variada possível. Nesta nota, já não usa a metáfora para descrever os gêneros produzidos como fez em *Balaio de bugre*. Proclama que fez “de tudo um pouco”:

Novela íncola, conto, folclore, lendas, mitos, abusões, poemas, sertanejos, versos xucros, paisagismo, prosa crioula, sonetos, narrativa campeira, poemetos, histórias verídicas, fatos históricos, crônicas folclóricas e campesinas, descrição charrua, modismo, trovas, crendices, paisagens fronteira, falação cabocla, pesquisa de crioulisto, poesia de evocação, acrósticos, poemas em prosa, ditos e composições poéticas variadas, desde o metro de duas sílabas até o de doze, ou alexandrino. (p. 235).

Serejo foi “[...] curioso, autodidata, lia tudo que estava ao seu alcance...” (Campestrini, 2008, p. 1), leitor pesquisador como já foi apresentado. Sua produção transita em descrição da paisagem; quando retrata, reflete a própria imagem, já que não se exclui da cena retratada. Às vezes, coloca-se a narrar a trote, a pé ou de carreta, mas sempre, inserido no local, no modo de vida do fronteiro ervateiro, na vida campeira: “Passarão por estes poemas em prosa – tropilha da pátria primitiva – os gemidos da carreta manchega, o cântico do homem andejo, astúcia do índio vago, a roda para o chimarrão da amizade, o fogo das queimadas e a paisagem de todas as querências...” (Livro 11, p. 09).

Quase sempre justifica a sua temática tendo como base o viver “[...] de homem da sertania, pois foi escrito pela pena nativista de alguém que tem dentro d’alama a imagem fulgurante da tradição campeira”. ... (Livro 11, p. 09) ou, ainda, em discurso de posse na Academia Matogrossense de Letras: “Procurei cantar com ternura e suavidade as belezas incomparáveis do sertão, envaidecido, tropel de tropilha crioula e índio haragano as paisagens coloridas das estâncias.” (Campestrini, p.18). Para Salles (1993, p. 182), boa parte do regionalismo

novecentista deforma a realidade rural, pois a visão ficcional do escritor é feita de fora, o autor regionalista comporta-se como um deslumbrado e exalta o espaço físico de forma eufemística, com olhar europeizado. Como se a vida da roça fosse vista pelo turista urbano, não há integração com as partes que compõem o todo da narrativa. Sobressai o cenário, o pitoresco da natureza, sem que tenha a movimentação humana. Nas narrativas estudadas, o narrador se integra ao trágico da vida no erval.

Em *Pialo Bagual* (Livro 7, p. 167), Serejo apresenta o livro metaforizando a ação de escrever como o ato de laçar o cavalo ou animal quadrúpede pelas patas dianteiras, no momento em que está em movimento. Serejo metaforiza: “Neste livro vão pialos de todos os tipos; só que não são, em absoluto, pialos desferidos por mãos de campeiro mestre. Que todos tenham complacência para com o mau pialador”, (p. 167). Quase, sempre, em posição de humildade poética, Serejo sente necessidade de afirmar, de forma carinhosa, o quanto a obra, ainda, é incipiente, tanto que recorre aos aspectos temáticos em detrimento ao estético, embora se incorporem ao longo da obra. Para ele, “*Pialo Bagual*...ficará, como ficaram os outros, por ser fagulhas da poesia, da prosa e da tradição” (p. 167).

A voz cândida que estabelece comparativo de sua produção “fagulhas de poesia” com a “poesia tradicional” permite-nos recuperar a lucidez poética de Serejo. Mais, ainda: sua humildade não tira de foco o cânone. Seu reconhecimento abre espaço, sem concorrência, para aqueles que estão à margem, no caso, ele próprio. Daí, elegermos Serejo como autor que construiu uma “picada” para transitar no contexto urbano e acadêmico, para estabelecer relação amigável, sem espaço de disputa. Reconhece que não chega, embora se esforce, a combinações conforme o modelo consagrado de fazer literatura. Entretanto, não deixa de produzir e ousa fazer-se poeta, escritor, não só memorialista, ao voltar o olhar de sujeito compromissado com “pessoas desimportantes” como diz Barros (1990, p. 23). Pessoas que foram para sempre dispersadas – geograficamente - de sua terra natal, segundo Hall (2003) que tiveram que aprender a intercambiar de tudo um pouco.

Ainda, em “A fala do autor”, na obra *Astúrio Monteiro de Lima: Um exemplo de homem*, escreve sobre sua produção: “De tudo fiz um pouco. Não por erudição. Gauderando, lendo e lendo infatigavelmente, fui juntando as imagens e as guardava avaramente, num cantinho da mente, para depois, envaidecido, a produção foi se

encorpando incessante [...]” (Livro 40, p. 235). Serejo reconverte, com isso, um processo literário em constante estado de hibridação.

1.3 PELAS ORILHAS DA CRÍTICA DE MÃO EM MÃO

*Ao juízo do público
e da crítica entrego,
pois, o seu destino.
(Livro 34, p. 24)*

Como já foi evidenciado em algumas passagens transcritas, Serejo se preocupava com a recepção de seus livros “Se mal recebido for este trabalho, por suas possíveis falhas, não deixará o autor vencer-se pelo desânimo, pois tem certeza de que fez pensando ser útil a Mato Grosso e ao Brasil” (Livro 08, p. 229). Essa preocupação é recorrente em Puiggari “[...] desvendar aos olhos do governo e do Brasil, esse mundo desconhecido que é a fronteira com o Paraguai, dizendo as cousas como ellas são e unicamente dentro dos limites da verdade” (Puiggari, 1933, p. 7).

Serejo não se deixou vencer pelo desânimo, nem questionou a “utilidade” prestada. A prova é o conjunto de sua produção, assim avaliada por Povoas e citado por Reis:

Quem se dispuser a um estudo do desbravamento do extremo sul do antigo Estado de Mato Grosso, da região lindeira com a República do Paraguai – hoje estado de Mato Grosso do Sul – não poderá prescindir de uma consulta à obra polimorfa do escritor Hélio Serejo. A penetração dos colonizadores naquele outrora agreste sertão, a aspereza da vida naqueles ermos, a psicologia dos homens de aço, que o povoaram, seus hábitos, as lutas do seu dia-a-dia, sua literatura, sua música, seu folclore, seus abusões, tudo está retratado em seus livros com pinceladas firmes, vigorosas e de absoluta fidelidade. (1980, p. 115).

Nos vãos dessa polimorfia estão possíveis unidades – muitas vezes, díspares – que elevam o conjunto da obra, em se tratando de um inexistente projeto literário – porém de relativa regularidade produtiva –, mas que surpreende pelo fio condutor da voz que conta por meio de variados, fragmentados e recriados gêneros textuais. O recurso explicativo ou justificativo realizado pelo autor ao lançar uma obra

potencializa a sua relação com o lócus enunciativo revelando o posicionamento do sujeito crítico que se reconhece “cascalho no meio de esmeraldas” (Livro 13, p. 179). Nem por isso, deixa-se abater, “é um esforçado”. Sobressai, ainda, a satisfação de ser reconhecido, e, embora não o sendo, continuará escrevendo.

Na última página de *Prosa Rude* (Livro 13, p. 179), em *Palavras finais*, Serejo inicia a nota transcrevendo – sem indicar a fonte, apenas autoria – um texto em que o professor Othoniel Mota, autor de *Selvas e choças* se queixa da forma como os livros são recebidos pela crítica: “[...] Se o autor não tem camarilha literária e é um desconhecido no meio social, o seu livro geralmente fica no silêncio”. De forma abrupta, posterior ao desabafo do professor Mota, Serejo questiona o leitor:

Eis aí o livro. Bom? Sofrível? Péssimo? O qualificativo pouco importa. Se péssimo, irei trabalhar para editar outro um pouco melhor. Se sofrível, fico em parte pago pelas minhas longas noites de vigílias...

Ele aí fica. Acanhado. Humilde. Insignificante. Repleto de senões gravíssimos. Sem gramática. Sem ortografia. E muitas vezes de linguagem rude e grosseira. Mas isto tudo pouco importa: o sacrifício e a boa vontade falarão mais alto.

Ele aí fica: é uma espécie de cascalho no meio de esmeraldas e de safiras (Livro 13, p. 179).

Na nota, apela para que o leitor se posicione e enumera aspectos pouco apreciativos do livro que, caso o leitor permita, “o sacrifício e a boa vontade falarão mais alto”. A ideia de sacrifício cunhada no mundo cristão permite-nos inferir que Serejo se coloca como alguém que oferece algo, o livro, como um presente; para tanto, sacrificou-se, sofreu e merece ser reconhecido pela tentativa, muito mais do que pelo texto em si.

Assim, a voz sertaneja de sujeito simples que gosta de escrever e busca o público, respalda-se em Candido (2006, p. 21) ao defender: “Ora, todo processo de comunicação pressupõe um comunicante, no caso o artista; um comunicado, ou seja, a obra; um comunicando, que é o público a que se dirige; graças a isso define-se o quarto elemento do processo, isto é, o seu efeito.” Faltando o efeito, não há obra. O “sacrifício”, as longas noites de trabalho exaustivo, os estudos para aprimorar a escrita, ficam meio em vão, sem valor. Antônio Candido (2006, p.48) é taxativo neste aspecto: a obra só está acabada no momento em que repercute e atua. Serejo sofria dessa dor de busca do leitor. Candido afirma, ainda:

Se a obra é mediadora entre o autor e o público, este é mediador entre o autor e a obra, na medida em que o autor só adquire plena consciência de sua obra quando ela lhe é mostrada através da reação de terceiros. Isto quer dizer que o público é condição para o autor conhecer a si próprio, pois esta revelação da obra é sua revelação. Sem público, não haveria ponto de referência para o autor, cujo esforço se perderia caso não lhe correspondesse uma resposta, que é definição dele próprio. (CANDIDO, 2006, p. 48).

Esforço e sacrifício para se achar em si mesmo. Um espelho que reflete pouco, tendo em vista alguns aspectos, tais como: a pouca consciência histórica do leitor brasileiro, conseqüentemente, o desinteresse por obras locais – O Estado há pouco começou a levantar a sua história; a produção empírica e sem planejamento; a ausência de meio de comunicação efetivo que pudesse divulgar a obra. Serejo enviava seus textos aos amigos e conhecidos dos amigos, via Correio –, o círculo fechado das academias literárias – a diversidade de gêneros – biografia, carta, narrativas, poemas, sem que tivesse adotado uma estrutura ao gosto do pretenso leitor da época. Por certo, um aspecto preponderante, de ordem estética, advém da temática de fronteira e da forma transparente como contava os fatos, muito próxima à realidade dos inúmeros analfabetos que estiveram nas histórias dos ervaais.

Candido salienta, ainda, que:

[...] o escritor se habituou a produzir para públicos simpáticos, mas restritos, e a contar com a aprovação dos grupos dirigentes, igualmente reduzidos. Ora, esta circunstância, ligada à esmagadora maioria de iletrados que ainda hoje caracteriza o país, nunca lhes permitiu diálogo efetivo com a massa, ou com um público de leitores suficiente vasto para substituir o apoio e o estímulo de pequenas elites. (2006, 94-95).

Em parte, Serejo comunga com essa triagem, sobretudo, porque sua obra esteve, por muito tempo, presa aos fatos de sua vida pessoal e aos fatos históricos de um tempo “abandonado”.

Outra incidência de tentativa para se estabelecer relação com o leitor, pode ser avaliada na forma como o próprio autor apresentava, em boa parte, seus livros, embora, quase sempre, tenha um prefaciador. Serejo, mesmo em *Poucas palavrinhas*, fala ao leitor de sua pretensão. É o caso em *Poesia mato-grossense*, quando conclama: “Que a crítica e o público o julguem como melhor lhes parecer!” (Livro 16), assim como em *Carta de Presidente Venceslau ao cumpadre Ansermo*

(Livro 20, p.261), aberta com poema de 104 estrofes, estabelecendo relação mais afetiva com o leitor: “Este livro de versos galhofeiros pertence a você, meu querido amigo de Presidente Venceslau. Escrevi-o na intenção sincera de agradá-lo.”

Considerável, ainda, é o tom de humildade muito presente, como em: “[...] coloco, humildemente, nas mãos de meus patrícios.” (Livro 22, p. 9) ou em *Vida de erval*:

Quando o surrão é grandalhão, de fundo chato, sem dobras, lisito como barriga de pitão de sertanejo caprichoso, vai no bojo da carreta, muito importante, atado no gancho de travessão-macho e sempre do lado esquerdo para dar sorte.

[...]

Se ele, o surrão crioulo, guarda de tudo em seu bojo, deve guardar também, avaramente, nestes modestos livros crioulos, os frutos das minhas pesquisas e tudo aquilo que a imaginação produziu.

Assim, abraçado meigamente ao meu surrão crioulo, eu me sinto como o caboclo feliz. Imensamente feliz. (Livro 23, p.65).

A associação da vida campeira à escrita é uma constante na produção de Serejo, bem como o desejo de demonstrar ao leitor seu sentimento de satisfação por ambas. Entretanto, a voz queixosa deixa vaziar “os modestos livros crioulos” que não foram lidos, já que estão guardados, segundo o autor ou “sumiram” com eles, como confidencia Serejo, na ocasião em que informamos, por carta, o desejo de pesquisar sua obra: “Veja na Academia de Letras, Rui Barbosa [...] quantos livros estão catalogados. Sei que deram sumiço em vários. Relacionar pelo título. Tentarei ajudá-la.”²⁶

Nos textos em estudo, Serejo é porta-voz do homem físico, mão de obra necessária “[...] no desbravamento da pátria primitiva.” (Livro 18, p. 210). Tem-se, então, rememorado, parte do que viveu e conviveu: “O conteúdo deste livro é filho desse andejo sublime, razão pela qual é uma ronda, matizada pelo entardecer.” (Livro 46, p. 9). Todavia, o conteúdo dos livros, em sua maioria, não estabelece relação com um público leitor específico.

Para Candido existem dois tipos de arte, a de agregação e a de segregação, as quais direcionam a possível recepção de uma obra. A primeira visa a um público coletivo alcançado pelos meios de comunicação e, de uma forma ou de outra, reforça simbologias vigentes. Já a arte da segregação não está ao gosto do público

²⁶ Carta resposta recebida de Hélio Serejo, datada de 07 de novembro de 2001. Acervo pessoal.

vigente e pode não ser aceita, muito menos cotejada, já que poderá conter perspectiva do “novo” e causar relativo distanciamento do leitor de massa.

Ao apresentar *O tereré que me inspira* (p.165), Lenine Póvoas critica: “Pena é que a chamada grande imprensa deste país, que gasta tinta e tanto papel promovendo inutilidades e dando-lhes dimensões nacionais, desconheça a preciosa obra do ilustre matogrossense-do-sul (Livro 53, p. 165).

Roig, autora da obra *Estampa*, no prólogo de *Pialando...no más* (Livro 38, p.13) apresenta Serejo como:

De atividade intelectual talentosa, suas copiosas obras escritas, fruto de trabalhosa dedicação são os melhores dos documentos que contêm detalhes importantíssimos de toda ordem sobre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero que dificilmente se igualará em variedade e extensão ao que constituem um verdadeiro tesouro como fonte de investigação²⁷.

Catalina Roig julga extraordinária a obra de Serejo, evidenciando o documental e a fonte de investigação, já que os textos de “Pialando ...no más” giram em torno do contar de hábitos e costumes dos habitantes de duas localidades fronteiriças, demarcadas por apenas uma linha imaginária: “Dia de *carrera*, a cancha ficava apinhada de gente, desde *muchachitos*, hasta *viejitos de pasos vacilantes y miedrosos*. Dia de corrida era dia de negócios, tanto no lado brasileiro como no paraguaio” (Livro 38, p. 19).

Para Joaquim Ribeiro²⁸, em pequena nota introdutória de *Pialando ... no más: Uma homenagem de carinho a Ponta Porã e Pedro Juan Caballero*, diz das tradições populares. Reconhece, assim, Serejo como autor à margem do processo tradicional:

²⁷ De actividad intelectual portentosa, sus copiosas obras escritas, fruto de afanosa dedicación son las mejores documentales que contienen detalles importantísimos de todo orden sobre Ponta Porá y Pedro Juan Caballero que difícilmente se logrará igualar em variedad y extensión y constituyen um verdadero tesoro como fuente de investigación.

²⁸ Existe entre La Historia y El folklore una analogia con el destino de dos hermanos gemelos que se repelen. Uno de ellos es el hermano rico. El outro, el hermano pobre. En ambos, sin embargo, core la misma sangre humana. Fue necesario que surgiese una nueva orden de cosas para que las tradiciones populares mereciesen la atención de los cientistas...Y, desde entonces, junto a la História, toda civilización fue revelada em su aspecto popular y tradicional.

Existe entre a História e o folclore uma analogia como o destino de dois irmãos gêmeos que se repelem. Um é o irmão rico. E outro, o irmão pobre. Em ambos, no entanto, correm o mesmo sangue humano.

Foi necessário que surgisse uma nova ordem das coisas para que as tradições populares merecessem a atenção dos cientistas...E, desde então, junto da História, toda civilização foi revelada em seu aspecto popular e tradicional. (Livro 38, p. 13).

O amigo elucida a polêmica enunciada cuidadosamente por Canclini:

Assim como não funciona a oposição abrupta entre o tradicional e o moderno, o culto, o popular e o massivo não estão onde estamos habituados a encontrá-los. É necessário demolir essa divisão em três pavimentos, essa concepção em camadas do mundo da cultura, e averiguar se sua hibridação pode ser lida com as ferramentas das disciplinas que os estudam separadamente: a história da arte a literatura que se ocupam do “culto”; o folclore e a antropologia, consagrados ao popular; os trabalhos sobre comunicação, especializados na cultura massiva. Precisamos de ciências sociais nômades, capazes de circular pelas escadas que ligam esses pavimentos. Ou melhor: que redesenham esses planos e comuniquem os níveis horizontalmente (2003, p. 19).

Daí, investimos naquilo que Canclini (2003, p. 23) defende “[...] da mesma forma, o popular não se define por uma essência *a priori*, mas pelas estratégias instáveis, diversas, com que os próprios setores subalternos constroem suas posições”, levam sua produção à academia, no caso de Serejo, e com ele foram “os outros”, personagens de histórias periféricas muito parecidas com as histórias verídicas a que Reis em nota de prefácio de *Pelas Orilhas da Fronteira* conclama o leitor: “[...] iniciemos nossos momentos de boa leitura, lendo casos contados por um escritor que é nosso, sobre fatos que dizem respeito ao nosso passado já meio longínquo, à nossa gente, à nossa querida fronteira.” (p.101).

O reconhecimento possessivo atribuído ao que é “nosso”, pode ser associado ao que Freitas discute em relação ao texto cuja temática central está situada em fatos da História. O traço identificatório entre texto, autor e leitor pode vir do conhecimento que o leitor possui do tema histórico que norteia a obra, já que História é um conhecimento público. Com isso, cria-se a possibilidade de relação muito particular entre o escritor e o leitor, pois ambos conhecem os fatos da História. Esse argumento fundamentado por Freitas (1989, p. 09) diz da recepção dos seletos

amigos leitores da obra de Serejo, “[...] o universo referencial é conhecido por ambos, e o leitor terá o direito de utilizar suas referências culturais na leitura e/ou no julgamento da obra”. Ação que podemos notar com muita evidência e significativa extensão nas cartas recebidas por Serejo, quando seus amigos e leitores avaliam a obra recebida/lida, uma vez que conhecem a realidade externa, como elucida o poeta Ney Ocon Braga ao prefaciар *Paisagem Sertaneja* (Livro 36, 209) “Trata o livro de documentário valioso: de um registro histórico de uma parte do Brasil, vanguardeiro e sentinela avançada de muitas fronteiras”. Continuando, o prefaciador diz da “[...] pureza do verbo [...]. Quer descrevendo o João-pobre nas lides de sua difícil e teatral existência, quer narrando seus feitos que se emaranham no contexto, nos momentos garimpados na vivência e observação do autor”.

Considerando as inúmeras evidências do cruzamento histórico com o estético, sobretudo, reconhecido, em sua maioria, pelos leitores acadêmicos, retomamos a continuidade do argumento de Freitas sobre a fronteira ambígua que separa o real do ficcional, a qual transparece na recepção dos “amigos leitores”. Com isso, engrossamos argumentos a favor da dupla realidade contida nas narrativas estudadas. Como bem enfatiza Freitas (1986 p. 10): “[...] uma natureza híbrida, a meio caminho entre a Literatura e a História.”

Caio Porfírio Carneiro ao se referir à produção do escritor sul-matogrossense considera que “além de ficcionista, poeta, cronista, folclorista, é também, e em particular, historiador. Não o que se aproxima da didática. Mas o outro, o que vive a História [...]”. Argumenta, ainda, que Serejo “consegue tudo isso com ciência, consciência e raro talento”. (Livro 30, p.97) Esse talento pode ser compreendido, a partir de Freitas, como transfiguração da realidade, já que “a arte é uma modalidade do imaginário, e o imaginário não reproduz a realidade exterior, mas a transforma, e, mais longe ainda, transfigura-a” (p. 113). Em *Vida de Erval* (Livro 23, p. 65), Hélio Serejo reafirma que seus modestos livros são frutos de pesquisas e de tudo aquilo que a imaginação produziu.

A função de historiador atribuída a Serejo pode ser respaldada em Barthes (1988, p 146), para quem: “Parece que o discurso histórico comporta dois tipos de *embreantes*. O primeiro tipo reúne o que se poderia chamar de *embreantes* de escuta”. Este aspecto aparece no discurso de Serejo, pois ele usa o seu próprio testemunho na construção da narrativa. Com isso, difere do discurso que possui um informante para narrar – segundo embreante. A voz que conta em primeira pessoa

“Assisti ao dilúvio de preparativos para o retorno, após *una noche bien farriada...Convivi* com essa gente mesclada. Rude. Violenta. Desrespeitadora” (Livro 23, p. 144), exerce dupla função: a de presentificar o que está sendo dito e a de retomar o ocorrido. Serejo reitera, então, o fato possível de ter ocorrido pela via do testemunho, da voz de quem diz ter presenciado, atribuindo caráter de verdade, embora não seja mais o fato ocorrido, mas o contado. Tanto que, para Carneiro (Livro 30, p. 97), a obra de Serejo tem preocupação “sempre com a verdade, com o testemunho de seu tempo.

Ainda para Caio Carneiro, “Hélio Serejo é um permanente trabalhador das letras. Não daqueles que se enclausuram entre quatro paredes, voltados às elucubrações mentais: “É daqueles que fazem da Arte escrita uma força dinâmica e criadora, nascida da observação direta com o meio e seus tipos humanos, no qual vive e com os quais convive” (Livro 30, p. 97). Carneiro reconhece o traço peculiar de Serejo referente à relação do autor com o contexto de que trata em suas narrativas. Reis reconhece em Serejo uma literatura que recupera a história desconhecida ou esquecida:

As histórias que nosso escritor regionalista, folclorista e poeta, nos narra têm todas fundo verídico. Nesse tipo de narração Hélio Serejo se fez mestre, retratista com palavras diretas, por vezes duras, como dura e pesada foi a vida dos que ele nos apresenta com impressionante autenticidade. Tudo isso, para nós, antes dos escritos de Hélio Serejo, era o mundo ignoto. Assim, não fora Hélio, quem irá saber da existência do convertido, simpático e prestativo Viejito Poincaré. (Prefácio Elpidio Reis, p. 101) (*Grifo nosso*).

Novamente, a verdade é colocada em destaque; a obra de Serejo tem “fundo verídico” (Livro 30, p.101). Todavia, o espaço entre o fundo verídico e o ser verídico preenchido pelo ato de narrar do sujeito inserido na circunstância, possibilita discutirmos o que defende Santiago, (2000, p. 10) “[...] que o “real” e o “autêntico” são construções de linguagem”. Portanto, recriação do real, não mais o fato em si, já que “Não existe fato em si. É sempre preciso começar por introduzir um sentido para que haja um fato”, (Nietzsche apud Barthes, 1988, 155). Se não existe fato em si, o valor de verdade e de autenticidade passa pela construção do sujeito que conta o fato.

Para White (1994, p. 122), as narrativas históricas não são apenas modelos de acontecimentos ocorridos no passado, uma vez que passam por relações de

semelhança possíveis de ocorrer: “[...] a escrita pós-moderna da história e da literatura nos ensinou que a ficção e a história são discursos, que ambas constituem sistemas de significação pelos quais damos sentido ao passado”. Segundo o autor o sentido e as formas não estão nos *acontecimentos*, mas encontram respaldo nos sistemas que transformam esses “acontecimentos” passados em “fatos” históricos presentes. White observa que isso não é um subterfúgio para negar a verdade, “mas um reconhecimento da função de produção de sentido dos construtos humanos”.

Taborda, citado por Reis (2008, 111), enfatiza a capacidade que Serejo tem de criar imagens, com as quais consegue prender o leitor, sobretudo quando descreve uma paisagem ou narra fatos da vida campeira: “Que vigoroso escritor regionalista possui o estado de Mato Grosso do Sul!” (p. 115). Otávio Gonçalves Gomes também reconhece o valor regionalista dos textos de Serejo, sobretudo, em *Surrão Crioulo* (Livro 44, p. 56): “Somente um regionalista apaixonado encontra poesia e inspiração em assunto tão árido como um surrão de couro [...]” (Livro 44, p. 117). Há, ainda, os amigos e confrades que avaliam o vigor, a brasilidade, o “sertanismo” dos textos de um autor que “Não seguiu caminho de ninguém”, de um autor que, segundo Gervásio Leite (p. 119) reflete em seus livros, com muita fidelidade, o regionalismo, o folclore, o campeirismo e a vivência crioula de Mato Grosso.

As denominações atribuídas a Serejo alcançam maior amplitude significativa ao avaliarmos o que diz Antônio Candido (2006, p. 127):

Na nossa cultura há uma ambigüidade fundamental: a de sermos um povo latino, de herança cultural européia, mas etnicamente mestiço, situado no trópico, influenciado por culturas primitivas, ameríndias e africanas. Esta ambigüidade deu sempre às afirmações particularistas um tom de constrangimento, que geralmente se resolvia pela idealização. Assim, o índio era europeizado nas virtudes e costumes [...] a mestiçagem era ignorada; a paisagem, amaneirada.

Nas narrativas estudadas há uma ruptura desse modelo idealizador, já que as personagens – quase sempre reais/ficcionalizadas – desempenham ações e se envolvem com fatos vividos em um contexto, cuja paisagem vem para o plano da escrita como parte integrante da narrativa. Isso se dá, sobretudo, pelo profundo conhecimento que o autor possui do local, além da maneira peculiar de compreender o entorno como fator preponderante para a movimentação dos fatos e atos narrados.

1.4. A LITERATURA DE GALPÃO NA FRONTEIRA ACADÊMICA



29

Insistimos na inserção de nosso posicionamento de leitora da obra de Serejo na adolescência, sobretudo, porque de lá – de leitora na/da fronteira, Bela Vista Brasil e Bela Vista Paraguai – para cá – pesquisadora da obra -, há um espaço temporal memorável, vários acontecimentos e amadurecimentos teóricos, em específico, sobre as literaturas de fronteiras, periféricas, que estão à margem.

A literatura que era de “galpão” e a academia, que não tinha aporte teórico para investigação de tal objeto, paulatinamente, foram se estreitando e se estreitando por meio de um “balbuciar teórico”, cuja fundamentação deslocou-se para o local e colocou olhos, ouvidos e bocas em “Muitas povoações ervateiras [...] transformadas em cemitérios” (Livro 23, p. 74) enterradas em histórias contadas por quem escreveu no fio da esperança de “ser útil” um dia. Utilidade que vem sendo (des)construída agregando concepção além do binarismo “útil x inútil”, além, muito além e bem ali, no entre-meio da fissura de respostas, findas e prontas, determinadas como dois e dois são quatro.

Vamos recortar uma das noções de utilidade pela vertente do “Mal-estar da pós-modernidade”, de ebulições borbulhantes, alavanca incômoda, que nos desmobiliza, mas nos dá sustentação para circunlóquios olhares do nosso entorno atemporal. Recorremos, então, à Bauman:

Resta agora, à obra de ficção, desvendar essa variedade particularmente pós-moderna de ocultamento, colocar em exibição o que a realidade tenta socialmente, e com afínco, esconder – esses mecanismos que retiram da agenda a separação entre verdade e falsidade, tornam a busca de sentido irrelevante, improdutivo e dia a

²⁹ Trecho de uma carta recebida de Hélio Serejo em 2001, quando lhe comuniquei o interesse em desenvolver pesquisa sobre a obra dele.

dia menos atraente. Num mundo permeado de ironia, é a vez de a arte se tornar séria, defender essa seriedade que o mundo socialmente produzido transformou em quase ridículo. Depois de desmascarar as solenes e melífluas simulações dos modernos legisladores da verdade, a ficção artística, essa grande escola da imaginação, empatia e experimentação, pode então prestar serviço inestimável aos solitários, frequentemente confusos e aturdidos intérpretes pós-modernos do significado e do sentido. (1998, p.89).

A consciência do homem do nosso tempo, atravessada por algumas gerações letárgicas, vem resultando em um debruçar-se investigativo sobre o espaço em que se está, de onde se fala, com quem se fala, para quem se fala – se é que há interlocutores. Movimento que se projeta para a dúvida, para o possível, o provável, impulsionado por outros atos e fatos encobertos pelo manto da história “Real”, pela vigência de valores selados em um tempo justificado pela maneira de pensar e agir.

Entretanto, estamos, em um outro tempo que muitos denominam pós-modernidade. Independentemente do cunho e das vielas escolhidas pelos teóricos, o fato é – sempre –: estamos em um tempo de auto-reflexão em relação ao que “antes” havia. Um tempo, em específico, na acepção de Hutcheon (1991, p. 13) que se abre à auto-reflexão movido por uma “força problematizadora” que desafia e questiona a cultura, tendo como referência a própria cultura, sem entretanto causar sua implosão.

Esse incômodo olhar oblíquo vai, ao final do século XX, subsidiar estudos de obra e autores “de pouco valor literário”, se comparados aos padrões estabelecidos pela crítica européia. Esse “novo” olhar emerge, sobretudo, da crescente necessidade de se auto conhecer, de saber da própria história contada por vertentes não oficializadas - no presente - em uma relação diacrônica, estabelecendo referência, portanto, com o passado, motivado pela suspeita de que muitos espaços ficaram em branco no decorrer dos tempos. Achugar (2006, p.47) ajuda-nos a prosseguir em busca do “tempo perdido” por considerar que “A relação entre passado e presente é uma relação entre passado e futuro”. Os novos olhares, desse novo tempo, abrem possibilidade de estudo de um autor que mantém relação referendada em um contexto histórico de fronteira local e ousa narrar e descrever suas lembranças, nas quais incorpora muitas outras, esquecidas. Alguns fiapos desse discurso escrito, perpassado pelo oral, centrado em passagens passíveis de terem ocorrido em um tempo histórico, poderão levar-nos a indícios de como se deu a formação de do Estado de Mato Grosso do Sul, além das evidências de

maturidade identitária em relação ao sentimento nacionalista do nativo para com sua terra.

Como se pode perceber no trecho da singela carta – epígrafe – a sensibilidade do escritor para a vida da fronteira revela-se em sua escrita, quase sempre, pela via da simplicidade, do amor ao supremo, de um “*con permiso*” para adentrar ao contexto da academia. Dessa singeleza, o plano histórico da vida do autor e da formação do sul do Mato Grosso do Sul, no tempo do apogeu da extração de erva mate, foram lidos por muito tempo, com mais intensidade, sobretudo, porque Serejo coloca-se como narrador, aparentemente espontâneo e entremeia, quase sempre, o viver fronteiriço, à sua vida pessoal, articulando-a a particularidades lembradas com a generalização, ou a “parte com o todo”, reinventando histórias que foram contadas.

Se aliarmos as temáticas recortadas, vida de erval e vida de peão de fazenda transitando de lá para cá, na fronteira, podemos levantar incidências que nos levam a ampliar a leitura e a estabelecer relativa consonância entre o plano do conteúdo e o plano da expressão, devido, primeiramente, à apropriação que o narrador faz dos usos e costumes “dessa gente” inserida em um ambiente de fronteira. Segundo, a voz que conta é a mesma que vive – ou viveu – a história do fato; terceiro: os recursos estéticos – ou a ausência estética tradicional – “falam” pelos fatos, tanto fala por ele. Assim, plano da expressão e plano do conteúdo se cruzam - nem sempre se fundem –, propiciando um terceiro espaço. Esses argumentos serão apresentados no terceiro capítulo.

A publicação de Serejo, sempre autônoma, data de 1935 a 2004. Em seus livros, como já foi afirmado, há de tudo um pouco e revela-se o amor pela poesia, pelas coisas do sertão, pela beleza da flora e fauna. Compilados em *Obras Completas*, em 2009, o conjunto da obra³⁰ tem proporcionado estudos esparsos por programas de graduação e pós-graduação, com destaque para a Universidade Federal da Grande Dourados. Entretanto, ainda, os livros de Serejo não são lidos nas escolas de Mato Grosso do Sul e sua obra é reconhecida, em consenso mais amplo, como memorialismo histórico. Todavia, desse memorialismo desprendem-se fiapos de um fazer literário nativo, sustentado pela força da paixão pela escrita, alimentado pela vaidade e prestígio do reconhecimento de ser autor, muito habitual

³⁰ A Fundação de Cultura/MS doou a todas as bibliotecas escolares de Mato Grosso do Sul as *Obras Completas* de Hélio Serejo.

em contextos emergentes. Os fios desprendidos da tessitura entremeada pela memória histórica resultam em nuances subjetivas sugestivas de conhecimento da história encoberto por copiosos capões de erva tão da terra como o autor.

A fim de podermos conhecer o repertório de leitura do autor, realizamos investigação por meio da *Poesia mato-grossense*, obra lançada em 1960, na qual Serejo reuniu vinte e nove poetas do, então, estado de Mato Grosso e propôs uma espécie de crítica, seguida de síntese biográfica e alguns poemas dos autores selecionados.

Serejo revela-se ali conhecedor de Valéry, Mallarmé, Baudelaire, Poe, Heine, da poesia simbolista, parnasiana, do romantismo, conhecedor da poesia da “nova arte” contida no poema “Greve”, de Rubens de Mendonça (1915): “Veio a Polícia/ Houve tiros.../Depois só ficou um/trapo da camisa do/operário,/sujo de sangue/como se fosse ban-/deira vermelha,/a tremular no ar!.../.” Reconhece que o poeta “oferta versos modernistas tão bem coordenados que não causariam desdouro se figurassem ao lado das produções desse mesmo gênero da lavra do excepcional Carlos Drummond de Andrade” (Livro 16, p. 32).

Denomina “modernos” os poetas Wladimir Dias Pino (1927) e Benedito Santana da Silva Freire (1928). O primeiro, “[...] como se quisesse descrever, penetrar, esmiuçar os contornos e o interior de uma pirâmide egípcia, leva ao papel [...] luz, sombra, calor, pensamento, ação... [...]” (Livro 16, p. 63). Silva Freire, para Serejo, aproxima-se “à realidade poética contemporânea”, tem lugar assegurado na “Nova Poesia Brasileira”. Serejo mostra-se encantado pelo vigor e pela “coloração espontânea” resultante da poesia do cuiabano.

Também soube avaliar a poesia de “versejadores simples”, aqueles que não se submetem ao verdadeiro rigor formal, entretanto, produzem “maravilhosos poemas em prosa”, como é o caso de Otávio da Cunha Cavalcanti (1884) ou considerar Tertuliano Amarilha (1924), poeta da fronteira, cujos versos espontâneos e sinceros, às vezes de um lirismo ingênuo, próprio de poetas, segundo Serejo, “que vivem deslumbrados pelo amor ou fustigados, constantemente, pela deusa cruel da saudade” (p. 127), conquanto, entremeados ao sonho e romantismo de homem simples.

Para falar da poesia de Pedro Medeiros (1890) recorre a Paul Verlaine “[...] naquele sentido que o *pauvre Lilian* tão intensamente sofreu. Boêmia em seu nobre, generoso e elevado sentido, em que a vida se funde [...], resultando aquela poesia

que é a *excitatrice d'acts vitaux*" (p. 139). Refere-se ao "Sr. Mário de Andrade" e a seu empreguismo público. Conclui demonstrando leitura diversificada e clássica: "Essa vida torturada, incerta incompreendida e dolorosa fica sendo, no fundo, como o Coração de Pedro Medeiros: – Antro, Caverna, Alcouce e Catedral" (p. 140).

Serejo abre a análise sobre Lobivar de Matos (1915-1947), afirmando que "Não se pode falar em poesia modernista em Mato Grosso sem se fazer referência a esse saboroso versejador [...]". Recorre a Thomas Carlyle (1795 - 1881), "No apurado conceito carlyleano, o poeta é uma figura heróica pertencente a todas as idades". Diz da poesia essência de João Antônio Neto (1920): "O poeta é ao mesmo tempo Camões, Dante, Casimiro, Luís Guimarães, e pela profundidade dos conceitos e harmonia da métrica, Manuel Maria Barbosa Du Bocage" (p. 162). No mínimo levantamento, percebemos que Serejo foi um estudioso da literatura brasileira, universal, bem como da literatura local de seu Estado.

Serejo revela, com bastante frequência, ao cotejar os poemas em *Poesia Sul-matogrossense*, ser um sujeito que se estabelece na mescla da concepção de belo, enquanto perfeição formal (Livro 16, p. 26), "[...] rigor da majestosa escola parnasiana que 'preconizara a perfeição do metro e a justeza da rima', bem como a poesia romântica 'imagens vivas de um novo mundo poético, [...] que pende, prazerosamente, para o romantismo'" (p.110). Exalta, ainda, os 'exímios' sonetos produzidos pelos conterrâneos, bem como reconhece a cadência de versos livres e brancos de Drummond e Mário de Andrade.

Sua sensatez em analisar, sem julgamento de valor e com conhecimento amplo de tendências literárias – romantismo, parnasianismo, simbolismo, modernismo –, a produção dos autores compilados, revela um sujeito de um momento histórico – início do século XX – entre fronteiras literárias, sobretudo, quando analisa o poema sem a preocupação de enquadrá-lo em um movimento literário. Reconhece traço modernista nos periféricos estudados, mas não os limita a enquadramento. Tece observações que, para um homem de seu tempo e de formação informal, deixam transparecer concepções pouco convencionais, como: "[...] seria um excelente regente de orquestra, pois [...] traz músicas para dentro de sua poesia, embora seus decassílabos sejam esculpidos ao rigor da escola parnasiana". São essas pequenas frestas contidas na obra de Serejo que elevam sua ação de escritor para além de uma concepção literária, mera representação de uma realidade.

O texto de Serejo é resultante de inspiração na sua mais sublime e ingênua acepção, com o trabalho exaustivo de recriação de uma realidade local com a qual conviveu, e inspira, a ponto de se motivar para ir à busca de dados, relatos, fontes primárias e secundárias permeadas pela memória, pela lembrança. Seu conhecimento do local não é muito diferente da atipicidade de Franklin Távora, reconhecida por Candido (2006b, p. 616). Segundo o crítico, a maior virtude de Távora foi sentir a relevância literária de um levantamento regional; sentir como a ficção é favorecida pelo contacto de uma realidade concretamente demarcada no espaço e no tempo, que serviria de referência, de “senso da terra” e em algumas situações, no Romantismo, de limite corretivo à fantasia. Aspecto censurado em Alencar por conhecer pouco o cenário geográfico de sua obra. Contrapartida, Franklin Távora demonstra, na análise de Antonio Candido, além de profundo conhecimento da área canavieira, “uma vivência regional, uma interpenetração da sua sensibilidade com a paisagem geográfica e social do Nordeste” (p.615), e soube descrever com “amor topográfico”. Essa paisagem se completa com a roça, com a fabricação da farinha de mandioca, com os currais. Ao meio de tudo isso está o homem no contexto da cana-de-açúcar representado por meio de uma literatura espécie de “argamassa do regionalismo”, nas palavras do admirador e crítico.

A verossimilhança, em Serejo, se efetiva no encadeamento pormenorizado do descritivo da região, guiado por voz saudosa que impulsiona o leitor a olhar a paisagem, criando o efeito de real, como se estivesse inserido no local, vendo – e descrevendo, no caso o autor – um espaço, além paisagem “pano de fundo”, além figuração:

Acompanhando o declive do terreno, o talhão de pasto nativo, como cerco natural por dois lados, o que favorecia o cuidado dos animais. A jusante, lado poente, aquela moitona de caraguatá, açoita-cavalo, unha-de-gato, tuna rasteira, marmelo brabo, flor-de-espinho, maçaroca, vassoura-de-bugre, e o cipoal verde enredador que põe atrativo no concentrado rústico de colorido extravagante. (Livro 39, p. 163).

Tão real que se chega a imaginar a dificuldade de transitar, de adentrar naquela moitona que, muitas vezes, impede a passagem dos que se aventuraram em busca de dias melhores, tal qual o contador dos fatos: “Vivi esse ambiente arrebatador dezenas e dezenas de vezes na mocidade de muitos pensamentos e de

decisão inquebrantável de lutar para ser alguém na vida (Livro 39, 163). A paisagem virgem, impenetrável ao primeiro esforço para ultrapassá-la, rústica, amplia as dificuldades de acesso, atribuindo maior grandiosidade aos atos das personagens. As dificuldades não diminuem o encantamento e reconhecimento que o homem do local tem pelo seu ambiente e Serejo confirma esse sentimentalismo de louvor: “Esse foi o meu mundo, durante vários anos. Vivi intensamente essas paragens e as vias, por gosto, por predileção violenta ao sertanejo, ao meio bruto e ao cheiro característico das matas, várzeas, cerradais, paludes e campo” (Livro 39, p. 163).

Outros aspectos considerados por nós, em boa parte das narrativas estudadas, refere-se à forma como Serejo enreda as histórias e a construção da personagem, quase sempre identificadas por codinomes ou pela origem, com mais intensidade, pela função braçal que exerce, como é caso do mayordomo, barbaquazeiro, personagens transfigurados e nomeados pela função exercida no mundo bruto da erva. O mosaico de vozes – a voz que conta permeada pela voz que depõe – ao longo das narrativas, surte o caráter de verdade à bravura do destemido, além de uma espécie de encorajamento já que “O drama do erval alucina-o e absorve-o” (Livro 23, p.72). Ao interferir na história do que veio – ele que já estava – transfigura-se em personagem que vai tecendo, nos vãos, “[...] as páginas dramáticas da história da industrialização da erva-mate, além do “herói anônimo”, (Livro 23, p. 72) a sua própria história. Os depoimentos, as confirmações do tipo: “Eu vi, estava ali, conheço essas paragens, andei por longa data por estes lugares...” além de ampliar as dificuldades, como já foi afirmado, presentificam a saudade do homem distanciado de seu meio de origem, “[...] é fazer o passado, presente, numa satisfação de caboclo que, revivendo, sente-se compensado dos tormentos da vida.” (Livro 23, p. 172).

Ao se referir a si próprio e aos que vieram – como seu pai – e fincaram raízes, escolhe um vocábulo híbrido, mistura de linguagem oral, com forte sotaque guarani e de uso do vocabulário gaúcho: “Povuero é o musgo da árvore centenária e o musgo, a ela se incorpora e passa a viver de sua mágica incorporação vegetativa. Segue, tempos afora, agarrado à umidade de líquido alimentador, enfrentando as intempéries” (Livro 39, p. 112). Andante – que ele também se torna – e povueiro – esteio poderoso – alicerce, que finca raízes, que gruda, solidariamente ajudaram “[...] a construir a pátria charrua” (p. 172), na visão do sujeito que deseja o progresso, mesmo vivendo em condições de exploração. Revela, ainda, a influência

do modelo positivista na formação sócio-política brasileira, uma vez que o progresso justifica as ações, descaracteriza os vínculos, enaltece os atos, conforta as dores... Com isso, o anônimo traz o homem coletivo, descentrado, deslocado, sem muita consciência de onde veio e para onde vai, mas que não deixa de projetar-se no contínuo movimento incerto da “mata adentro”. Possibilita-nos repensar que a identidade é formada na interação entre o eu e o *lócus* enunciativo. Mais, ainda: rompe com o homem idealizado, contínuo ou idêntico ao longo de sua existência, evidência o “eu real”, que vai se constituindo em um diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem, segundo Hall (2006, p. 11). Não será Hélio Serejo fazendo uso da palavra para falar dos homens desbravadores, para contar histórias dele e de todos nós?

Consideramos, ainda, que Serejo transita pacificamente na fronteira entre “picadas adentro” e na vida da cidade constituída pela localização em que está. É um sujeito do início do século XX, que se situou na mescla das pequenas localidades urbanas, possui boa relação com o “mundo das letras” e exercita os créditos vividos nos ervais de forma aparentemente saudosista, ao recriar personagens que se integram aos relatos – fato histórico – ambigualmente, efetivados pela exaltação, pela grandeza do ato, pela bravura pujante. Para tanto, presta “Homenagem de reconhecimento” ao bravo peão paraguaio e a mulher guarani, criaturas que, para o autor, enfrentaram a cruel sorte e martírio, “[...] na grande e vigorosa arrancada da épica penetração ervateira.” (Livro 23, p. 89).

As homenagens, os credenciamentos e inserção das personagens anônimas, relativamente planas, zelosas de seus deveres, potencializadas em heróis e heroínas dos ervais, vão revelando, no conjunto da obra, um tempo em que o homem esteve à mercê da sorte, um tempo em que a fronteira esteve aberta à entrada de mão de obra barata para não dizer explorada, um tempo em que a fronteira estava aberta à exploração estrangeira, tanto que a erva era beneficiada na Argentina.

O homem local que se faz autor das narrativas estudadas – o autor Hélio Serejo –, não deixa de ser, também, um homem híbrido, se partirmos da perspectiva de que fala Hall (2003, p. 88-89) ao se referir às pessoas traduzidas, àquelas que se transportam por entre fronteiras, na acepção etimológica da palavra tradução, do latim “transferir”. O teórico discute, ainda, o conceito de pessoas traduzidas, pessoas pertencentes a culturas híbridas, as quais embora dispersadas para sempre de sua

terra natal, possuem fortes vínculos com seus lugares de origem, com a sua história, e são obrigadas, no nosso entendimento, devido às condições de sobrevivência, a negociar com as outras formas de viver. Passam, pois, a conviver com outras formas, em outros contextos, em outros locais, situações e fases da vida, em um processo contínuo. Valemo-nos desse raciocínio para reconfirmar que o autor estudado também é um “dispersado” fronteiriço e boa parte de sua produção foi escrita quando não mais residia na fronteira, mesmo que tenha anotado “[...] tudo no histórico *cuaderno argentino*”. (Livro 37, p. 267).

Em *Contas do meu rosário*, obra lançada em 1970, organizada como Livro 22, em *Obras Completas*, Serejo resenhou vida e obra de alguns autores, como: Casimiro de Abreu, Álvares de Azevedo, Monteiro Lobato e a poesia xucra do Rio Grande do Sul, com destaque para Jayme Caetano Braun e Dimas Costa. Embora não seja uma obra que apresenta investigação de tese, contribui para entendermos um pouco a formação intelectual do autor, tanto quanto o referencial de leitura, os vínculos e influências, bem como a concepção de autoria, da “predestinação” que Deus deu ao poeta. Um homem que “Dia e noite, ao entardecer ou na madrugada fresca e silenciosa”, foi juntando, conta por conta, seu “rosário de divagações literárias”, por meio das quais exercitava a escrita, o desejo de escrever. Dessa compilação, avulta-se a preferências – na poesia – e de vocábulos na prosa, da tradição sulina; traço presente em textos serejianos.

No contexto da Literatura brasileira, Serejo se apresenta como um sujeito local compromissado com a memória histórica de um tempo, lugar e pessoas com os quais possui relação identitária. Esse compromisso respalda-se na aptidão inata do autor para a literatura, no gosto da escrita. Gosto e compromisso fundam uma literatura de fronteira, mesmo que seja nas produções em que compilou a história da cidade em que nasceu, *Nioaque (Um pouco de sua história)*, obra escrita, segundo o autor, de forma despretenciosa, exercício de pesquisa em descoloridos manuscritos, livros nacionais e estrangeiros, revistas, álbuns e dezenas de publicações formada também com depoimentos de “valerosos informantes”. Estes constituem extensa relação de nomes de informantes e ausência das fontes referente às obras

consultadas – segundo o autor as obras consultadas constariam do volume II, o qual não foi escrito³¹. Nesta obra, o nioaqueense explica que:

Nas pesquisas históricas não podemos fugir, é certo, aos pontos obscuros e aos fatos de dupla interpretação, daí surgindo, então, o valor das informações de terceiros, dentre os quais, no peneiramento o pesquisador encontra, invariavelmente, o texto que mais correto e verídico lhe pareça, para registro dos fatos pesquisador nas pesquisas históricas.

[...]

No relato histórico procuramos ser fiéis, nos mínimos detalhes, sem adentrarmos a trilha perigosa do “possivelmente” e do “talvez foi isso”.(Livro 33, p. 318).

Como se pode depreender, trata-se de uma obra organizada sob a tutela da pesquisa, de levantamento e cruzamentos de dados orais e escritos, os quais passam a integrar um terceiro texto, aquele que diz da interpretação do autor, como é o caso (Livro 33. p. 258): “O povo foi chegando. E o Apa, o Nioaque, o vale do Miranda, o Cavo, o Desbarrancado e o Canindé foram tendo suas margens povoadas. [...] ia se erguendo, nos lindes avançados do Império, uma civilização de esperanças”. Nestes pequenos vãos textuais, o compromisso com a memória histórica de um povo se transfigura pelo desejo da escrita.

Como já foi exposto, Serejo não tinha um projeto literário, muito menos optou por um gênero textual; definia-se como um sujeito que gostava de escrever. Pela prática da escrita, da consulta aos “compêndios” foi escrevendo. Há muitos e muitos autores “inspirados”, amadores que escrevem e se fazem poetas, escritores... Todavia, redigem um ou alguns livros. Quase sempre tematizam amores, dores, paixões; muitos outros contam a vida familiar, optam por autobiografismo, tornam-se acadêmicos. Serejo também veio por este caminho. Entretanto, sua uniformidade está em não ser uniforme em relação ao gênero, pois fez de tudo um pouco, de forma irregular, se avaliarmos, por exemplo, as narrativas, com base nos elementos do texto narrativo. Há irregularidades, incompletude, dispersão de elementos. As probabilidades de que fosse diferente – tivesse domínio pleno de conhecimento de estrutura textual – são escassas, já que se fez na fronteira. Sujeito de um tempo, meio e formação, Serejo vai optar por retalhos estruturais muito apropriados aos fragmentos de histórias ficcionalizadas pelo viés da lembrança de ter vivido, por ter

³¹ Informação contida na obra que acompanha as *Obras Completas*: Campestrini, H. *Trilhador de todos os caminhos: vida e obra de Hélio Serejo* (2008, p. 63).

lido e por ter ouvido contar. Incide, assim, uma espécie de originalidade às avessas, sem que fosse sujeito irreverente, sem que quisesse fundar padrões, mas insiste em continuar escrevendo da forma como consegue, embora tivesse noção de padrões estéticos.

Por meio dos retalhos narrativos, o autor manifesta aquilo que Ferdinand Denis³² tentou dizer aos – dos – autores brasileiros: “[...] a América deve ser livre tanto na poesia como no seu governo” (DENIS 1826, apud CANDIDO 2006, p. 637). Serejo, embora estudasse os românticos, fez sua liberdade e escolheu recontar o que viu e ouviu das histórias transitadas na fronteira.

O fato de não ter visto mais o índio na fronteira, certamente, advém das condições sócio-culturais. Por não ter idealizado, reafirma sua visão de sujeito inserido dentro do seu espaço com olhar voltado para o próprio espaço. Sua posição é original e emancipada duplamente: está em condição literária periférica e enxerga aquilo que muitos autores demoraram para ver: o próprio *lócus* enunciativo.

Serejo merece ser melhor e mais estudado, sobretudo, no que se refere à sua formação intelectual, em específico, relacionada aos autores Visconde de Taunay e Décio Puiggari. Desses dois autores transcreve trechos, como é o caso do recurso usado para relacionar a história de Nioaque com o fato histórico da Retirada da Laguna. Serejo transcreve duas cartas de Taunay, escritas em Nioaque – uma de 07 de fevereiro de 1867 e outra, de 26 de janeiro - enviada à irmã. Entre as notícias, Taunay confia à irmã, que está produzindo um dicionário da língua guanã, do qual já possuía “mais de dois mil termos em ordem” (Livro 33, p. 286)³³ e confessa, ainda, que não havia cena da natureza que provocasse seus lápis; por isso, tinha parado um pouco com os desenhos.

Em *Prosa Xucra* (Livro 10, p 321-322), Serejo ao contar, de forma sintética, a vida de Guia Lopes, convida o leitor a ver como o “mestre” Visconde de Taunay descreveu os derradeiros momentos do guia que entrou para a história, e passa a transcrever trechos de Taunay. Ao transferir a voz do contar ao romancista, Serejo reforça sua admiração pelo “notável engenheiro e homem de letras da Força Expedicionária do Brasil (p. 322). O fato narrado (Lopes, antes de morrer, faz um

³² Nota contida em Candido (2006, p. 773) “Quanto a Ferdinand Denis, eis a referência completa da sua obra, nunca reeditada: *Résumé de l’ Histoire Littéraire du Portugal suivi du Résumé de L’Histoire Littéraire du Brésil, Lecoite et Durey, Paris, 1826.*”

³³ Nos livros *Modismo do Sul de Mato Grosso* (Livro 2, p. 17-23) e *Textos Esparsos e Glossário* (Livro 50, p. 249-287) há vasta relação de significado de expressões e palavras usadas na região ervateira e de fronteiras.

pedido à Taunay) passa de realidade histórica para deleite pessoal do autor Hélio Serejo. O trecho da obra *Retirada da Laguna* ganha dimensão além registro dos últimos momentos do Guia, quando Serejo enaltece a ação de Taunay ao interceder a favor da família e da viúva de Lopes, demonstrando - o engenheiro - ser um homem de honra e palavra.

As relações com Puiggari³⁴, como recurso ilustrativo, vêm sendo levantadas no decorrer deste estudo. Vale ressaltar que a obra de Serejo é posterior ao lançamento da obra de Puiggari. Observamos marcas recorrentes entre os autores, tais como: incidências de trechos, personagens, locais e desejo de denúncia. Entretanto, o filho de Nioaque cria a sua própria obra, sobretudo na forma do levantamento dos possíveis fatos. Em *Sismório: o gringo bochinheiro e bandido*³⁵ (Livro 43), personagem que também é descrita por Puiggari; ao final do livro, Serejo relaciona dezoito informantes, bem como a obra de Umberto Puiggari consultada. Devemos considerar as datas em que viveram e lançaram as obras: Puiggari 1933, Serejo 1991. Certamente, o enfoque explícito de denúncia recai, com mais ênfase, no discurso do primeiro autor, já que retrata uma realidade muito próxima ao momento em que os fatos ocorreram. Escreve no calor da indignação, do instante seguinte. Serejo está recuado do tempo - e local - em que os fatos se dão: “Quando ia em meio o ano de 1906, [...] chega a Pedro Juan Caballero Franck Six Moritz...”. Sua produção conflui entre a lembrança saudosa da memória esfacelada pelo tempo.

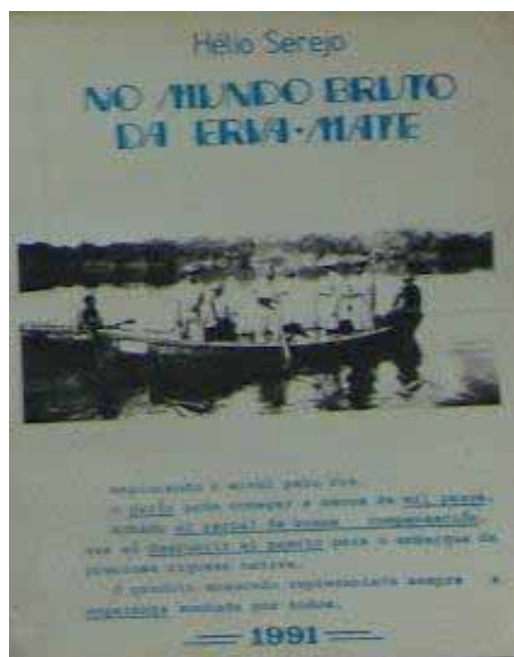
³⁴ Segundo o historiador Valmir Batista Corrêa “[...] sobre as relações de violência na fronteira sul existe uma verdadeira obra-prima editada em um livrinho despretensioso escrito por Umberto Puiggari, chamado Nas fronteiras de Matto Grosso. Terra abandonada (Ed. Mayença, 1933). Nascido em 1878, Puiggari exerceu atividades comerciais em várias regiões do estado, onde anotou com muita sensibilidade as “conversas de balcão” que escutava. Vivenciou fatos históricos como a participação de Mato Grosso na revolução de 1932. Amigo de Vespasiano Barbosa Martins, Puiggari soube registrar magistralmente o dia-a-dia da terra-de-ninguém mato-grossense.

O livro, de raro acesso pelo fato de ter sido publicado em pequena tiragem, tem seus originais e duas correspondências no cofre de segurança do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, doado pelo ex-governador do estado, Wilson Barbosa Martins. Este livro, por sua importância, deverá ser publicado brevemente pelo IHGMS, acompanhado de um estudo sobre a obra. Puiggari assinava os seus documentos como “H. Puiggari Coutinho”, e escreveu seu livro no verso de papel timbrado da “Pharmacia Brasil de O. Jorge. Rua João Pessoa, 432. Telephone 3”. Na análise desses originais, percebe-se que alguns dos capítulos escritos não foram incluídos na obra publicada. Seria uma autocensura motivada por receio de represálias de pessoas citadas? Talvez, em razão disso, e após muitos anos residindo em Mato Grosso, Puiggari transferiu-se para o estado do Paraná, onde fundou o Jornal de Londrina.” (<http://valmirbatistacorrea.blogspot.com.br/2008/02/terra-do-barao-e-cutelo.html>). Acessado em 20/03/2013.

³⁵ Livro lançado em 1991, 56 páginas, capa ilustrada, miolo datilografado, em papel comum. A obra foi impressa pela Gráfica e editora Cingral, de Tupã (SP), com revisão de Sebastião Dassi. O autor colou, no verso da folha-de-guarda e na página 55, textos impressos tipograficamente, complementando as informações do livro. (Fonte: CAMPESTRINI, 2008, p. 65).

CAPÍTULO II - A FRONTEIRA, A ERVA E O HOMEM

A erva ia avançando, fazendo alvoroço nas orilhas da fronteira...(Livro 34, p. 14).



36

Figura 04

³⁶ Capa do livro *No mundo bruto da erva-mate* (1991), 168 p., brochura, capa ilustrada..., miolo datilografado, editora Gráfica e Editora Cingral, de Tupã (SP). Na parte inferior da capa está escrito: Explorando o erval pelo rio. O *caati* pode começar a menos de mil passos. Achado *el yerbal de buena comensación*, era só *descubrir el puerto* para o embarque da preciosa riqueza nativa. O produto ensacado representava sempre a esperança sonhada por todos (Livro 44, p. 164).

3.1 A FRONTEIRA SEREJIANA

Os eventos político e econômico, a Guerra da tríplice Aliança (1864-1870) e a exploração dos ervais brasileiros pela empresa Erva Matte Larangeira (1877-1944) funcionam como uma espécie de jurisprudência para os sujeitos que precisam de uma rubrica para se lançarem ao trânsito, ao deslocamento. Os dois acontecimentos históricos se integram ao espaço natural do erval, localizado entre fronteiras, a partir de onde Serejo irá contextualizar a vida “[...] de uma legião de sofrendores [...]” (Livro, 41, p.09), que vieram não se sabe muito bem de onde. Sujeitos, quase sempre anônimos, sem documento, trazendo histórias de vida que vão sendo reveladas, quando passam a fazer parte dos livretos de Serejo.

Neste capítulo, trataremos de como, no conjunto da obra de Serejo, emerge a História da formação e povoamento do sul do Mato Grosso do Sul, que passa pela história de vida do autor, uma vez que sua produção contém referências a fatos históricos e pessoais, além de muitos outros particulares.

A fronteira de que fala Serejo, o local em que Nasceu – Nioaque³⁷ – e o local em que cresceu – Ponta Porã³⁸ –, os quais ficcionaliza, quando já afastado no tempo e no espaço, consistiam, segundo Gadelha (p. 46 apud Tolentino, 1986, p. 52), antes da Guerra do Paraguai, em núcleos habitacionais dispersos na região mato-grossense, sem proteção oficial e foram surpreendidos com a “trágica guerra”.

Em *Nioaque (Um pouco de sua história)*, Serejo explica ao leitor, em primeiro lugar, como o próprio título informa, apenas um pouco da história local, embora tenha realizado pesquisa exaustiva para organizar a obra. Segundo ele, “mister seriam pesquisas de longos anos e cuidadosa comparação informativa” (Livro 33, p. 231). Ao retomar o passado de sua cidade, Serejo, em determinado momento da narrativa, explica ao leitor, como se este estivesse suspeitando dele, que para resgatar os fatos: comparou dados, pesquisou exaustivamente, colocou tudo em ordem cronológica, “[...] enfim, pesquisas aprofundadas foram efetuadas para esclarecimento do fato histórico; tudo ficou, porém, no terreno do “papai dizia”, do “vovô afirmava sempre” ou no terreno enganador do “provavelmente”.(Livro 33, p.

³⁷ Em *Nioaque (Um pouco de sua história)*, vol. I, 1985, Serejo faz referência à grafia correta: Anhuac, que significa clavícula quebrada em origem guaná, língua indígena da tribo aruaque (p. 233).

³⁸

249). Avulta-se, com isso, a força da história oral, incidência peculiar na literatura de Serejo.

O filho da terra, independentemente de ter contado a história em conformidade com os que viviam à margem direita ou à esquerda, a história de fatos ou de fato, organiza o “já dito” como homem que se formou ouvindo resquícios de histórias, retalhos da Guerra, apalpando vestígios de lutas, contrapondo contares, indagando outros, percorrendo picadas, caminhos, trilheiros, dantes abertos e trafegados por sujeitos em trânsito, uns sobre as pegadas incrustadas dos outros, de modo que já não seria mais possível vislumbrar cartesianamente a ordenação dos fatos. Fatos são os que estão nas narrativas; as verdades se cruzam e se distanciam e tornam a se integrar na polifonia dos contadores que aparecem na voz do narrador serejiano ao tecer suas narrativas.

Falar de sua terra natal equivale a contar, no mínimo, duas histórias como ele mesmo depõe: a parte oficializada pelos vencedores da “trágica Guerra” e os depoimentos dos que estiveram próximos aos combates, sem ter muita noção dos motivos deflagradores do evento político que resultou em um Paraguai exposto à miserabilidade. Equivale, ainda, a contar uma história do lugar onde se esteve fisicamente, o qual existiu na memória de um sujeito perpassado pelas marcas do local e muitas outras. Um sujeito que irá contar de um lugar e tempo posterior ao ocorrido.

Assim, o nativo Hélio Serejo, ao longo de sua obra, deixa transparecer as fronteiras por meio das quais se constituem histórias de poder, de posse; entrelaçadas pela tessitura, emergem muitas outras que foram esfaceladas, desvirtuadas, interrompidas e teimam em sobressair, aos pedaços, ao longo da obra. Ação que desempenha através do que o autor denomina literatura sertaneja, a qual prenuncia uma consciência do olhar para uma faixa de fronteira – social e geográfica – e um sentimento de nacionalidade exaltado, de “um escravo do nativismo” (Livro 49, p. 151) que se sente incompetente para descrever “[...] o recôndico da mataria, muitas vezes traiçoeira, o marco de sua intrepidez”.

Com o término da Guerra, aos poucos os núcleos vão sendo reconstruídos. Nioaque, destruída pelo fogo ateadado pelas tropas paraguaias, vai sendo erguida pelos que se refugiaram, bem como, mais tarde, por famílias gaúchas fugidas do movimento revolucionário do sul em busca de terras férteis.

A hilária anedota *Ajudo a meu amigo*, metáfora de um tempo entre guerra, leva-nos a compreender razoavelmente como estava o povoado Nioaque, o mais próspero ao sul, ao ser atacado pelas tropas paraguaias:

Na cidade paraguaia de Pedro Juan Caballero, fronteira com Ponta Porã, onde residi longos anos, travei conhecimento e cultivei mesmo sólidas amizades com vários filhos do país irmão. E de um deles ouvi por várias vezes o fato seguinte.

Quando o capitão Blas Rojas entrou na vila de Nioaque, covardemente abandonada pelo capitão Martinho José Ribeiro [...] encontrou no vilarejo deserto somente duas almas: um espanhol e um português europeu.

Ouvindo seu sotaque, o capitán Rojas perguntou-lhe:

- De donde es usted?

- De Españã, mi capitán! Soi sevillano...

-Que está haciendo por açã?

- Esperava uested, com su caballeria, mi capitán!

- Y para quê?

O espanhol respondeu com vivo entusiasmo:

- Para poner fuego em la vila com ustedes!

Blas Rojas, voltando-se para o português, inquiriu-o asperamente: - E usted? Que hace también?

O português, que não havia entendido bem a conversa, respondeu secamente:

- Ajudo ao meu amigo.

O capitão guarani, revoltado com o cinismo de ambos, dera-lhes, então, aquele castigo: com um facho aceso, o português e o espanhol saíram a queimar, moita por moita, o capinzal esturricado das ruas. (Livro 10, p. 334).

Aparentemente, perdido ao final de *Prosa Xucra* (Livro 10), texto irregular pela extensão em relação aos demais, aquilo que poderia ser apenas o relato das muitas histórias que ficaram incrustadas na história de um local que foi espaço brutal de guerra deixa confluir fronteiras, tais como, memória coletiva e oficial, fato real/ficcionalizado, o oral e escrito, além do sentimento de “desamor” do português em relação à colônia, não muito diferente do terceiro, o paraguaio, uma vez que, embora inconscientes, todos estão em “estado de Guerra”.

A obra de Serejo é memória de um local e tempo em que esteve. Fazendo-se narrador, recupera, pela memória individual, aquilo que testemunha ter vivido ou presenciado, bem como pela memória coletiva, aquilo que dizem ter ocorrido. Para Ricoeur (2002, p. 107), “memória é passado, e esse passado é o de minhas impressões; nesse sentido, esse passado é meu passado”. Embora, ao recordar, Serejo reporte-se ao passado de sua vida pessoal, o recontar do vivido interpenetra

sua história com outras histórias ocorridas em um tempo e local, os quais se cruzam no vão dos tempos – passados e presente, no vão dos enfoques – do particular e coletivo – e abrem fendas para, por meio da memória – passado –, conhecermos, no caso de Serejo, um tempo em que o Estado de Mato Grosso do Sul – ainda Mato Grosso – começou a ser mais povoado. Um tempo presente, sobretudo, no aspecto sócio-político, argumentos discutidos mais adiante em se tratando de referendarmos a função da memória e a intersecção do estético com o histórico.

Esse peculiar traço na obra de Serejo leva-nos a lugares que, para Ricoeur, (2002, p. 58) permanecem como inscrições, monumentos, potencialmente como documentos, por meio dos quais a ideia de passado passa a ser plural. Assim, a memória particular e a coletiva se integra em um terceiro conceito de memória. A memória da identidade do sul-matogrossense reconfigurada pelo discurso histórico de um autor periférico que, na ânsia de contar histórias, as suas histórias, foi recolhendo vestígios de um passado que alguns têm na memória - como foi o caso de Serejo e seus informantes. Todavia, há poucos registros catalogados da memória anterior ao Estado de Mato Grosso do Sul, sobretudo, pela distância existente entre a capital Cuiabá/MT e os pequenos povoados que foram se formando em torno da extração da erva. Além do que, com a divisão do Estado em 1977³⁹, boa parte, do acervo histórico e geográfico ficou sediado em Cuiabá. Por isso, afirmamos que estudar a obra de Serejo é uma forma de atar as pontas do passado-presente, uma possibilidade de conhecer, mais e melhor, a identidade do sujeito sul-matogrossense pelo homem nativo.

³⁹No dia 24 de agosto de 1977, o então presidente da república Ernesto Geisel enviava a Mensagem n. 91, de 1977-CN, com o projeto de lei complementar de criação do novo Estado. No dia 11 de outubro seguinte, o mesmo presidente assinava, em solenidade histórica, a Lei Complementar n. 31, “criando o Estado de Mato Grosso do Sul pelo desmembramento de área do Estado de Mato Grosso”, com a capital em Campo Grande. Segundo Hildebrando Campestrini, Falar em divisão do Estado é politicamente incorreto. Em momento algum se pretendeu a divisão. Lutou-se, sempre, pela criação do novo Estado, porque se entendia que a lei devia tornar de direito o que já existia de fato. E a lei complementar foi taxativa: “Fica criado o Estado de Mato Grosso do Sul...”. Disponível em:

<http://www.amambainoticias.com.br/brasil/dia-11-de-outubro-33-anos-de-mato-grosso-do-sul>.
(Acessado em 14 de outubro de 2013).

A memória de fronteira reconstruída por Serejo, e, a que nos interessa, estende-se, com mais amplitude, para espaço de trânsito, de entrada, de deslocamento, distanciado dos locais onde se centralizavam o poder político e econômico oficiais, devido à extensão territorial e concentração habitacional ao norte do estado de Mato Grosso. Com isso, fica evidente a vulnerabilidade à entrada e ao desbravamento sem que as “autoridades oficiais”, tanto de lá como de cá, tivessem controle, possibilitando, com isso, a Lei da fronteira.

Reis (1980, p. 53) narra que costumava ver “[...] um rapaz de uns 18 anos [...] quase sempre vestido de terno branco, gravatas lindas e chapéu de palheta, daqueles que constituíam moda na década de 20, 30, por aí.” Muito tempo depois, Reis vai compreender que o rapaz, cujo irmão era seu amigo, era Hélio Serejo: “Passados uns dois meses na cidade, partia de novo para o sertão bruto...”. Conta, ainda, em *Os 13 pontos de Hélio Serejo* (1980), que a casa dos pais de Serejo, em Ponta Porã, ficava à margem esquerda da rua, no Brasil e, na outra margem, estava o Paraguai, espaço de trânsito livre e fraterno, embora entre países diferentes que estiveram em guerra em época não muito distante do momento em que Serejo residiu na fronteira.

Além das referências nas narrativas, inferimos que Serejo transitava pelos espaços fronteiriços erval-cidade, Brasil-Paraguai, assim como suas personagens: “A família morava na rua principal da cidade”, a rua tinha ‘no outro lado’, isto é, na calçada em frente, um outro país, o Paraguai. Embora situado entre dois países, os limites geográfico, cultural, histórico, linguístico são representados como unidade nas narrativas, impulsionados pela oportunidade de mão de obra gerada pelo *boom* econômico atribuído à empresa Matte Larangeira.

A acepção de fronteira representa sentido de divisa, limite entre dois territórios, dois espaços. Todavia, se pensarmos que a rua que demarcava o espaço entre os dois países – pós-guerra -, também permitia que o de lá viesse para cá, e o de cá fosse para lá, teremos fronteira como espaço que possibilita o trânsito ambivalente, independente da necessidade de se deslocar, das condições que impulsionam o deslocamento. Além disso, fronteira divisa, delimita espaços, demarca território, estabelece posse; a contrapartida possibilita a integração, como pode ser percebido na visita obrigatória à namorada brasileira ou paraguaia em “Medir los passos” (Livro 38, p. 33): “Paraguaios e brasileiros mediram os passos, atravessando a fronteira e realizaram o sonho acalentado”, para conquistar o

corazón de lãs elegantes y juvenes brasileñas ou em direção contrária o encontro con las rubias y hermonas morochas.

O sentido de fronteira, ponto de contato – e não significa de imediato, integração – é muito mais abrangente nas narrativas em relação aos conflitos de violência. A obra é perpassada pela noção de sujeitos irmanados cujas nacionalidades podem ser ilustradas pelo desejo diplomático explicitado pelo Barão do Rio Branco para Brazílio Ituberê da Cunha, embaixador brasileiro no Paraguai, em ofício datado de 01/02/1905, no qual o Barão reafirma a amizade do Brasil e assegura que “Não há conflito de interesse entre os dois países. O que desejamos mui sincera e convencidamente é que todos eles vivam em paz, prosperem e enriqueçam. Vizinho turbulento é sempre um vizinho incômodo e perigoso” (DORATIOTO, 2012, p, 4).

Não há julgamento das intrigas, pois as histórias de violência fazem parte do cotidiano da fronteira de forma que “olho por olho, “dente por dente”, “quem faz tem de pagar”, “*detino...és detino...*” são representações contextuais favorecidas pelo cruzar da fronteira – fugitivo de lá ou de cá –, como é o caso da personagem “Juca Pebá”, “um homem de bem, e um bom em todos os sentidos”. Certa ocasião, Pebá foi xingado em guarani por um correntino e, em legítima defesa, sacou a arma e o tiro no meio das duas sobrelhas fez os miolos escorrerem até a boca (Livro 36, p. 218). O homem do bem, feito assassino, “Viajou com destino a *Encarnación*, deste local, facilmente pisaria chão brasileiro, se necessário fosse.” E a narrativa prossegue sempre no dualismo – homens do mal contra o “Pobre do Juca, José ou Juca Pebá”, um paraguaio que sempre nutriu amizade sincera com os brasileiros e morreu degolado pelos irmãos do homem por ele assassinado. Mas o padrinho contratou a pessoa certa para vingar a morte de Pebá: “O primeiro tiro de espingarda partiu. Logo, o outro. O estrondo foi varando a mata, cortando as suas entranhas...”, e ainda não satisfeito degolou os dois irmãos, os assassinos de Pebá (Livro 36, p. 222).

Neste entrevero, mais do que dual, há uma voz que sabe tudo e adentra pelas encruzilhadas percorridas pelo tocaiador e tocaiado, vingador e vingado no intuito de contar os fatos, de dar as cartas à história que se passa na fronteira. Assim, o contexto de fronteira se encarrega de compactuar com as partes envolvidas de forma que as intrigas sejam narradas como rotina de um tempo e local. Ocorre algo semelhante na trágica cena em que Serejo narra o assassinato de um aconcagua:

velório e baile comungam do mesmo espaço e instauram um estado de sentimento subvertido – baile e velório – que o narrador não dá conta de explicar. Todavia, a fronteira, o local de onde se fala, financia e trata de dissipar a concepção dual de vida/baile, morte/velório. Surge daí, um “mal estar” inenarrável desestruturando concepções e contratos entre vida e morte, abrindo passagem para um lócus intermediário, nem de lá, nem de cá, nem vida, nem morte, mas que justifica os fatos e as ações das personagens, nas “[...] nas tragédias vulgares das fronteiras abandonadas”. (Livro 5, p. 112). Um terceiro estado de ser que dá margem para outras instâncias interpretativas. Ao reconhecer a fronteira como “abandonada” e a aparente rotina típica com a qual parecia conviver como, “tragédias vulgares”, o narrador – como veremos – vai se distanciando da realidade, revelando o quadro social caótico vivenciado na fronteira. Assim, a história que parecia contar um hábito cultural, ratifica o abandono a que estava exposta a população, ao ponto de desconsiderar alguns princípios mínimos de convívio humano como forma de regulação de comportamento.

Serejo atribui, ainda, boa parte das intrigas, à *invidía* – inveja – a qual “desgraçou centenas de lares da região sulina mato-grossense”. Defende que, nos ervaais da fronteira:

a inveja foi de crueza terrível: perseguiu, humilhou, tocaiou, deportou, incendiou, agrediu covardemente, prendeu, fez intrigas políticas, levantou calúnias, forjou furtos, violentou criaturas indefesas, aleijou a muitos e ...matou. Principalmente matou. Quantos? Não se sabe ao certo. Foram centenas e centenas, isto é incontestável. (Livro 23, p. 59).

Essa arma humana manuseada por déspotas, sanguinários, desalmados e covardes, segundo Serejo, agiu devido à cobiça por um quinhão de campo apropriado para criação ou uma faixa de terras onde as vistosas ervateiras clorofilavam o ambiente. O impactante disso tudo é a defesa em favor do assassino: quase sempre, quem mata o faz por um motivo justificável, uma vez que a lei da fronteira é regida pela ordem às avessas: matar ou morrer.

Ainda em Bhabha (2003, p. 24) podemos avaliar fronteira como espaço, local, a partir do qual algo começa a se fazer presente, algo começa a ter sentido, começa a ser compreendido, começa a ser visto como movimento de trajeto ambivalente. Fronteira pode ser compreendida como local em que transitam “balaies de bugres”, contendo traços unificadores dentro das diferenças que os constituem como sujeitos

de um momento sócio-histórico. Esse momento, para Serejo, centraliza-se no povoamento do sul do Mato Grosso do Sul da faixa que vai de Porto Murtinho a Amambaí, como se pode ver na obra recentemente publicada, *Retratos de uma época: Os Mendes Gonçalves & a Cia. Matte Larangeira* (2013), organizado a pedido da filha de um dos donos da empresa Matte Larangeira, pelo historiador - também fronteiriço - Luiz Alfredo Marques Magalhães.⁴⁰



Figura 5 - Caminhos percorridos pelas primeiras comitivas ervateiras de Thomaz Larangeira no Brasil, a partir de 1888.

Há nas narrativas selecionadas um transitar por entre fronteiras – espaço de trânsito –, que se transfigura na atuação narrativa de Serejo, quando, de autor ele se faz personagem e, ao mesmo tempo, narrador. Ou, ainda, na fronteira do local regional que se abre ao universal, na fronteira da memória do lembrado e do

⁴⁰ Segundo nota contida na obra *Retratos de uma época* (2013, p. 235), Luiz Alfredo foi criado na fazenda Lagunita/MS e conheceu ainda na infância a atividade ervateira; seu avô materno era amigo e compadre de Heitor Mendes Gonçalves, dono da Matte Larangeira e pai de Mario Mendes Gonçalves cuja filha, Elza Mendes Gonçalves, teve a ideia de organizar um livro contando a saga da Matte e dos Mendes Gonçalves. Dona Elza ainda possui a fazenda Margarida, a qual foi requerida por Thomaz Larangeira em 1888 e passou a fazer parte da Cia. Matte Larangeira em 1892; após 1903, seria da Larangeira Mendes e Cia. Área original: 135, 404 hectares.

esquecido e da relação entre o histórico e o ficcionalizado. Nas retas – caminhos – há um entrecruzar, que se aglutina em um terceiro espaço, segundo Bhabha (2003) p. 65), o *lócus enunciativo*, o qual poderá resultar em discursos que estão na exterioridade do que foi dito. Este terceiro espaço abrirá fendas para que as narrativas se estendam “além” do contar fatos, causos, lendas, vivências de anônimos – homem do erval –, bem como de pessoas identificadas pelo nome ou da descrição exuberante da flora do sul do Mato Grosso do Sul. É o caso do discreto texto “Ajudo a meu amigo”, no qual a lembrança da guerra foi-se transformando, passando de “fato ocorrido” para anedota contada entre amigos, o que pode ser uma forma de negação dos fatos, um apagamento das atrocidades ocorridas durante *La Gran Guerra* ocorrida entre 1865 e 1870.

No livro didático *História de Mato Grosso do Sul* (2005, p. 73-86), capítulo 08, “A guerra do Paraguai e Mato Grosso do Sul”, além do encadeamento dos textos contidos nesta obra estarem de forma fragmentada e anacrônica, subentende-se da leitura do título do referido capítulo, “A guerra do Paraguai e Mato Grosso do Sul”, que a Guerra ocorrida entre Brasil, Argentina e Uruguai contra o Paraguai, deu-se, de fato, entre o país vizinho e o Estado de Mato Grosso do Sul. Todavia os autores não contextualizam o fato histórico, a fim de dar condições do aluno/leitor compreender a formação do Estado; conseqüentemente, do Brasil. Com isso, inferimos que as causas e conseqüências da Guerra da Tríplice Aliança, transformadas em anedota, como vimos em *Ajudo ao meu amigo*, não difere muito dos estilhaços históricos contidos no Manual adotado pela rede de ensino do Estado. Vale ressaltar as cinco linhas reservadas para “Conseqüências da guerra”:

Depois de cinco anos de luta (1865 -1870), a população do Paraguai foi praticamente dizimada: dos 800 mil habitantes restaram apenas 194 mil. Cerca de 96% da população masculina foi morta. De república próspera e progressiva, o país converteu-se em uma “espécie de colônia sem patrão”, nas palavras de Augusto Roa Bastos, o escritor paraguaio de maior expressão internacional (GRESSLER, 2005, p. 84).

Os farrapos da memória da “Grande Guerra” repercutem, ainda em: “Mato Grosso espera/esquecer quisera/O som dos fuzis/Se não fosse a guerra/quem sabe hoje era/Um outro país/⁴¹. Em *Ajudo a meu amigo* a lembrança anedótica representa

⁴¹ Letra e música de Almir Sater e Paulo Simões.

um apagamento visando a um recomeço, como é o caso da personagem *El viejito poincaré*. Entretanto, o passado não se subtrai pelo desejo de apagá-lo, já que passado e presente são palcos da mesma história.

Prenuncia-se, com isso, em Serejo, uma literatura na fronteira da exaltação nativista e da representação heterogênea do regional, muito próxima das tendências da segunda geração do modernismo. Serejo retrata o homem e suas adversidades contextuais de forma que a aparente exaltação contrasta com a realidade das personagens que passam a viver em local pouco propício e acessível ao ser humano, a fronteira Brasil- Paraguai no início da primeira colonização do Estado de Mato Grosso.

Ademais, a paisagem que vai sendo modificada pelo homem em trânsito proporciona ao narrador um sentimento catártico, uma espécie de bálsamo minimizador do destino “cruel e ingrato” de homens e mulheres desbravadores. Nem por isso o narrador se exime a recontar a realidade.

Na fronteira, pois, de suas experiências de fato e na confluência dos fatos criados pelo ato de narrar, autor, narrador, personagem e sujeito histórico se integram na criação de uma realidade transfigurada pela experiência de vida, pelo conhecimento que se tem do lugar. No entremeio de fatos vividos e recriados está o fazer literário de um sujeito aparentemente descompromissado com a denúncia. Um narrador que se apresenta como eterno apaixonado pela escrita, com olhar magnetizado pela terra. Todavia, nas narrativas estão, também, histórias de exploração, de coragem, de medo, da “lei do mais forte”. Advém daí a hipótese: Serejo revela, além da cor local, questões para além do exótico e do pitoresco. Insere o homem e a vida do homem explorado, aquele que passa a se aventurar na fronteira Brasil-Paraguai motivado pela possibilidade de trabalho na Companhia Erva Matte Larangeira.

Machado de Assis (1959, p. 28-34) preconiza que “Naturalmente os costumes do interior são os que conservam melhor a tradição nacional; [...] Por outro lado, penetrando no tempo colonial, vamos achar uma sociedade diferente, e dos livros em que ela é tratada, alguns há de mérito real”. O efeito colonialista projeta-se ao longo do contínuo processo colonizador, tanto que as personagens – os anônimos dos ervais – são heroicizados para compensar a participação na arrancada civilizatória. Posicionamento natural, advindo de concepção histórica do pensamento ocidental, calcado no dual: civilizado x não civilizado, na perspectiva de

quem chega traz o melhor, sabe mais, possui “cultura mais forte”, civilizado, portanto.

Entretanto, Serejo surpreende ao reconhecer a alteridade, ao avaliar as contribuições trazidas pelos paraguaios no cultivo da erva mate, uma vez que a extração no país vizinho foi anterior ao processo do Brasil. Vale ressaltar que os paraguaios vieram em consequência da Grande Guerra, sujeitam-se às condições de exploração, de expatriação (in)voluntária. Com isso, há uma diferença nos padrões de contato de povoamento, do processo de colonização europeu, pois há relativa unidade social, histórica e econômica – povoamento pós guerra, pós demarcação de fronteira – entre os que chegaram e os que estavam. Assim, pelo fio de sua narrativa, correm vozes abafadas devido às circunstâncias sócio-históricas, ainda que estas elas explicitem relações pacíficas entre nacionalidades – sem muita consciência de quem é quem. A fronteira é livre, aberta, propícia o povoamento “irmanado”, particularidade de um tempo e local que favorece o contato. Sobressai, dessa relação, o encontro, já que para Martins (1997, p. 151) “O desencontro na fronteira é o desencontro de temporalidades históricas, pois cada um desses grupos está situado diversamente no tempo da História.” Situação relegada na narrativa serejiana, devido à convivência histórica em que se dão as relações entre os habitantes da fronteira do sul de MS: todos são parte de um mesmo tempo e história, como se pode avaliar na anedota *Ajudo ao meu amigo*. Entretanto, cada qual carrega consigo muitas outras marcas de histórias, uma das quais a história pessoal, nem sempre revelada de imediato, pelo contador; traço peculiar nas narrativas serejianas como veremos no estudo de algumas estruturas. Martins (1997, p. 150) discute, com bastante veemência, o ledó engano fronteiriço de unidade e de local de encontro:

[...] a fronteira é essencialmente o lugar da alteridade. É isso o que faz dela uma realidade singular. A primeira vista é o lugar do encontro dos que por diferentes razões são diferentes entre si, como os índios de um lado e os civilizados de outro; como os grandes proprietários de terra, de um lado, e os camponeses pobres, de outro. Mas o conflito faz com que a fronteira seja essencialmente, a um só tempo, um lugar de descoberta do outro e de desencontro. Não só o desencontro e o conflito decorrentes das diferentes concepções de vida e visões de mundo de cada um desses grupos humanos. O desencontro na fronteira é o desencontro de temporalidades históricas, pois cada um desses grupos está situado

diversamente no tempo da História. (MARTINS, 1997, p. 150-151).(Grifo nosso).

Veremos, mais adiante, a consonância teórica de Martins com boa parte das narrativas selecionadas. Realmente, à primeira vista, a fronteira se abre ao encontro, ao passo que vai ocorrendo o convívio, as histórias vão se desencontrando, sobretudo, quando o narrador revela a procedência de personagens fugidias.

Além da alteridade, transparece, ao longo do conjunto da obra, um olhar sobre o local, que flerta com o exótico e o pitoresco. Sobressai, pois, a presença da cor local, da vida local, temática recorrente daquilo que Candido tanto criticou dos românticos:

[...] tende a anular o aspecto humano, em benefício de um pitoresco que se estende também à fala e ao gesto, tratando o homem como peça da paisagem, envolvendo ambos no mesmo tom de exotismo. É uma verdadeira alienação do homem dentro da literatura, uma reificação da sua substância espiritual, até pô-la no mesmo pé que as árvores e os cavalos, para deleite estético do homem da cidade. (2006, p. 614-657).

Em Serejo ocorre o reverso, já que abre passagem para o homem e seus dilemas em um contexto atípico à vida urbana. Paisagem e vivente se integram nas narrativas, e o espaço do erval passa a dar significado a condutas e comportamentos das personagens, as quais vivem uma espécie de nomadismo dispersivo, entrecortado pelas trilhas do *caati* – erval –, um verdadeiro labirinto na mata bruta, um sistema caprichoso de estrada, que se cruza em todos os sentidos, segundo o ervateiro e autor (Livro 9, p. 234).

Machado de Assis (apud CANDIDO, 2006, p. 368 - 369) já dissera que uma literatura nascente deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a região. No conjunto da obra de Serejo fica evidente a temática fronteira contada por um fronteiro misto de homem cruza-campo e trota-mundo em trânsito em que “[...] a luta espaço-temporal assume com frequência traços de luta social. O tempo parece amordaçado, ou escravizado pelo espaço, e por mais que o elemento ecológico absorva o primeiro plano da estrutura da obra, os valores humanos se destacam sempre...”. Assim, encontramos respaldo na preocupação de Machado de Assis em exigir do escritor certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país. Nas narrativas, há vestígios de um tempo de povoamento de

um local que hoje se faz Mato Grosso do Sul. Um tempo de fronteira entre dois países, de conflitos, de contato entre diferenças, de história de cada qual, sobretudo porque em cada tempo há situações por meio das quais são evidenciadas circunstâncias de alteridade.

Assim, a literatura de Serejo vai se configurando no limite tênue de uma literatura de fronteira produzida por um autor nativo, à margem dos grandes centros, sem muito planejamento literário, tanto que sua produção resultou em um “balaio de bugre”. Todavia, os aspectos de vida integram-se aos elementos internos da obra, sobretudo, pela relação do autor com o local e tempo, no caso, a fronteira do sul do Mato Grosso do Sul em um tempo de desbravamento.

Com isso, avaliamos que a ideia de fronteira geográfica, espaço territorial, por onde se processa o contato, o trânsito, ambivalências, e alteridades sócio-culturais, ganha dimensão figurada, no conjunto da obra de Serejo, e se projeta para o campo da conotação, ao avultarmos a possibilidade de Serejo ter escrito motivado, inconscientemente, pelo viés da dupla acepção contida na noção metaforizada de fronteira.

Algumas relações entre os planos – real/figurado – podem ser estabelecidas na visibilidade, na inserção que Serejo dá ao “outro” – ao anônimo, ao pioneiro, aos fronteiriços – a ele mesmo em suas narrativas. Além disso, demonstra ausência de planejamento literário, embora não fique à espera e vá trilhando sua história de escritor periférico, acadêmico, homem do erval, não muito diferente da perspectiva em que se encontra o sujeito descentrado, “errante”, recuperado pelas narrativas. Tal conjectura agrega valor estético à temática “vulgar” de pessoas que passam a conviver na “fronteira abandona”.

3.2 CAAPÊ-HETÁ LA CAÁ⁴²

Ao se falar em elaboração da erva -mate, um nome surge logo como pioneiro: Tomás Laranjeira – o Tigre dos Ervais. (Livro 23, p. 67).

⁴² Expressão que se ouve frequentemente nos ervais e que quer dizer: aqui tem muita erva. (Livro 50, p.255).

O entrecruzar das personagens serejianas dar-se-á, com maior intensidade, no decorrer das ações conduzidas pelo homem de negócios, “sereno nas decisões, mas extremamente arrojado quando se fazia mister uma penetração por lugares desconhecidos, cheio de charcos, cipoal denso [...]” (Livro 34, p. 14), Thomaz Larangeira⁴³. Para o reconvertido narrador serejiano Livro 34, p. 14), foi “homem de fôlego de sete gatos e têmpera de aço”, tinha conhecimento da qualidade dos ervais nativos de Amambaí, Iguatemi da margem direita do rio Paraná e soube explorar a qualidade de “*Uma yerba de bueno gusto que hace bien al espiritu*” (Livro 34, p. 16) como diziam os argentinos, ao se referirem ao sabor do produto brasileiro comparado àquele produzido em seu país.

Nascido em Santa Catarina em 1840, Thomaz Larangeira participou da Guerra do Paraguai como responsável pelo suprimento das tropas brasileiras fornecendo mantimento, representante de uma firma de Porto Alegre. Terminada a Guerra, estabeleceu-se no Paraguai. Em 1870, os governos que tinham estado em conflito, constituíram a Comissão Mista de limites Brasil-Paraguai, no ensejo de que fosse demarcada a linha divisória entre os dois países. Na ocasião, Thomaz Larangeira, segundo Serejo (Livro 34, p. 67), foi convidado pelo coronel Rufino Enéias Gustavo Galvão para desempenhar a função de seu secretário, posto que ocupa durante pouco tempo, uma vez que seu faro de comerciante o levará a ser responsável pelo abastecimento alimentício da expedição. Passa, então, de secretário, a fornecedor de víveres.

Em, *Caraí*, monografia redigida para participar de um concurso promovido pelo núcleo regional de Mato Grosso do Sul do Instituto Euvaldi Lodi sobre o ciclo da erva-mate, reconvertida em livro, Serejo enfatiza que:

Foi no desempenho deste mister, em seu giro de muitas e penosas léguas, que Tomás Laranjeira descobriu, nas bacias dos rios Iguatemi e Amambaí, grandes ervais nativos, formados de riquezas arboleras. Guardou silêncio por uns tempos, mas continuou cruzando aqueles ermos e mais ervais foi encontrado. Sentiu a grandeza descoberta, e como tinha nas veias o tino do comerciante arguto, e sendo já conhecedor da industrialização e comércio da *Illex* que, mais tarde, seria batizada coma denominação

⁴³ Optamos por seguir a grafia adotada pelo historiador Luiz Alfredo Marques Magalhães, autor de *Retratos de uma época: Os Mendes Gonçalves & a Cia. Matte Larangeira* (2013), por utilizar fonte de pesquisa com base no Colégio Brasileiro de Genealogia realizada por Élidea Hernandez Garcia, professora da cidade de Bagé/RS.

de *Ilex paraguariensis*, teve a idéia: requereria do governo de Mato Grosso permissão para explorar esses ervais nativos, que deslumbravam pela folhagem intensamente clorofilada e exuberância de porte.

E assim fez. Com a fixação dos limites entre os dois países, parte considerável dos ervais que se encontravam em território neutro foi denominada como erval brasileiro. Em, 1878, Thomaz Larangeira começa o empreendimento; obtém concessão do governo por meio do Decreto n. 81799, de dezembro de 1882. Em *O mayordomo de Capivari* (Livro 44, p. 168), narrativa em que conta as atrocidades do correntino responsável pela primeira ranchada ervateira, o qual morreu com uma faca carniceira, Três Estrelas, enfiada no pescoço por um brasileiro para vingar sua pátria, Serejo inicia o texto referindo-se ao primeiro comando da Empresa Mate na estrada de Chirigüelo, localidade próxima a Ponta Porã.

A empresa prospera e o mentor da ideia se une aos irmãos Manuel, Francisco e Joaquim Duarte Murtinho, no ano de 1902, em Buenos Aires. A firma Larangeira, Mendes e Cia adquire todos os bens pertencentes à Companhia Matte Larangeira. Com a Proclamação da República, Antonio Maria Coelho, amigo de Thomaz Larangeira, assume o governo de Mato Grosso e proporciona mais favorecimento⁴⁴ à Companhia do amigo da época em que participaram da comissão demarcatória. A indústria expandiu-se a ponto de tornar-se uma potência dentro do próprio estado. A Companhia reconhece que alavancou o desenvolvimento da região fronteira, outrora, abandonada, construiu pontes, estradas, a fim de transportar seu produto. Muitas cidades que nasceram após a guerra desenvolveram-se no auge da erva-mate. Entretanto, Thomaz Larangeira, foi muito favorecido, com “as benesses dos políticos e a mão de obra baratíssima do paraguaio e dos índios” (p. 94).

⁴⁴ “A Matte Larangeira tinha origem na concessão, feita em 1882 e renovada seguidas vezes, a Thomaz Larangeira para explorar a erva-mate no Mato Grosso. O objetivo dessa concessão, segundo Decreto de 23 de junho de 1890, era o de estimular o progresso econômico mato-grossense, promovendo o aumento da renda pública com a cobrança de impostos sobre o mate exportado e sobre a importação. A Matte Larangeira, porém, adotou procedimentos que frustraram esse objetivo, ao criar depósitos em Vella Concepción, no Paraguai, que eram abastecidos de erva-mate mato-grossense por carretas. Estas atravessavam grande extensão de território paraguaio, valorizando-o, transferindo-lhe os benefícios do trânsito que o governo brasileiro esperava fosse reservado ao Mato Grosso. As estações paraguaias para abastecimento dessas carretas acabaram por tornarem-se núcleos populacionais, praticando a agricultura e comércio, em detrimento do vizinho Estado brasileiro”. (Tese de Francisco Doratioto, *RELAÇÕES BRASIL - PARAGUAI: afastamento, tensões e reaproximação* (1889-1954).

Em *Caraí*, Serejo confirma a “força poderosa, com mando absoluto” da Companhia, tanto que esta se transformou, eleitoralmente, em uma fonte de consulta e indicação de cargos políticos, além de fonte de “voto de cabresto”, já que os pequenos fazendeiros, comerciantes, ervateiros dependiam da erva. Com isso, “[...] não foi difícil formar um eleitorado obediente disciplinado. Um eleitorado da mais alta valia, que cumpria cegamente as ordens, não traindo nunca” (p.18). Afirma ainda:

Passou a dominadora organização industrial ervateira a indicar governador, vice, deputado estadual, deputado federal e senador. Escolhia e os elegia na certa, o que é de conhecimento de todo mato-grossense. Nunca foi surpresa a vitória, nas urnas, dos indicados, pois seu prestígio, que não conhecia barreiras, aumentava de ano para ano. Removia e demitia funcionários, nomeava autoridades, determinava acertos, punha por terra com apenas algumas linhas descabidas pretensões de adversários ferrenhos, elegia prefeitos com espantosa facilidade. Estendia o seu poderio político até São Paulo e Rio, traçando diretrizes para este ou aquele cometimento e sempre se avantajando na sentença final. (Livro 34, p. 19).

Em contrapartida, possibilitou o povoamento da região, abriu caminhos, estradas, abriu portos, construiu pontes, para a erva poder ser transportada e para que a mão de obra de que a Companhia precisava, chegasse aos longínquos locais de extração. Esta mão de obra personifica-se no homem cruza-campo e trota-mundo de que tanto fala Serejo, homens, mulheres, e “[...] todos, indistintamente, eram tratados como animais, com toda espécie de tirania, porque, pelas leis dos ervais, era preciso que houvesse *producción*, e produção de erva de primeira qualidade, sem qualquer mancha, e na maior quantidade possível” (Livro 23, p. 74). Neste quadro de sofrimento físico e compensação nostálgica, aparece a voz dual de Serejo referente à Companhia Matte Larangeira:

Tudo isso houve, sim, e até mesmo em dramas inenarráveis, tragédias hediondas, engolfadas em sangue de inocentes, porém o mate, incontestavelmente, serviu de alavanca poderosa para que se desbravasse e se povoasse a região sulina mato-grossense. (Livro 23, p. 74).

No mesmo parágrafo em que aponta os “sacrifícios” reconhece que as “[...] conseqüências eram coisas de somenos.” O entre-lugar transparece no reconhecimento do progresso: “Governo algum faria o que fez essa legião de

homens barbarescos”, ou “Dois nomes gigantes, entre muitos outros, pelo lado da visão e do arrojo, ficaram nessa dantesca epopéia: Tomás Laranjeira e Francisco Mendes Gonçalves”. Pelo outro “lado” “Nessa época de atrocidade e violências, o conchavaco, indefeso e miserável, era obrigado a carregar às costas, por caminhos quase que intransitáveis, *los miembros de la administración*, zelosos sempre por seu corpo e por sua saúde.” (Livro 23, p. 74).

Com isso, fluirá em boa parte das narrativas a visão de homem/capitalista que reconhece a Matte como empreendimento substancial responsável pela geração de múltiplas frentes de trabalho a sujeitos que não tinham outras perspectivas, além do cultivo agrícola de subsistência ou mão de obra em latifúndios. Perpassam as narrativas, ainda, nuances reflexivas de um sujeito/nativo/personagem que, também, é agraciado pela oportunidade, ou como filho de pequeno ervateiro ou como peão na Companhia. Transparece, também, a vertente de autor/narrador que registra histórias de um empreendimento culturalmente constituído como espécie de dar a “essa gente” abandonada, dispersa pela fronteira Brasil-Paraguai, “aquilo” que seria função do governo. Em detrimento dessa doação, desse magnífico empreendimento reconhecido pelo homem capitalista, desejoso do progresso avultam-se fatos que, por mais rentáveis que sejam para a bolsa da erva, não justificam a desumanização a que se sujeitam os andantes serejianos.

3.3 O ANDARIEGO...

É um nômade, sem querer! E assim, vai andando...andando...dia e noite [...].
(Livro 18, p. 205).

As histórias narradas tratam de personagens “comuns”, as quais se deslocam de um local para outro, de um limite territorial para outro, de uma distância para outra, de um desejo para o outro, naquela “[...] fronteira de linha seca, na qual ninguém sabia, outrora, onde terminava o Brasil e onde começava o Paraguai”. (Livro 35, p. 165). Local que, segundo Póvoas, “transformou-se num laboratório social dos mais interessantes” (Livro 35, p. 165). Assim descrita por Serejo:

Velhos, moços e crianças e embrenhavam na selva bruta enfrentando, estoicamente, o ambiente hostil – e as ranchadas ervateiras, os trabalhadores, foram surgindo aqui e ali.

Primeiro, na estrada dos caatins e, depois, nos cafundós da mata, no verdadeiro inferno verde da ambiciosa aquifoliácea, esperança de todos: dos patrões que viviam em campanário, Guaíra, Conceição, Posadas e Buenos Aires – e da peonada que veio e ficou para escrever com sangue, seu suor e suas lágrimas, uma das páginas mais dramáticas, repleta de bravura, desprendimento e resignação, da história grandiosa, referente ao povoamento do extremo sul de Mato Grosso, a região ervateira principalmente, que a todos enfeitiçava. (Livro 41, p. 11).

A extensão do trânsito e do deslocamento de pessoas para o sul do Mato Grosso do Sul, na obra de Serejo, pode ser representada, primeiramente, na própria história da vida familiar do autor, uma vez que seu pai, tenente Francisco Serejo, nascido em Cuiabá, aos 20 anos de idade foi designado pelo Presidente da República, Campos Sales, para chefiar, de início, no posto de tenente da guarda nacional, em Corumbá e mais tarde, como conta Reis (2008, p. 42-43), o destacamento de Ponta Porã, um arraial composto de várias casas e algumas taperas, o qual precisava de um destacamento policial por se tratar de fronteira em que o contrabando e o banditismo de toda ordem proliferava. Assim, se inicia a ideia de movimentação: os que vieram de fora e fizeram morada, fixa ou transitória, no local em que se darão as narrativas. O fora pode ser avaliado como exterioridade daquilo que estava lá, local de chegada. Certamente, Serejo ouviu seu pai contar inúmeras vezes suas peripécias de lá – Cuiabá – para cá – Ponta Porã. Aquelas façanhas foram constituindo o repertório do homem em trânsito, do sujeito que, mais tarde, irá se ver em trânsito pelos ervaais, convivendo, quase sempre, com sujeitos que também vieram de outros países, Estados da Federação ou do próprio Estado.

Assim, os deslocamentos para a fronteira do sul do Mato Grosso do Sul, segundo as narrativas de Serejo, acontecem, de forma mais intensa logo ao término da guerra da Tríplice Aliança (1864 - 1870): “Quatrero veio de longe, dos confins do território paraguaio” (Livro 4, p.92). “Vieram, quase todos, da República do Paraguay [...] porque não estava compensando o pagamento na zona ervateira guarani” (Livro 6, p. 19). No Brasil, encontram acolhimento “não só pela poderosa Mate Laranjeira [...], mas por particulares” (Livro 4, p. 93), devido a oferta de trabalho em um tempo de desbravamento da região.

Há traços que, aparentemente, unificam os sujeitos andantes nas narrativas, tais como o vir, a ação de sair de um local, realizar o percurso sob condições adversas e chegar a um local desconhecido, como é o caso do pai do autor em estudo. Dom Chico Serejo, como mais tarde ficou conhecido, viajou pelo rio Paraguai, de Cuiabá a Porto Murtinho, daí a Ponta Porã, de carreta puxada por 5 juntas de bois e duas de reserva, em 1900. Outro aspecto, pode ser o fator motivador da ação de se colocar em movimento rumo a local incerto, quase sempre influenciado pelo desejo de dias melhores, de condições de trabalho, uma vez que “A pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidade – os legados do Império em toda a parte – podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento – a dispersão.” (Hall, 2001, p. 28). Ao referendar o motivo de trânsito entre fronteiras, Serejo aponta justificativas tendo como suporte os acontecimentos – Guerra e Matte Larangeira – já apontados, recepciona os personagens chegantes do lado brasileiro e vai com eles percorrer ranchadas, cruzar caminhos, visar à entrada credenciada pela necessidade de produção, independente da “ficha criminal”, como podemos avaliar na passagem transcrita:

Os primeiros *mineros maestros* dos ervais de Tomás Laranjeira vieram de Tacuru, vários deles *asesinos* de alta periculosidade. Ensinaram os segredos da elaboração da erva aos primeiros participantes. Foram úteis, devemos reconhecer. Nunca, porém, regressaram ao Paraguai. Tiveram, como sepultura, o chão bruto dos ervais sulinos (Livro 34, p. 153).

Em contrapartida, aos traços unificadores apresentam-se, também, as particularidades heterogêneas dos sujeitos históricos que vieram. Sujeitos que passaram a viver entre fronteiras culturais, entre a história de vida que se tinha e a história de vida que passam a ter a partir de uma relação intercultural. Esse aspecto pode ser ilustrado por Hall (2003, p.37) quando salienta que a nação não é apenas uma entidade política, mas um sistema de representação cultural, aquilo que produz sentido nas relações de troca, de participação mútua, quando se precisa sobreviver em uma dada realidade, como é o caso de muitas personagens serejianas que deixaram para sempre sua terra natal e passam a intercambiar experiências além de suas origens (Hall, p. 39), motivados por perspectiva de “dias melhores”. Este processo contínuo evidencia-se “no caminhar contínuo” (Livro 34, p. 155) que, embora fosse desgastante e sofrido, segundo o narrador serejiano, estava ajudando

o povoamento de uma região desconhecida, além de contribuir para formar “a grandeza de um Estado, que viria a ser, com o passar do tempo, o berço de seus filhos” (Livro 34, p 155). O vir a ser, o porvir, a ideia de compensação de um tempo de desbravamento – diríamos de exploração inconsciente – perpassa as narrativas e refrata a acepção de patriotismo pelo viés do narrador que comanda as personagens expatriadas. Ressoa, ainda, com tom bastante reticente o fluxo contínuo em busca de algo, sobretudo, de um local para fazer dele “a terra prometida”, mesmo que esteja no além, mais para frente, “com o passar do tempo, o berço de seus filhos” (Livro 34, p 155).

Bhabha (2003, p.19) considera que estar no ‘além’ é habitar um espaço intermédio que se constitui em “um retorno ao presente para redescrever nossa contemporaneidade cultural; reinscrever nossa comunalidade humana, histórica; *tocar o futuro em seu lado de cá.*” Um futuro intersticial formado pelo vão das partes, um futuro “que emerge no entre-meio entre as exigências do passado e as necessidades do presente” (Bhabha, p. 301). Serejo é porta-voz desse intervalar sócio-histórico, quando dá luz à vida dos que viveram, trilhando os caminhos encobertos pela extração da erva e isso se confirma, além das narrativas, pela representação de ações enunciativas escolhidas para títulos de seus livros, tais como: *De Galpão em galpão* – O sujeito em trânsito - *Pelas orilhas da fronteira* – o sujeito à margem –, *Balaio de bugre* – a identidade híbrida –, e outros.

3.4 ...EM TRÂNSITO NA FRONTEIRA

Daí a razão de cruzarem a fronteira, semanalmente, grandes levas de paraguaios que esperavam por dias melhores, mesmo sofrendo e derramando o seu suor no mundo bruto e selvagem da erva-mate. (Livro 47, p.112).

Thomaz Larangeira, sendo ele próprio um homem em trânsito, “[...] passou a enviar correspondência para os mais diferentes rincões, onde sabia da existência de conhecedores de ranchadas ervateiras” (Livro 34, p. 70). Com isso, despertou o interesse de “milhares de criaturas ligadas à elaboração do mate. Também de

terceiros ansiosos por se fixarem em ponto qualquer para início de uma nova vida” (Livro 34, p. 71).

Segundo Serejo, “caraí ervateiro, o homem de aço”:

[...] veio dos mais longínquos rincões: Misiones, Santa Fé, Reconquista, Dolores, San Nicolás, Território da Formosa, Bela Vista, San Rafael, Resistência, Paso de Los Libres, San Ferenando del Valle de Catamarca – República Argentina; Assunção, Conceição, San Pedro, Vila Encarnación, Capilla Horqueta, Vila Rica, San Miguel, Caazapá, Caazapú e Pedro Juan Caballero – República do Paraguai. (Livro 41, p. 10).

No decorrer de um ano, já havia um “legião de quatro mil criaturas, dos mais variados tipos, hábitos e costumes” (p. 11). Esse quantitativo chega, em 1934, após profundas modificações, a “dezoito mil empregados”, capital e renda superior à arrecadação do Estado, que chegou a emprestar dinheiro ao, então, Mato Grosso, razão pela qual se cogitava a possibilidade de a região constituir-se como estado independente.

Usando como recurso o questionamento para si próprio “De onde vieram esses peões e por quê?”, o autor responde que vieram do Paraguai, devido à remuneração insatisfatória nos ervais guaranis. Entretanto, outros vieram como fugitivos de uma revolução derrotada, vieram, ainda, “em grande parte, foras-da-lei, fugitivos, assassinos de alta periculosidade, marginais, desertores do exército e desordeiros contumazes” (p. 20).

Em *Desordeiro* (Livro 18), a figura do chegante começa com “Ele chegou, ninguém sabe de onde, e ali, na vila se arranchou” ou “Vieram, quase todos, da República do Paraguai, em dezenas e dezenas de levadas...” (Livro 34, p.19). Serejo revela que a procedência pouco importava, o fundamental era que viessem, não muito diferente de tantos outros processos em que os países, como o Japão, importou mão de obra do Brasil e vice-versa.

O movimento do vir e do chegar transpassa as narrativas com bastante referencialidade ao local em que o chegante passa a habitar: “[...] aportou na ranchada ervateira Semana-Cuê [...] (Livro 47, p. 78). Evidencia-se, também, a nacionalidade do forasteiro, quase todos paraguaios “[...] o casal de paraguaios, no último grau de estafa chegou a esse lugar [...]” (Livro 47, p. 57).

Como vem sendo considerado, o narrador reforça, de início, assim que o sujeito chega, a ideia de total hospitalidade, como se o outro fosse muito bem vindo, muito bem quisto e de conduta exemplar. Todavia, na recepção, em pequenos trechos ou palavras prenuncia contraposição que resultará no clímax do enredo, como se percebe em: “[...] Numa tarde de garoa fina, cabulosa, a pé, Kirá chegou na ranchada pobre e em final de safra [...]” (Livro 47, p. 62). Cabulosa, inoportuna foi a chegada do jovem que de nada sabia de erva.

Vinha o forasteiro, quase sempre a pé, sem muita identificação, “Para que documento se o mundo era de todos?”, como é a voz que salva *El Viejito Poincaré* do posto de identificação demandada pelo leitor. Essas figuras são identificadas, quando muito, pelo suposto local de origem: “O peão veio de Posadas. Chegou a Guaíra em 1937”. (Livro 44, p.172) ou “Procedente da cidade paraguaia de Belem, o casal de meia-idade, simpático, denotando visível cansaço, aportou na ranchada ervateira Semana-Cauê” (Livro 47, p. 50), recebeu uma espécie de abono do passado ou de um tratado surdo e silencioso de não se mexer no que ficou, embora este esteja estampado, quase sempre, no vir, no movimento de se embrenhar mata adentro, muitas vezes, por circunstâncias de fuga, um foragido. Entretanto, não se fala nisso, mesmo porque as notícias demoravam a chegar, de fato, nesses lugares. Com isso, abona-se, momentaneamente, o passado e o presente circunscreve a nova história. Segundo Bhabha:

O trabalho fronteiro da cultura exige um encontro com o “o novo” que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria uma ideia de novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado, refigurando-o como um “entre-lugar” contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O “passado-presente” torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver. (2003, p. 27).

Neste local de contato e de conflitos, a personagem serejiana representativa da fronteira, passa a “Transitar espaços incertos, essa é a sina” (Achugar, 2006, p. 09) “– Pra que morar num lugar só? Estrada foi feita para o tranqueio do cavalo [...] Pra que casa? Carancho não tem casa, e vive.” (Livro 9, p. 55). Assim é o “xucro”, o carneador “viveu sempre, de fazenda em fazenda, de rancho em rancho”, o padre, salvador de almas – “Lá vai ele, rumo ao sertão – a mulher quitandeira, guaxa surrada da vida, sempre andante, sem pouso certo” (Livro 9, p. 56).

O homem peregrinante dos ervais determinado pelas condições de vida de seu tempo, foi constituindo-se como sujeito cercado pelos contratos de convivência, tendo como limite o poder da empresa Matte Larangeira, os latifundiários, e os conflitos gerados pela constituição do *lócus* fronteiro por onde transitam o nativo e o transeunte, o que veio o que já estava e o que fica temporariamente de ranchada em ranchada, de margem a margem. Além do homem, está a mata virgem que, aos poucos vai se redesenhando, pelo machete, foice, pés descalços, carretas ou a “Serviço de Engenharias rasgando o deserto, abrindo estradas, construindo pontes...para facilitar o surgimento de novas cidades” (Livro 3, p. 57). Ação que, segundo o narrador serejiano, não permite o sentimentalismo, pois se trata de uma função técnica em prol do progresso da região. Em Jabuna (Livro 3, p. 45-62), nem mesmo a defesa do padre em nome de “Deus Nosso Senhor” foi respeitada, ao pedir ao militar, responsável pela estrada planejada, que o trajeto fosse desviado e não passasse em cima do túmulo da madrinha, mãe adotiva de Jabuna. Ao impedir a passagem do “monstro de ferro e aço” sob o campo santo daquela que cuidara de seu sarampo e catapora, Jabuna tombou atingido por um tiro certo pelo militar, ação justificada em prol da abertura de estradas...

O transeunte paraguaio, mão de obra barata e melhor qualificada na extração do mate, quase sempre se desloca, mesmo sem ter muita noção do que poderá encontrar “[...] o casal de paraguaios, no último grau de estafa, chegou a esse lugar conhecido pelo nome de Tacuru, [...]” (Livro 47, p.57). Embora, os riscos fossem grandes, segundo Serejo “Quando o mercado e os Estados Unidos começaram a exigir da Argentina erva-mate...mais erva-mate, os produtores brasileiros, capitaneados pela Empresa mate, quase que endoideceram” (Livro 47, p 111), e correu a notícia de que nos ervais fronteiros havia trabalho, preferencialmente, para aqueles que tinham experiência na extração. Como o Paraguai começou antes do Brasil a explorar os ervais nativos, lá estava o profissional desejado. Por isso, cruzavam a fronteira:

[...] semanalmente, grandes levas de paraguaios que esperavam por dias melhores, mesmo sofrendo e derramando o seu suor no mundo bruto e selvagem da erva-mate.

Muitos vieram, sim, em propósito de aventura. Se desse certo, elevariam *lós agradecimientos a Díos*; caso contrário, retornariam ao local de origem. E foram, em número considerável, os que pegaram o caminho de volta, como desiludidos e fracassados. (Livro 47, p. 112).

A extração da erva mate vai impulsionar o processo de povoamento da fronteira Brasil-Paraguai: “Talvez fosse a erva o seu mundo triunfador...” (Livro 47, p. 120.), de forma acelerada e sem planejamento, tanto que o constante “ir e vir” advém das condições habitacionais, já que ficar em determinado lugar, quase sempre, significava estar a serviço de. Por isso, moradia e trabalho eram interdependentes.

Neste trânsito, Serejo vê personagens como “Chopito”: que viera ao mundo predestinado a vencer as distâncias, transpor as dificuldades e cruzar os ermos. Uma espécie de caminheiro, como bem descreve Serejo:

Quando o mocinho atingiu quinze anos nessa lida, admirado e querido por todos, era já um autêntico estradeiro, visto que cruzar estradas e enfrentar intempérie cunharam o seu fadário sertanejo. [...] foi vivendo assim como peão estradeiro: não temia os imprevistos que porventura surgissem da longa caminhada que tinha pela frente. [...] O peãozinho cortador de campos e cerrados era grandemente estimado [...]. O chopito vinha dos vales dos bugres, onde existia um passarinho de pouca pena [...] O mocinho seguia em direção da linha da fronteira onde existia um pequeno curso d'água, ao lado de um capão. (Livro 48, p. 140).

Trânsito entre o chegar e o partir. Serejo vai tratar, em boa parte de sua obra, de sujeitos em trânsito contínuo, quer seja o peão vaqueiro “O giro de galpão em galpão é coisa que muito agrada ao vaqueiro” (Livro 18, p. 205), quer sejam figuras que ilustram a vida longe das cidades, tais como, o adivinhador, “cruzando mundo, pedindo pousada embaralhando cartas, ganhando a vida...” (Livro 21, p. 293); o contador de potoca que veio, segundo, Serejo, sentado no recavém da carreta quando os homens começaram a abrir o sertão, ou mulheres que colocaram o corpo torneado à venda, em troca de um sorriso, uma moeda ou um instante de prazer. Já “Velhinha encarquilhada” põe-se a andar pelas festas do sertão ou até mesmo figuras como o “Gadeiúdo”, uma espécie de andarilho contador de causos, “um espantalho inofensivo”, “Destino é destino. Vai andando...” (Livro 18, p. 229). Ou, ainda, personagens que já transitaram por outras obras, como o mascate que vai furando o sertão na obra do Visconde de Taunay.

O efeito “formigueiro circunlóquio” se dá quase sempre em torno de localidades de Ponta Porã, Pedro Juan Caballero, Ranchada Mbacaraí, Porto Don Carlos, Nhu-Vera, Porto Felicidade, Campanário, *Asunción*, *Vila Encarnación*, *Bela*

Vista, Sanga-Puitã, espaços que margeiam a fronteira Brasil Paraguay, no final do século XIX.

Além dos logradouros, recorre, ainda, a nome de pessoas, de fazendas; entretanto, preenche a narrativa com acontecimentos recuperados pela memória de um sujeito que possui relações afetivas com a fronteira, dimensão que se projeta em *Pelas Orilhas da fronteira* pela composição das personagens – começam referendadas, todavia as datas, lugares, pessoas desprendem-se do passado vivido e transfiguram-se em realidades ficcionalizadas que permitem, ao leitor, conhecer uma possibilidade, um viés da história, por meio das ações das personagens – dos que não estavam na história oficial, mas à margem, nas orilhas da fronteira, nas beiradas. Com isso, Serejo traz, no falar de Achugar, “Um cenário onde a história foi apagada, demolida ou reconstruída, de forma eficiente ou, pelo menos, favorável aos desígnos do discurso hegemônico [...]” (Livro 5, p. 309).

3.5 ENTREMEANDO...

E guardo ainda até hoje, bem viva na memória, a impressão...(Livro 9, p.259).

Serejo usa as lembranças para recuperar o cenário fronteiriço. Ao contar o que viu, ouviu, viveu, reviveu nos ervais fronteiriços, traduzidos pela diversidade étnica, de gênero, de cultura, de nação, Serejo abre veredas para, no falar de Canclini (2003, p. 24), “Estudar processos culturais [...] mais do que levar a afirmar identidades auto-suficientes, serve para conhecer formas de situar-se em meio à heterogeneidade e entender como se produzem as hibridações”.

Nas narrativas de Serejo, temos pessoas que foram “dispersadas para sempre de sua terra natal”, [...] embora conservem “fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado” (Hall, 2006, p. 88), como é o caso dos sujeitos que irão servir de mão de obra nos ervais “Certa feita, vieram quinhentos e trinta na maior e mais dramática leva, uns de Vila Rica e outros de Robledo. Tempos depois, menos de dois anos, somente vinte retornaram aos seus povoados...” (Livro 23, p. 74), pessoas que, por questões de sobrevivência, passaram a intercambiar experiências em um contexto de fronteira

territorial movimentado, no mínimo, pelo contato dos vãos entre duas línguas, “Bênção brasileira ou *bendición* Paraguaia” que se manifestam entremeadas “[...] naquele seu castelhano todo enrolado: – U *pingarda, patrón, é nobita, mui linda, seguramente que guena de tiro; u rede...ê...ê...ê u rede...dois colores...ancha...no vais dormir la tarimba de palo...e el ponchillo, lizito, bonitón, uma barbaridá...* (Livro 30. p. 128).

Para Brait (2009, p. 11) caso queiramos conhecer alguma coisa referente à personagem, precisamos “encarar frente a frente a construção do texto”. Precisamos investigar a forma como o autor fez para construir o ser inventado. Descoberta a forma, aí, sim, devemos “pinçar a independência, a autonomia e a ‘vida’ desses seres de ficção”. Mais: diz da personagem como um “ser de papel”, como ser de palavras, linguístico; portanto, não existe fora do texto, embora represente pessoas. Parte da premissa de que é uma figuração de uma realidade inventada, possível de acontecer, de ter ocorrido, mas não é a realidade, assim como uma fotografia não é a pessoa, é a imagem da pessoa que se projeta pelo viés da perspectiva do olhar de quem vê e do instante em que se registrou a imagem. Não é o ser, é a imagem do ser. Assim, há na obra de Serejo a imagem do ser, do sujeito entre fronteiras.

Valeremo-nos, mais ainda, do questionamento de Brait (p.12) referente à forma com que o criador da realidade ficcional passa da realidade concreta para o universo ficcional, capaz de sensibilizar o leitor para fazer crer no real, na existência no plano das possibilidades identificáveis com a vida em curso. Questiona: que tipo de manipulação o autor usa para inventar, recriar seres que o leitor confunde com seres humanos, “com a complexidade e a força dos seres humanos”. Serejo cria a personagem de suas narrativas “à sua imagem, semelhança” e discrepâncias, uma vez que há, na obra, uma incidência relevante de personagens, “criaturas humanas”, como denomina, transfiguradas em peão paraguaio, quatrero, comiteveros, *mayordomo*, barbaquazeiro, monteador, mineiros, “[...], criaturas humanas que, na data longeva, enfrentaram estoicamente toda sorte de martírios, na grande e vigorosa arrancada da épica penetração ervateira” (Livro 23, p.69). Realidade em que o autor/narrador também viveu e com quem conviveu.

Suas personagens, misto de homem vivido e inventado pela voz do contador, resultam em sujeitos em trânsito, que ganham dimensão representativa ao serem ficcionalizados pelo viés de contratos linguísticos, sociais, políticos e culturais do lócus fronteiro. Os contextos se integram e favorecem o caráter de verdade aos

fatos e ações, resultando em uma configuração histórica de descobrimento do Brasil pelo brasileiro partícipe da descoberta, no caso, o narrador serejiano. Ao descobrir a personagem perdida na memória do império ervateiro, o ser de papel dá luz ao que argumenta Memmi (2007, p. 124). Segundo o estudioso a coletivização é a marca do colonizado produzida pelo processo de colonização. Esse movimento agrupa o indivíduo como corpo coletivo, sendo que sua individualidade ou particularidade se reconfigura em um todo homogêneo para o colonizador. Espécie de utensílio que “deveria passar a existir apenas em função das necessidades do colonizador, isto é transformar-se em colonizado puro” (p.124).

São muitas as evidências de que a literatura de Serejo, permeada entre a história e a ficção, configura-se na representação de mais uma saga colonizadora, entretanto, não mais de esquadra que vem pelo mar, visando “[...] salvar esta gente”. A saga dos fragmentos narrados diz de sujeitos que se cruzam a/na fronteira, que vêm de fora, não necessariamente imigrantes, como é o caso de brasileiros que desconhecem o vasto território da própria nação e são atraídos pelas várias possibilidades. É o caso dos gaúchos, por exemplo, bem elucidado por Serejo, dos quais vamos herdar o cultivo de grandes plantações, bem como a lida campeira, a maneira elegante e garbosa do peão se trajar, misturando peças do vestuário da cultura paraguaia com a cultura dos pampas - faixa na cintura, o poncho/pala, a bombacha, além do manuseio de hábitos e costumes com o gado, o uso do laço comprido, o vocabulário gauchesco, o mate amargo/chimarrão/tereré...

Assim, com mais intensidade, a incidência aflorada das marcas de lembrança do narrador serejiano reporta-se à lida dos ervais, ao homem deslocado de ranchada em ranchada, ao homem descentrado, em deslocamento. Essa personagem marca as constantes, recorrentes e indefinidas situações de reconversão a que estão expostos os sujeitos como a personagem “Zé Antônio”, “que fora garimpeiro, oleiro, seringueiro”, ia agora tentar sorte com a ILEX. Afundou-se no caati, disposto a vencer” (Livro 9, p. 268). Não muito diferente da experiência de Serejo, segundo ele mesmo, nas ranchadas ervateiras por onde passou; foi “guaino, uru auxiliar, condutor de arrias, percheleiro, fazedor de puchos, atacador, custureador, provistero, custero, comissário e até *mayordomo*”. De tudo fez um pouco no erval, até se tornar um ervateiro. (Livro 50, p. 217). (Fez de sua experiência as suas personagens, como já dito). Não era, pois, ervateiro, passou a ser, sem que tenha deixado de considerar a anterioridade, quando não era, bem

como o processo transcorrido até chegar a ser. No histórico e aparente discurso autobiográfico emerge, espelhado no fato histórico de extração da erva, uma possibilidade de compreensão de como ocorreu a transição de práticas, hábitos e costumes entre os sujeitos fronteiriços diante da necessidade de mão de obra e de oportunidade de trabalho. Justifica-se a modificação da vida do nativo – no caso, Serejo. O entre-meio da possibilidade e da necessidade resulta em ser ervateiro. Ou ainda: entre o “não ser ervateiro”, o “aprender a ser” e o “vir a ser” vislumbram-se indícios de que a vida dos fronteiriços, vai sendo modificada culturalmente. Vale ressaltar que esta modificação não implica avaliar se o antes era melhor ou pior. Não há, pelo que se pode ler nas narrativas, o tradicional saudosismo de um tempo que passou. Avulta-se a leitura de um estado de ser sujeito de um tempo, independente de rótulos – sujeitos pré-moderno, moderno ou pós – mas que possuem traços constitutivos do ser humano em exposição ao contínuo e interseccionado processo capitalista, bem como ao contínuo processo de constituição identitária.

O sujeito localizado no entre-meio territorial – Brasil-Paraguai –, no entre-meio econômico da extração ervateira que não existia e passa a existir, aparece, nas narrativas aqui estudadas, representado, primeiramente, pela parte que compõe o quadro econômico da época: erval/ervateiro. Conforme vamos colando elementos internos aos externos, flutuam, na superfície das narrativas, os “novos sujeitos”, cujas partes se formaram no entre-meio – antes e depois. O “novo sujeito” nas narrativas está para o desbravador, não para um tipo que espera a oportunidade. A sorte foi lançada com o empreendimento da Matte. Está o sujeito incompleto, em busca de algo, que não se sabe ao certo o quê é o sujeito do vão das partes, dos interstícios, o sujeito que se movimenta e movimenta o local movido pela força do trabalho bruto. Está o sujeito braço, força e coragem que “Traz às costas, qual Hércules, com suas passadas de orangotango, a colheita do dia. Vem Tateando, apoiando-se aqui e ali, pois uma pisada em falso poderá ocasionar a pronta ruptura de algum órgão” (Livro 9, p. 238), uma vez que seu fardo é muito maior do que um ser humano pode aguentar como podemos observar na imagem abaixo:



Figura 6 ⁴⁵ – “*Mensu*”, “*mineiro*”, *peão*, *ser humano capaz de suportar até 150 quilos nas costas*. Acervo: (MAGALHÃES, 2011, p.113).

Ou ainda, em “Dois Hércules”:

la anoitecendo. Uma chuvinha fina, lentamente, umedecia a vegetação. Do lado da mata vinha um surdo vozear. Eram os mineiros que regressavam. O primeiro a apontar no estirão da mata foi Centurión, depois Ibarra e logo em seguida uma imponente fila verde se formou. Vinham calados agora, atentos na trilha perigosa.

- *Cadaque ibiquá!* - gritou Centurión. Ibarra deu uma passada larga, soltando um grito: - *Anãmbyrê!*

Saí à porta da vendinha da estrada e pus-me a observar: belo, edificante espetáculo: aquele extenso e movediço cordão verde se aproximava cada vez mais. Dom Nazário, ao pé da balança, com ares de senhor feudal, ia contando vagarosamente: - Um...dois...três...oito...nove.

Alongou a vista para os lados do *caati* e perguntou a De La Cruz, o índio impassível, que tinha por todo corpo profundas

⁴⁵ Legenda da fotografia: “Uma das fotografias mais folclóricas do mundo ervateiro é a do homem, chamado de ‘*mensu*’, que leva o fardo de folhas de erva-mate chamado ‘*raído*’. Estimulado pela competição – ser o mais forte e também porque seu pagamento era proporcional do que conseguisse carregar – um ‘*mensu*’ era capaz de suportar até 150 quilos nas costas, o equivalente a 15 arrobas paraguaias. Acima disso é pura lenda, ‘*ó ñe embarei...*’ Marques Magalhães, L. A. M.O *Karaí de Sanga Puitã*. Ponta Porã, Mato Grosso do Sul: Gráfica e Editora Alvorada, 2011, p.113.

cicatrizes, de uma luta horrível contra tigre em Panadero: - *Maó oimé Carapeí?*

O índio voltou-se bruscamente. Um brilho estranho perpassou por seu olhar. Atirou ao solo o raído e saiu apressado, blasfemando. Vinte minutos depois voltava, com um novo raído, e o corpo já sem vida, de Carapeí, o seu minúsculo guaino de treze anos de idade. Uma cascavel, que se aninhara entre as folhas do raído, picara-o mortalmente no pulso.

Dom Nazário pesou, pesou mesmo assim, o produto do seu último corte, e a romana acusou 118 quilos. Sim, 118 quilos, conduzidos na cabeça, por um menino de apenas treze anos. Era, entretanto, a carga comum desse pequenino héracles.

Enquanto os vizinhos colocavam nova indumentária no corpo do heroico mineirinho, o velho Nazário, chorando em silêncio, ia procedendo à pesagem. De La Cruz transportara, nesse dia, o maior raído de sua vida: 328 quilos.

Desorientado coma perda do seu valente guaino, o índio impassível abandonou a luta dos ervai e voltou para o seu país. Morreu meses depois, em cruento combate, no Chaco paraguaio (Livro 9, p. 276-277).

Neste entre-meio em que “os novos sujeitos” passam a conviver e a exercer múltiplas e variadas funções braçais, de desgaste físico, aparecem outras instâncias intervalares das quais a voz do narrador serejiano se faz portadora. Sobressai, por exemplo, a posição de quem conta permeada pelo discurso da informação com base em fatos possíveis de terem ocorrido. Por meio da informação, podemos ler, além; denúncia, por exemplo. Mas, aqui, preferimos apontar um sujeito reconvertido, destituído de noção paralela consciência/ausência de consciência referente ao que está ocorrendo consigo mesmo – indivíduo – devido à exposição exploratória. Este estado letárgico transparece em passagens narradas pela voz serejiana, entrecortada por testemunho da vítima, no caso, o peão ervateiro – que não se sente vitimado pelo explorador. Seleccionamos, dentre muitos, o trecho em que o narrador conta como era a lei dos ervais e como o peão ervateiro empenhava esforço desumano para diminuir a conta “[...] e *obtener permisión para salir a fuera e festejar el santificado.*” (Livro 34, p. 25). Convém salientar que esta realidade também está muito bem representada em *Selva Trágica*⁴⁶ (1960). Porém, nem sempre realizava esse desejo, uma vez que pagar conta alta era tarefa sempre difícil. O autor revela, pois, uma das estratégias da Empresa para segurar o peão

⁴⁶ *Selva Trágica* (1960), romance de Ernâni Donato, conta a história da exploração sofrida por homens e mulheres no ervais da Matte Larangeira. Em 1963, inspirou um filme homônimo de sucesso, dirigido por Roberto Farias. Segundo Serejo (Livro 41, p. 65), seu amigo “Nenito Brizueña foi o secador, o barbaquazeiro, o uru, peça de imenso valor numa ranchada”.

nos locais de trabalho por mais tempo, bem como para que produzisse com maior rendimento. Endividado, o braçal precisava produzir mais. Para tanto, precisava de mais provisões, adquiridas em conta mensal, exposto, pois, à exploração cíclica.

Outra forma de permanência forçada e violência de livre arbítrio, sobretudo, para um andante, era a distância entre as ranchadas. Por estarem léguas e léguas afastadas umas das outras, o contato entre o ervateiros era impossibilitado, mesmo em casos de urgência.

Em obra dedicada exclusivamente aos *Homens de aço*, imagem de empunhar o facão com agilidade para realizar o corte da erva, Serejo descreve a rotina dos “heróicos e audazes” homens, heróis anônimos, que fazem o corte da erva equilibrando-se em média a seis metros de altura, sustentados por galhos fracos. Além do corte, cumprem a função de transportá-lo “[...] até uma distância de três mil passos”, nas costas, como se pode ver nas Figuras 01 e 06.

Na apresentação da obra, explica que seu livro é despretensioso e que nunca lera sobre cultura ou industrialização da erva mate. Valer-se-á das informações de experimentado ervateiro que foi durante a época em que esteve nos ervais na região de Ponta Porã. Em *Homens de aço: a luta nos ervais de Mato Grosso*, obra escrita em 1946, justifica-se, caso o trabalho contenha falhas, já que tem certeza de que a fez pensando ser útil a Mato Grosso e ao Brasil. E fica: Serejo se refere à que concepção de utilidade?

Na descrição do “protótipo do homem” dos ervais, com maior intensidade, nesta obra, Serejo sugere a interpretação de utilidade, ao escolher e combinar palavras que, enviesadas, produzem o efeito de misto de denúncia e exaltação. Não explicita exploração, de imediato. Vai, paulatinamente, permeando a lida diária do mineiro⁴⁷ ou barbaquazeiro⁴⁸ com as exposições exploratórias vividas, de tal forma que o erval – floresta nativa – passa a ser vilão do contexto, como podemos avaliar na passagem:

⁴⁷ Homem que faz o corte das folhas da erva-mate. Um profissional de respeito sempre. Sobe até seis metros de altura, mantendo equilíbrio perfeito. [...] É o elemento chave em todas as organizações ervateiras. Sem o mineiro, peão especializado, não há produção de erva-mate. Ele é como um seringueiro, um homem adestrado para uma função extremamente delicada. (Livro 50, p. 273).

⁴⁸ Peão que trabalha no barbaquá. Desempenha papel importantíssimo numa ranchada ervateira. É o homem-chave para se conseguir um produto de excelente qualidade. (Livro 50, p. 253).

Perigo mil enfrenta, ele nessa lida gigantesca. A *jungle* arma-lhe a cada passo uma cilada. Aqui, uma gleba imensa de terra apodrecida; ali, uma muralha intransponível de espinhos; mais além, um rio temporário, formado pelas enchentes. Mas tudo ele vence. Maior que os obstáculos da natureza selvática é a sua fibra de aço (Livro 09, p. 270).

Com isso, bonifica e avaliza a Matte. “Ela” que em um audacioso empreendimento ligou o “Estado de Mato Grosso com várias nações vizinhas, desbravou e povoou o sul e fez a terra de Pascoal Moreira Cabral conhecida e admirada em outros continentes”. Fez muito mais, segundo o filho da “terra abandonada”: “Abriu escolas, fundou núcleos de população, deu assistência médica gratuita aos seus empregados, aumentou a minguada renda estadual e levou a civilização para o sertão” (Livro 09, p. 277); além de ter feito, sozinha, em pouco tempo, aquilo que o Governo não conseguiria fazer em quarenta anos em Ponta Porã (p. 278).

Memmi (1977, p. 101) ajuda-nos a compreender os efeitos advindos do processo de colonização na constituição do sujeito colonizado: “Apesar de tudo, o colonizador não abriu estradas, não construiu hospitais e escolas?”. Inferimos que o texto de Serejo é porta voz de uma realidade que não nos cabe mais, como bem defende Memmi (p.102), avaliar “do que teria sido o colonizado sem a colonização”, uma vez que a discussão não mais se sustenta por binarismo ou pela análise de causa e consequência. Sua posição de escritor revela a hegemonia do “desbravador” e a emboscada vivida pelo “escritor colonizado”: encarnar “todas as ambiguidades, todas as impossibilidades do colonizado, levadas a um grau extremo” Memmi (1977, p. 98).

Elucidam-se características. Bem mais do que “O sertanejo é antes de tudo um forte”, Serejo qualifica os ervateiros como “Leões” no “drama do erval”; compara a vivência a uma epopéia, bem mais sofrida do que a dos seringueiros, uma vez que o ervateiro é “Cativo e sem esperança, no mais recôndito de uma floresta bruta e ingrata” (Livro, 9, p. 231).

Os “super-homens”, “heróis anônimos”, que têm a missão como transformar folha em ouro, ganham dimensão maior ainda, quando inseridos na paisagem do caati:

Quem adentra no seu perigoso labirinto, sente-se, horas depois, fatalmente dominado por estranho pavor. Pára. Circunvagueia o olhar pelos trilhos circunjacentes e, em tudo encontrando a mesma uniformidade, julga-se perdido. Ascende a uma palmeira e grita uma, duas, três vezes; e o morrer longínquo do eco aumenta-lhe ainda mais o justo desespero (Livro 9, p. 235).

A personificação do eco e a denominação das estradas em labirinto contribuem para aumentar os perigos que o peão ervateiro enfrenta na extração da erva. Em: “Pára. Circunvagueia o olhar pelos trilhos circunjacentes” remete a um giro de 360 graus em torno de si mesmo em busca do caminho apropriado para seu percurso.

Na tentativa de demonstrar a “paisagem do erval”, Serejo recupera a descrição de Umberto Puiggari sobre a “paisagem traiçoeira do caati:

O caati (erval) é um verdadeiro labirinto na mata bruta. Há nele um sistema caprichoso de estrada, que se cruzam em todos os sentidos. A estrada maior, limpa, destocada, ampla, denominada *tape-guassú*, que o atravessa em várias direções, é destinada ao trânsito de caminhões ou carretas, que recebem a erva já ensacada e mandada à vaqueria – racho principal. No *tape-guassú* morrem os *tape-hacienda* (caminhos de cargueiros), que servem de comunicação entre o *barbaquá* (forno subterrâneos para secar erva) e o *tape-guassú*. Nessas estradas, sombrias cobertas pela ramaria exuberante, transitam, sem cessar, homens conduzindo, a pé, folhas de erva para *barbaquá*, e bestas carregadas de bolsas (sacas) de erva já prontas para os caminhões. Atravessando os *tape-hacienda*, em múltiplas direções, existem uma infinidade de *tape-poí*, caminhos estreitos, verdadeiros trilhos de cabras por onde os mineiros (colhedores de folhas) trazem o produto de seu labor ao *tape-hacienda*, que lhe corresponde (Livro 9, p. 234).

O fato de a organização do livro ser feita através de subtítulos resulta em uma ausência coesiva entre as partes, no que se refere ao fio narrativo condutor – contar fatos com progressão temporal. Não há continuidade sequencial entre as partes, embora, em todos os subtítulos, Serejo tematiza o homem e a lida no erval. Serejo subtrai a possibilidade de denúncia, mesmo quando testemunha a vida no erval:

Quem viveu nos ervais, como vivi, ouvindo, sentindo e de tudo indagando com vontade de saber, muita coisa vê que lhe comove e punge a alma. Aqui são homens entisicados que lutam desesperadamente pelo pão cotidiano; ali são mulheres anêmicas, autênticas múmias, redivivas, corroídas por enfermidades várias, que gastam as últimas energias à beira de um riacho, batendo, de sol a sol, a roupa grosseira da peonada (Livro 9, p.253).

Aparentemente contraditório na mesma obra, Serejo enaltece “As heroínas dos ervais”; permeando aspectos de perseverança, fé e predestinação, eleva-as a “verdadeiras sentinelas de granito na luta peripeciosa dos ervais” (Livro 9, 245). A comoção sobrepõe-se aos fatos que levam a pungir a alma. Embora esteja recuado do tempo do possível fato vivenciado – tempo em que esteve no erval – recorre ao advérbio “aqui” e “ali” para generalizar que, em toda parte do erval, tanto homem como mulher, sobrevivem em condições exaustivas de trabalho. Entretanto, coloca-se como “pintor” da imagem, de um quadro sociológico e não levanta voz a favor dessas criaturas, muito menos “pinta” a expressão dos explorados ou dá voz aos que sofrem nos ervais. Salientamos, então, que Serejo reconstrói o momento histórico da vida no erval na condição de sujeito, também, sujeitado,

Essa posição leva-nos a inferir a incapacidade para mudar a realidade. Mesmo impotente diante do poder velado, não deixa de demonstrar profunda admiração pelo homem do erval, um sentimento nostálgico e impotente, já que é passado, tempo ocorrido, não existe mais, não há mais lida nos ervais. Restam-lhe, apenas, memórias daquilo de que pode se lembrar. Daí, como um empolgado pela vida, replica imagens concretas, vida de papel, tanto que quase nunca dá voz aos seus personagens, mas fala por eles, testemunha por eles. Chega a opinar, a “achar”: “Acho que ele bem merece a estima e afeição de todos nós brasileiros. Sua missão de transformar folhas em ouro é altamente nobre e sublime” (Livro 9, p. 209). A ação é nobre, mas as condições são de miserabilidade.

Serejo descreve, ainda, a rotina da extração da erva e os perigos a que o homem está exposto. Os hábitos e costumes diários são contados com detalhes, desde a alimentação, reforçando que o tereré e o fumo compõem o cardápio, tanto quanto a carne e a graxa. Relata, em pormenor, como o ervateiro faz para gastar o pouco que consegue juntar na lida da extração: “Nas desregradas orgias dos *jeroquis*, esquece tudo, e com o adoudado companheiro gasta à mão-cheia para depois, durante longos meses, auxiliar a amortização do débito, batendo nas cacimbas a grosseira indumentária da peonada” (p. 246).

A Semana Santa, tradição paraguaia, reforça a permanência do sujeito ervateiro ao erval sem que tenha noção, ao certo, do que seja lazer e alforria. Na transcrição abaixo podemos perceber o significado deste tempo santo, misto de

festa religiosa regada à alimentação típica, seguida de baile. Nessas ocasiões, quase sempre, ocorria baixa de mão de obra no erval:

Há uma época do ano em que o peão do erval tudo esquece. É quando se aproxima a semana santa. Aí ele, abandonando o caati, a pé ou a cavalo, alegre e satisfeito, procura o primeiro bolicho da estrada e vai gastar, em sete dias, todo o pecúlio que conseguiria fazer em onze meses de trabalho árduo e penoso. Sim, com sete dias, pois, não raro, muito antes de expirar o prazo, já torrou as economias e contraiu dívida para muito tempo. (Livro 9, p. 253).

A Semana Santa, para o paraguaio, segundo Serejo (Livro 9, 253) tem representação equivalente ao Natal. Há um ritual em comemoração aos mortos, regados a comidas típicas, como: sopa Paraguai, a chipa, caburé. Vive-se em função da celebração, bebe-se muito. Tudo para, até mesmo o fogo – à lenha – não é aceso na sexta-feira santa. O ritual, lembrado pelo narrador, implica esquecimento de “tudo.” Como se fosse, um “stop”, o sujeito coloca a melhor roupa, o melhor perfume, encilha o melhor cavalo, com a melhor tralha e vai ao povoado mais próximo comemorar com o bolso cheio. Vive uma espécie de estado catártico, necessário para que exista um breve e intenso apagamento da realidade “sangrenta”. Momento para que o peão possa iludir-se a custo alto e viver alguns dias de *jeroky* – baile – e bebida, como forma de compensar a vida dura que leva. Este estado de liberdade inspira-nos a estabelecer a posição do sujeito do entre meio erval-cidade ou mata/povoado. Seu direito ao convívio urbano – entre mais habitantes – é concedido, uma vez ao ano, devido à realização da festa religiosa. Comemoração que castiga quem se arriscar a trabalhar nesta época. Comportamento e crença que revelam um possível e entremeado sentido para trabalho: abençoado por dar condições de se ter o que gastar; todavia, quem trabalhar na ocasião comemorativa está sujeito à maldição.

De primeira leitura, podemos considerar os sujeitos como mártires, desbravadores, personagens que com “sangue, suor e lágrimas” construíram a história de um povo, de um tempo heroico. De fato, essa é uma versão! Entretanto, temos de considerar “[...] que a amiga e providencial ajuda” (Livro, VIII, p. 12), dos que “[...] chegaram aos ervaís, numa luta de bravos, para que a terra fosse desbravada, cortada por milhares caminhos, e povoada”, advém de um estado de extrema exploração, gerada pelo processo de modernização e desbravamento do

local antes não habitado. Para habitá-lo “Homens, mulheres e crianças, por um trilho escuro e estreito, passam conduzindo os trastes, numa alegria desenfreada. É a coroação do triunfo por nova terra conquistada” (Livro 9, p 241). Muito natural para quem está inserido no processo – ou esteve –, o reconhecimento àqueles que trouxeram o progresso e com ele, maiores e melhores condições de vida – conforme modelo capitalista – mesmo que seja para poucos, sobretudo, aos patrões. O reconhecimento traduz-se em homenagem, uma espécie de monumento:

Aos meus irmãos sofredores; aos que sangraram os pés furando o sertão desconhecido; os que dormiram sobre um baixeiro debaixo da árvore agasalhadora [...] aos que foram resolutos e estoicos e venceram os espinhais, os charcos, o areal sem fim, a terra podre, traiçoeira, as fera, o mosquitame azucrinante, a febre que matava, o índio espreitador e a tocaias covarde na boquinha da noite, ofereço o meu PROSA XUCRA. (Livro 10. P.281).

No verso da homenagem, podemos ler, alertados por Benjamin (1994, p. 34) “por trás de todo monumento de civilização há um ato de barbárie”. Mas há um reconhecimento, mesmo que seja hipócrita. A barbárie só se faz consciência depois do tempo passado. E aí, a memória falha. Precisa do monumento para celebrar seus “heróis” que já não são os mesmos que cruzaram a fronteira. São os que a história de um lugar e tempo contou. No caso, os heróis são, “Homens de aço”, porque só estes suportaram o trabalho forçado, o cárcere vivido involuntariamente por meio das “retiradas do bolicho” dos administradores das ranchadas, “[...] pois o desejo de todos era ter a certeza de que teriam o alimento garantido, fosse ele qual fosse”. (Livro 23, p. 93). Estratégia de manutenção e de permanência da quantidade de braços necessários à extração da erva.

O último texto de *Homens de Aço* intitula-se *Duas palavras*, uma espécie de “dois dedinhos de prosa”, uma permissão ao leitor para sair – o autor, não mais o narrador - em defesa branda da Empresa Matte Laranjeira:

Muita propaganda injusta da Empresa Mate Laranjeira, essa preciosa organização industrial, tem sido feita no Brasil. Tem havido mesmo jornalistas profissionais, que mantiveram, por longos anos, campanha de agressão contra ela. Nunca pude compreender por que isto.

Ela, num audacioso empreendimento, ligou Mato Grosso com várias nações vizinhas, desbravou e povoou o sul e fez a terra de

Pascoal Moreira Cabral conhecida e admirada em outros continentes. Mas não parou por aí. Abriu escolas, fundou núcleos de população, deu assistência médica gratuita aos seus empregados, aumentou a minguada renda estadual e levou a civilização para o sertão. (Livro 9, p.277-278).

De fato, o empreendimento da empresa Matte Larangeira possibilitou o povoamento do sul do Estado, entretanto, não muito diferente e considerado como natural processo de colonização: muitas vidas foram ceifadas, sobretudo, vidas de homens simples e desconhecidos. Novamente é exemplar o caso da personagem Poincaré em *El Viejito Poincaré*, primeiro texto da obra *Pelas Orilhas da Fronteira* (2009). De início, ocorre a apresentação da personagem a partir do momento em que ela adentra o cenário em que se encontra o narrador: “As sombras estavam envolvendo o dia em uma roupagem escura. Era a noite que se aproximava...Justamente, nesse lusco-fuco [...]” (p.11) chega “aquele homem miudinho, sem barriga, cabelos loiros, rosto liso, boca pequena, dentes graúdos e fortes, [...], fala macia, olhar de vivacidade leonina chegou a Pedro Juan Caballero”. Nota-se o contraste do ambiente com a figura do chegante. Um entre meio dia/noite – lusco-fusco – entre fim/começo – de uma história que ficou, para outra que irá começar – entre escuridão e detalhes nítidos, revelando – ou camuflando – uma, misto de traços físicos frágeis com “vivacidade leonina”.

Em *El Viejito Poincaré* está o entrecruzar do que veio – deslocado – e do que estava – estático –; está o local que necessita de mão de obra e o andante em busca de oportunidade, está a rotina da vida na fronteira em tempos de povoamento visando à exploração de um produto, enquanto o homem fica relegado a segundo plano, uma vez que a “erva” tem valor de mercado.

Além das personagens já apresentadas, entre as que se ambientaram ao mundo da erva, Serejo diz também daqueles que abandonaram o torrão pátrio por pressão política e, por não terem se adaptado aos ervais, tiveram que fugir das ranchadas. Revela, então, que a única forma de trabalho estava centralizada na extração do vegetal e “Não podendo os fugitivos dos ervais retornar ao Paraguai, e não tendo como ganhar para o sustento, se envolveram em furto de gado” (LIVRO, 23, p. 92) Com isso, surge uma outra realidade, a qual vai modificando o contexto, tanto que (LIVRO, 23, p. 94) “Da pilhagem veio logo em seguida o assassinio. Matavam para roubar”. O malfeitor que existe em toda história humana vai

transfigurar-se na figura do “quatrero”, função resultante do contexto histórico motivado pelo processo de povoamento e facilitados pela localização fronteiriça: “Os malfeitores insistentemente perseguidos ora estavam no Brasil, ora se homiziavam em território paraguaio.” (Livro 23, p. 94).

O sujeito do entre-meio nas narrativas serejianas tipifica-se em personagens como *El Viejito*, cujas marcas são reconfirmadas em muitas outras narrativas, como a história dos *los ermanos Arce*: “Seus nomes? Nada mais. Na época, ninguém portava documentos. Apenas a palavra autorizava o registro. Quem era e de onde procedia, pouco interessa”. (Livro 23, p. 97). O conhecimento do “ofício de extrair mate” concedia passe livre para adentrar fronteira, desde que tivesse braços, força e coragem.

CAPÍTULO III - LITERATURA ENTRE FRONTEIRAS

O lugar pouco importa. O nome do bolicheiro também. O válido é que se trata de fato verídico, por muitos conhecido (Livro 35, p.185).

Desenhos de José Flávio Lemos Fontão.



Capa original de HERÓIS DA ERVA.

49

Figura 7

⁴⁹ Segundo Campestrini (2008, p. 63), *Heróis da erva*, 1987, é igual a *Caraí* (até na numeração das páginas: 49-194, na realidade é uma separata), com a inclusão de apresentação com o título “Os Heróis Anônimos” (que está em TEXTOS ESPARSOS). Brochura, capa ilustrada, com orelhas, com textos de Renato Báez, Francisco de Vasconcelos, Otávio Gonçalves Gomes e Elpídio Reis. O “capeamento e a complementação” foram executados por ARTES Gráfica Bachega, de Presidente Venceslau. Como o texto já está em *CARAÍ*, *HERÓIS DA ERVA* foi desconsiderado (Das *OBRAS COMPLETAS*). Fonte: CAMPESTRINI, H. *O trilhador de todos os caminhos: vida e obra de Hélio Serejo*. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008, p.63.

4.1 PRENÚNCIO LITERÁRIO

Nos capítulos anteriores, realizamos um apanhado geral de alguns aspectos históricos que norteiam a obra de Hélio Serejo, resgatando a fronteira Brasil-Paraguai do início do século XX, quando se deu o povoamento, com mais intensidade, do sul do Estado de Mato Grosso do Sul em detrimento aos fatos históricos, Guerra do Paraguai e extração da erva mate realizada, pela companhia Matte Larangeira. Referendamos, ainda, o homem em trânsito, por entre fronteiras Brasil-Paraguai –, trabalhando nos ervais do sul do Mato Grosso do Sul.

Neste capítulo, ampliaremos a acepção de fronteira, a fim de cotejar as narrativas produzidas por entre fronteiras, uma das quais transita na relação entre “[...] o plano inventado e o reconstituído e esta oscilação constitui poderoso elemento de verossimilhança”, segundo Candido (2006, p. 619).

Na confluência das partes, Serejo deixa vazar indícios de um prenúncio literário bem mais próximo à realidade do Brasil esquecido, da fronteira abandonada, em um tempo de colonização. O ímpar em Serejo está em não dramatizar a vida na fronteira, mas em configurar os conflitos vivenciados pelo viés da realidade vista pela ótica do fronteiriço recuado no tempo e espaço. Traço peculiar, em se tratando de um autor da fronteira, um escritor daquilo que ele mesmo viveu, viu ou ouviu contar. Vale lembrar que o complicador apontado por Candido (2006, p.618), sobretudo ao referir-se ao autor que escreveu sobre o regional sem ter muita noção do *lócus* para/de onde escreve, também pode ser avaliado de outra forma: o conhecimento literário de Serejo se deu empiricamente; fez-se escritor pela paixão que tinha por escrever. Motivado pela arte da palavra buscou formação, como se pode avaliar no capítulo I, em autores de seu tempo, os quais, ainda viam “os problemas do Brasil” pela ótica do estrangeiro. A paisagem “exótica” e a natureza exuberante, primitiva, formada pela concepção dos relatos dos europeus, impingiu uma tradição, um modelo para as gerações que fizeram a história literária brasileira até o século XIX. Essa tradição unifocal descreveu o Brasil do europeu, do estrangeiro, que se “bestifica” diante das belezas naturais, as quais cegam o olhar para aquilo que não convém ser visto, uma vez que não se tem consciência crítica da situação. Trata-se, portanto, de uma questão de processo cultural.

No conjunto da obra, em específico nas narrativas em que ficcionaliza a lida bruta nos ervais, Serejo prenuncia, paulatinamente, o entremear de uma consciência nacional, de homem inserido ao local, ao narrar a “vida como ela é” na extração da erva, com relativo olhar exaltado da bravura desse homem explorado. O autor reconhece a contribuição que o anônimo, exposto a toda e qualquer situação de subsistência, irá dar ao engrandecimento da “nação”. Por um lado, registra muito bem as relações de trabalho exaustivo do ervateiro exposto ao meio “infernado do erval”; em raras passagens explicita a exploração e aponta o opressor. Todavia, deixa espaço para o leitor inferir, sobretudo, quando narra “o drama do erval” que alucina e absorve o viver do ervateiro (Livro 23, p. 72).

A colonização e o desbravamento da região sobrepõem-se ao fator humano em uma relação creditada pelo capitalismo, o qual carrega, como princípio, a força e organização da propriedade privada – Matte Larangeira. A concentração individual ou social dessa força movimenta a fronteira ocasionada pela necessidade de mão de obra barata, já que pagar o mínimo possível pela matéria-prima – a erva – e a pela mão de obra – o homem – resultará na propagação – povoamento – do próprio sistema capitalista.

Sem a intenção de esgotar a discussão histórica e com consciência de estarmos tomando, apenas, a visão macro da história – Guerra e Companhia Matte Larangeira – de um tempo e um local ficcionalizados pelos textos serejianos, neste capítulo, analisaremos, em específico, as narrativas contidas em variados livros, mas que possuem unidade temática e recurso estético que nos possibilitarão avançar em nossa argumentação em defesa de um fazer literário resultante do desejo, aparentemente espontâneo, de (re)lembrar o passado vivenciado em um local marcado pelas relações de poder, em detrimento do processo de colonização da sul do Estado de Mato Grosso do Sul.

De fato, a obra de Serejo perpassa um tempo e local já referendados. Todavia, Serejo, ao ficcionalizá-los, avança além da representação dos locais datados, dos nomes de pessoas, do fato histórico, da exaltação nativista. Encorajamos a prosseguir validando boa parte de sua produção, sobretudo, pela história do homem local, contada pelo homem local; atitude que deixa vaziar um leve sinalizar de consciência histórica, de ruptura de padrões literários. Isso se evidencia, com

significativa projeção, em seu discurso de posse na Academia de Letras em Cuiabá, já mencionado.

Com isso, Serejo desvia um olhar sobre o local, flertando com o pitoresco, mas apresenta a construção de uma identidade sul-matogrossense relacionada à identidade do fronteiriço, em um sentido mais amplo, o qual passaremos a analisar nas narrativas cuja temática evidencia o homem e a erva por entre fronteiras do narrar vivido e do recriado.

O primeiro traço de uma literatura de fronteira – e fronteiraça –, produzida pela força das “paixões”, encontra vazão sentimental, ao passo que o sujeito – autor – vai exercitando suas paixões, apontadas como: paixão pela vida da fronteira em um tempo de povoamento, paixão pela paisagem que abrigava os ervais e por onde ocorria o trânsito dos chegantes. Por último, a paixão que reúne as demais: escrever livros.

Assim, as paixões contextuais – geográfica e histórica – se configuram em ingredientes que impulsionam o autor a prosseguir em sua paixão maior, escrever, independentemente de sua produção; seguir modelos vigentes de escrita literária, embora o autor, como já vimos, demonstre preocupação e zelo para com sua escrita e possua consciência de que é um autor periférico em relação à História literária do Brasil.

A junção das paixões irá resultar em uma literatura produzida no vão fronteiriço, entre a fronteira do vivido e do recriado, que se biparte em contar e ser personagem, em narrar e informar, e na organização ficcional do espaço histórico e geográfico descrito pelo homem local, perpassado pela formação de escritor empírico, homem simples, cuja formação já foi apresentada no capítulo I.

Salientamos ainda que, embora não seja uma literatura alicerçada nos princípios da “arte da palavra”, sua obra revela a concepção de um sujeito/autor autônomo em relação à produção de autores consagrados que, embora tivessem formação intelectual, não tiveram consciência de sua formação cultural e viram o geográfico pela ótica exaltada e unilateral do colonizador, do estrangeiro. Estrangeiros, eles haviam sido dentro do próprio país. Como bem discute Candido (2006, p. 639), em *Consciência literária*, ao revisitar a crítica romântica de Ferdinand Denis e Garret: “Daí um persistente exotismo, que eivou a nossa visão de nós

mesmos até hoje, levando-nos a nos encarar como faziam os estrangeiros, propiciando, [...] a exaltação do pitoresco no sentido europeu [...].”

Salles (1993, p. 180) contrapõe-se ao que colocamos em discussão em Serejo, ao confirmar que o universo da ficção novecentista regional foi sempre grotesco, caricato, desprovido de dimensão humana e revelador do pitoresco canhestro em primeiro plano. O crítico explica, ainda, que o escritor regionalista agiu como se a vida da roça fosse vista pelo turista da cidade. A capacidade criativa serejiana, não só integra o homem ao ambiente local, como também personifica a grandiosidade e a força da natureza, em detrimento à coragem e à bravura do homem em trânsito, ao se aventurar para desbravar mato adentro. Em uma relação similar ao processo de desbravamento no qual homem e natureza são a força bruta, a “paisagem” – que Serejo tanto admira – ameniza a dor do homem e o impulsiona a lutar mais e mais, como veremos nas narrativas.

Com isso, Serejo amplia seu fazer estético além de representar uma dada realidade, já que exercita, em boa parte das narrativas, a ação de contar, constituída pelos elementos do discurso, os quais compõem o sentido do texto. É o caso das personagens deslocadas da fronteira: raramente possuem nome próprio, exercitam pouco a voz, são conduzidas pelo narrador que, em raras passagens, abre um fio de esperança ao reproduzir – ou deixar ressoar sua voz – quase sempre em Espanhol ou Guarani: “Sempre que mexia na sua guaiaca, de muita estimação, pronunciava estas palavras: – *Mi barajo...mi barajo*. Era, por assim dizer, a razão do seu viver” (Livro 30, p. 130). A naturalidade com que insere a voz da personagem “–*Yo soy Pio Ramirez*” (Livro 47, p.60) recupera a atmosfera fronteira atribuindo um caráter verossímil aos fatos, favorecido pelo sotaque da personagem.

São várias as incidências de um prenúncio fronteiro entre tradição e ruptura, uma das quais diz da relação afetiva com a fronteira onde nasceu, cresceu, onde conviveu com ervateiros, ao trabalhar no erval. Essa relação transparece em um sentimento atípico à sua possível formação literária (se considerarmos a formação referência e estudo sobre os autores, principalmente, do Romantismo), embora no momento do início de sua produção, a intelectualidade brasileira – de centro – já tivesse relativa compreensão do processo colonizador e das influências dessa herança na produção literária brasileira. Todavia, temos de convir que formação cultural e pensamento intelectual se constituem como processo paulatino;

leva tempo para que ocorra mudança na maneira de pensar e agir em uma dada realidade/comunidade. Além disso, o autor Hélió Serejo não integrava essa elite, muito menos tinha livre acesso às ideias e aos ideais vanguardistas. Fez-se escritor na solidão do desejo de escrever. Para tanto, ia aos “mestres” e neles se “inspirava” embora reconhecesse “a pobreza” de seus “minguados recursos poéticos” (Livro 14, p. 262). Tanto que, em boa parte de sua obra, Serejo pede: “Perdoe-me, leitor amigo, pelos cochilos e deslizos...” (Livro 14, p. 262) ou “Jamais poderá ser isto uma crítica, um estudo”. Refere-se a um texto sobre Euclides da Cunha. “Poderíamos, sim, classificá-la como uma simples e trôpega divagação literária, de um apagado João-ninguém das letras pátrias, sobre personalidades marcantes...” (Livro 8, p. p. 210).

Mesmo assim, asseguramos que há prenúncios de uma literatura nascente original na escrita serejiana, na concepção do sujeito que se traduz para cantar sua pátria. Um desses prenúncios está no tratamento dado à temática da saudade – muito recorrente no Romantismo, seja em Casimiro de Abreu “Oh! que saudades que tenho/Da aurora da minha vida,”/ ou em Gonçalves de Dias: “Minha terra tem palmeiras”, os quais exaltam a terra natal e queixam-se do tempo que passou ou do distanciamento.

Nas narrativas serejianas, o “eu” ultrapassou a visão “queixosa” da geração do Romantismo e reconhece-se como sujeito de um tempo real, compreendido como aquele que, embora não conviva mais diretamente com o local, continua vinculado aos dramas do erval e configura-se como porta voz da história perpassada por ações do cotidiano da fronteira. Do mundo de que fala, o autor também já foi parte.

A vivência local o fez conhecedor das histórias, quer as contadas por diferentes sujeitos, quer a vivida – a versão de quem viu, viveu... –, ou ainda pesquisada em documentos – informações. Daí, avulta-se uma outra peculiaridade: o cruzamento da informação com a ação do contar, recurso textual *sui generis*, se avaliarmos o contexto – histórico e cultural – em que está aquele que escreve – no caso, Hélió Serejo. Primeiro: Serejo coloca-se como pesquisador, procura a informação, levanta dados para escrever boa parte de sua produção, como vimos no capítulo I. Essa informação também vem perpassada por dados cujos registros foram oficializados, bem como por dados contados por informantes.

O ápice da originalidade dessa confluência entre o contar e o informar está na averiguação do elemento externo ao texto. Para Benjamin (1994, p. 202), o contexto

sócio-histórico irá influenciar – e fundar - uma nova forma de comunicação – no caso, a informação de cujo fator propulsivo a imprensa se faz responsável. Aos poucos, encontramos argumentos para justificar o estudo da vida do autor. Sua iniciação literária, ou com o mundo da escrita, inicia-se por meio da imprensa, aos treze já escrevia para um jornal de uma cidadela próxima a Ponta Porã. Essa prática irá influenciar a elaboração de seu texto, convertendo-o em misto de informação, descrições detalhadas, de quem conhecia o local e hábitos descritos, sequenciadas pela inserção de hábitos e costumes da fronteira, local de muitas histórias, das quais conta algumas, sobretudo, aquelas que correm de boca em boca, em um tempo pretérito ao possível acontecimento.

O exercício criativo e as possibilidades estéticas deste autor estão na tessitura do entrecruzar dessas histórias que, no vão das partes, dão vazão ao ficcional, abrindo um vislumbre crítico do ocorrido, por vezes, reconhecido pelos seus raros leitores: “Os seus cantos, meu caro Hélio, são pedaços da vida, recortados na carne sangrenta da realidade. Vivem neles, palpitantes e frementes [...] os tipos e costumes, o fraseado e as paisagens [...]”. (Livro, 13, p. 91).

A realidade a que se refere o acadêmico, José de Mesquita⁵⁰, pode ser entendida como relação afetiva que o narrador possui com o local: “Difícil, muito difícil mesmo, a gente encontrar coisa mais bonita que a paisagem sertaneja, no amanhecer crioulo ou na hora do entardecer [...]” (Livro 34, p. 37), mas que, nem por isso, mascara a “realidade”: “O meio era selvagem, com bichame de todas as espécies, razão pela qual só o arrojado, o forte, se ambientava, permanecendo no inferno verde do caá” (Livro 34, p. 39). Assim, o estado de quase êxtase do narrador, ao descrever um dos aspectos com o qual possui vínculo afetivo, a natureza dos ervais, não lhe tira a consciência do olhar crítico; nem por isso, ausenta-se de retratar as dificuldades encontradas na vida do erval, mesmo que seja um texto simples, misto de menção honrosa, apologética à “Ranchada ervateira”, habitação, “sem estética”, que “[...] mais parece um polvo com seus tentáculos escondidos nos confins da *jungle* amedrontadora, para abrigar os ervateiros” (Livro 18, p. 226). Todavia, não deixa de reconhecer a função da Ranchada para “povoamento da terra

⁵⁰ Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras, amigo de Hélio Serejo. Serejo recupera no prefácio de *Prosa Rude* (Livro 13, p. 91-92) uma carta recebida do amigo em 1952, na ocasião em que o poeta e jornalista conta ao amigo o prazer de ler os livros presenteados por Hélio.

virgem”. Chega ao ponto de abrir interlocução com a Ranchada, personificando a moradia:

Você, ranchada ervateira, pode representar uma época em que o homem era escravo do homem, em que dominava a lei do mais forte e em que saía com vida aquele que primeiro apertava o gatilho. [...] Você foi edificada com lágrimas e teve o seu batismo com sangue, porém, com isso não será desmerecida. Era da época. Para se construir era necessário aniquilar, destruir, arrasar...(Livro, 18, p. 227).

No mesmo texto em que ousa descrever a moradia escondida nos confins e reconhecer seu valor como abrigo para os ervateiros, demonstrando escolha temática original, revela-se multifacetado, misto de complacência de homem favorável ao progresso da região com o desvã da denúncia de um tempo de barbárie. Advém, daí, a intersecção dos planos da História e da ficção, traços que perpassam a narrativa: esta “terá, portanto, uma dupla realidade, ou seja, uma natureza híbrida, a meio caminho entre a Literatura e a História (Freitas, 1986 p. 10).

A consciência dessa realidade sobrepõe-se ao escapismo melancólico dos românticos e abre passagem para um olhar direcionado para a realidade rural “não como natureza morta” e artificial, mas como *habitat* que acompanha as mudanças, como podemos avaliar em *El griton* (Livro 18, p. 224), texto em que descreve o hábito cultuado pelo paraguaio que se adaptou aos ervais como se fosse um “um filho da terra”. O conhecimento que o eu lírico tem da flora e da fauna sobressai na forma autêntica de alertar que o tempo passará, que muitas mudanças ocorrerão. A construção metafórica da relação cultural Brasil-Paraguai amplia-se em detrimento da descrição, paulatina e detalhada, sob o olhar de quem conhece a natureza, como se pode notar em:

O relógio do tempo continuará marchando. O pé de guavira se cobrirá, novamente, de frutos. O ipê majestoso receberá mais outra carga de flores. Novos ninhos serão construídos nos galhos das árvores. As ervateiras continuarão morrendo. As ranchadas irão se despovoando. A vegetação luxuriante fechará os caminhos. Virá o desolamento. O grande silêncio da morte reinará. Uma coisa, porém, perdurará: a imagem do gritador. Sim, *el griton* não sucumbirá...Seu grito é uma página de real fulgor da grande história dos ervais. (Livro 18, p. 224).

O vigor do grito associa-se ao “fulgor da grande história dos ervais”, cujo eco está vivo na cultura e na História do sul-matogrossense. Vale lembrar que a herança

cultural de *el griton* ressoa instantaneamente na vida do filho da terra. Basta que, para tanto, se toque uma polca paraguaia, um rasqueado ou um chamamé, que *el griton* atravessa a fronteira, cruza os ervais da memória e “arrebenta o peito” em uma demonstração de identidade fronteiriça. (Livro 18, p. 224).

Como já foi explicado, em muitos livros de Serejo, há textos de extensão, tipologia e temáticas variadas; entretanto, estes dialogam ou mantêm relação fronteiriça entre o ato de lembrar, não só dos fatos históricos e pessoais, mas da lembrança daquilo que, como afirma Barros (2001, p. 13) “A nossa civilização rejeita, pisa e mija em cima”. Embora a provocação literária de Manoel de Barros fundamente-se em uma proposta centrada na pós-modernidade, em concepções advindas dos efeitos do pós guerras mundiais, sobretudo, o esfacelamento do poeta que agora quer afastar-se dos acontecimentos e perscrutar o lado obscuro da vida, Serejo, em sua simplicidade, mostra-se ousado ao escolher para sua matéria literária história de gente “sem documento”, sem destino certo, sujeito como ferramenta, peça chave braçal que ajudou a desbravar uma parte do Brasil que, por pouco, não foi riscada do mapa.

A matéria de suas narrativas (além dos anônimos, que fizeram a história do povoamento, recuperados pela informação, quase sempre, advinda dos latifundiários), é constituída por descrição de plantas, comportamentos, hábitos, lugares, que ficaram na memória. “Além de tudo anotar”, Serejo possuía conhecimento e profunda presença da imagem na memória, como podemos observar na descrição de uma frutinha denunciadora de chão seco, o juá (Livro 21, p. 290), ou da planta que serve de veneno à saudade, o Cipó ou, ainda, quando ilustra a ambiguidade – ou falso cognato – do vocábulo *Reviro*, um tipo de sorobô⁵¹ do almoço de domingo das grandes famílias, o qual, segundo Serejo (Livro 21, p. 298), “é o verdadeiro alimento da raça primitiva”. Além de “comitiva de várias iguarias”, para o peão da fronteira que arranha o guarani, *reviro-cunhã* é o que ele mais aprecia quando sai para farrear. Descreve, ainda sugestivamente, a Velha Figueira, o hábito da queimada, o vento típico da fronteira, a *performance* do pássaro Chupim, “desgraciado” quando desce em uma plantação: “Uma nuvem negra, em forma de ovo invertido, esgalhiçada e disforme, se aproxima e cobre de preto, num segundo, a roça toda” (p. 305). Só mesmo um observador muito refinado, à frente de seu tempo, para transformar a “prática, rústica, perigosa às vezes” para colocar a tropa em *Forma* (Livro 21, p. 309) em perfeita e sugestiva descrição com

⁵¹ Mistura de sobra de alimento.

nuances de lirismo da lida campeira ao ponto de personificar ações da tropa, quando “petiço desmoraliza forma de xucro”, fazendo a tropa se envergonhar e ficar furiosa “[...] e...num arranco violento na corda, fura a forma. [...]. E a correria pelo potreiro, aos pinchos e às relinchadas vitoriosas, nos dá a impressão de uma legião de duendes enfurecidos, tentando destruir e arrasar a terra” (p.309). A expressividade entre a ação de descrever a prática e a realidade da prática podem ser notadas nas expressões em grifadas:

Para cavalo gavião, burro refugador ou égua aporreada, que não deixa pegar assim no más, nada há melhor que a forma.

Forma é laço ou sovêu estirado, preso num poste da cerca, ou no moirão da mangueira, para nele se encostar a bicharada inquieta e, sujuga-la, convenientemente.

[...]

Encosta o peito na corda, ergue a cabeça, dilata as ventas e...se põe a olhar alto, com ares de superioridade...

Com a continuação, a tropa fica “especial de amestrada”. É só o peão autoritário gritar Forma para que os quadrúpedes se alinharem, numa ligeireza de raio de chuva de verão...

[...]

Petiço desmoraliza forma de xucros. Potro bagual pisa nele. Ele vira o corpo com medo e bate a bunda na corda. É aí que vem coisa.

A tropa se envergonha, fica furiosa, dana a meter pataços, relincha sem parar, bufa e... num arranco violento, fura a forma.

E a correria pelo potreiro, aos pinchos e às relinchadas vitoriosas, nos dá a impressão de uma legião de duendes enfurecidos, tentando destruir e arrasar a terra. (Livro 21, p. 309).

A lida do homem campeiro e ervateiro e a natureza em seu entorno compõem a temática central da obra serejiana, assim como a compõem os “loucos de estandarte” e muitos “homens jogados fora”, os quais, não podendo ser mão de obra produtiva nos ervais, o “Tarová”, “aquele que sofre das faculdades mentais, louco, doido, criatura encontradiça em regiões ervateiras, que vive esquivamente” e por precaução se conserva sob vigilância nas ranchadas (Livro 23, p. 78).

4.2 A MEMÓRIA

O passado, em verdade, está presente, não morrerá nunca. Viverei com ele, com certa angústia, tocando-me o peito, com o que reviverei as lembranças e sentirei a emoção sacudindo as entranhas...(Livro 47, p. 44).

A memória é referência recorrente nas narrativas de Serejo. É comum o autor iniciar um texto fazendo menção à recordação de fatos vivenciados “Ainda bem que me recordo daquelas noites longevas, quando nos reuníamos [...] sempre me recordo com saudade...” (Livro 4, p. 110). Segundo Ricoeur (2012, p. 459) “uma recordação surge ao espírito sob a forma de uma imagem que, espontaneamente, se dá como signo de qualquer coisa diferente, realmente ausente, mas que consideramos como tendo existido no passado”, como podemos notar nesta passagem de *Quatro Contos* (Livro 4, p. 118): “Hoje vamos relembra-la, embora longos anos hajam decorridos. Forçaremos a memória e procuraremos recompô-la. O nosso intento é tão somente comprovar que muito de verdade havia em tudo isso.” Nesta ação de recordar a imagem, para Ricoeur, encontram-se reunidos três traços de forma paradoxal: a presença, a ausência, a anterioridade.

Nas narrativas de Serejo, a saudade a que se refere, puxada pela memória, funciona como um tipo de motivação para desencadear uma narrativa, que é iniciada a partir de uma lembrança de um lugar, como é o caso do conto “Jasy Taperê”, em que o autor identifica o local “[...] ali naquele espaço de chão que havia recebido, há tempos, o nome de Caarapó” (Livro, 23 p. 42) ou “Na cidade mato-grossense de Campo Grande conheci, certa feita...” (Livro 8, p. 198). Além de localidades, reporta-se a acontecimentos vivenciados como recurso para desencadear, prosseguir, finalizar e dar caráter de verdade às narrativas: “Ainda guardo nas recordações desse período remoto o frio que se me corria pela espinha e a tremura, incontrolável, que fraquejavam as pernas...” (Livro, 23, p.96).

Para Ricoeur (2012, p. 58) os lugares funcionam como uma espécie de marco que aguça a lembrança e não nos deixa esquecer. É como se fosse um disparador para puxar as recordações e desencadear as lembranças. A acepção condiz, em muito, com a estrutura da narrativa em estudo, uma vez que Serejo a inicia

reportando-se a um local e, em seguida, envereda pelo contar, já não localizado. Partindo do local, a narrativa prossegue, quase sempre, no tempo passado – “E assim foi” – entrecortada pela recorrência à memória presente na escrita, e cria, com isso, o espaço da memória que irá localizar-se em lugares onde Serejo esteve, quando ainda era criança ou em idade jovem, como podemos observar na introdução de “O velho Pastrana”:

Longos anos já decorridos e eu guardo, ainda bem vivos na retina, esses quadros dramáticos da minha inquieta meninice. Esse poder jovial de retenção vive no confuso emaranhado das células cerebrais de todo homem. Um fato passado em nossa primeira infância nos parece, muitas vezes, recentíssimo, porque é nessa fase da nossa formação que fixamos, com maior precisão, aquilo que nos feriu a sensibilidade vibrante.

[...]

E como recordar é viver, trazendo-nos à mente aclarada a beleza remota da paisagem, eu vou relembrar, aqui, um pouco de minha infância atribulada e enferma, uma passagem evocativa, das muitas que vivi, e que jamais me abandonou no escoar indefinido do tempo; um quadro vivo, real, cujos contornos estiveram sempre iluminados pelo clarão aurifulgentes da lua da saudade (Livro 3, p.62).

Entre os espaços – tempo ocorrido e presente da escrita – confluem os planos da lembrança e do esquecimento. Para lembrar, Serejo recorre a um lugar situado no mapa da memória, como se pode observar no trecho acima, ocasião em que exercita o plano das lembranças para desencadear uma narrativa vivenciada pela molecada de seu tempo que se reunia “para estabelecer e fixar perigosos planos de combate” (p. 63) entre as tropas brasileiras e paraguaias formadas por um exército sugestivamente divisado: “Cinco tampinhas de garrafas de cerveja pregadas sobre o ombro: coronel; quatro tampinhas, major; três, capitão; duas tampinhas, tenente.”(p. 64). Um jogo em que “estava em jogo o nome do Brasil” (p. 64), e que o amor à pátria lhe rendeu um golpe sangrento: “Um traiçoeiro caco de garrafa, desferido, com estilingue, de alguma moita próxima, atingiu-lhe o pulso direito, bem próxima à artéria” (p. 67).

Na superficialidade do conto fica a saudosa lembrança das brincadeiras ocorridas “Naquele aformigado terreno baldio da formosa cidade fronteiriça” (p. 63); todavia, ao passo que o narrador vai se distanciando do início do fato principal, vai adentrando em níveis mais profundo de possibilidades de tessitura textual.

Dado este recurso, o espaço geográfico funciona como rubrica que autoriza a autenticidade do ato de lembrar, dando credibilidade ao contexto histórico, onde aconteceu. O leitor menos avisado aprecia, tão somente, o plano da lembrança situado no local em que o fato aconteceu. Todavia, além da lembrança de dias que se foram e da saudade do lugar que já não é mais, há outros planos vinculados, por exemplo: o povoamento do lugar, a formação da fronteira do Mato Grosso do Sul, a construção da identidade das personagens envolvidas em um momento sócio-histórico fundamentado no capitalismo, enviesado pela justificativa de progresso e de “dias melhores”, de que o texto serejiano é porta voz. O leitor com maior conhecimento histórico poderá avaliar, ainda, por meio dos depoimentos do autor/narrador ao longo da narrativa, a barbárie realizada pelo poder dos que detinham o domínio dos ervais. Como podemos apreciar em “*Kurusu paño*”:

Pano imitando um lenço; lembra o de Verônica, mulher judia que, como nos afirma a tradição, limpou o rosto do Senhor, quando este subia ao Calvário. Considerado sagrado porque as suas feições ficaram estampadas nele.

O peão paraguaio dos ervais tem respeito imenso pelo *kurusu paño*. No mundo perdido dos ervais, amarrado a uma cruz, ele atesta morte violenta ou um cristão que morreu de doença e ali foi sepultado. Sendo três, na mesma cruz, e de tamanho diferentes, pode-se atestar que ali se acham enterrados pai, mãe e filho.

[...]

Encontrei, nas minhas andanças com meu pai, por tenebrosas regiões ervateiras, inúmeros *kurusu paño*...

[...]

Triste e doloroso é lembrar que inúmeros dessas cruzes cravadas no silêncio aterrador do deserto eram frutos da sanha bestial e sanguinária dos ignóbeis comitiveros. Guardo na lembrança muitas delas...” (Livro 23, p. 95-96).

Em primeiro plano de leitura, sobressaem às lembranças do narrador, uma espécie de saudade “daquele tempo” em que viveu no erval ou, ainda, o contar de hábitos e costumes do viver fronteiriço. Entretanto, no decorrer da leitura, no cruzamento das palavras, dos fatos e no conjunto da obra de Serejo, compreendemos que recordar equivale a uma sensação de impunidade aos que foram sacrificados “no silêncio aterrador” de um tempo e local em que apenas a voz do mais forte ressoa. Aparentemente, Serejo quis recordar a sua relação com o meio, todavia, revelou injustiças cometidas, sobretudo, pela “polícia sem farda, especializada na perseguição do fugitivo dos ervais. Sua história é tenebrosa. Uma

mancha negra e odiosa na produção do mate, fato que cristão algum poderá contestar.” (Livro 23, p. 101).

Lugares, além de puxarem a memória para que o sujeito/narrador possa se lembrar, sustentam a aparente veracidade da narrativa, uma vez que possuem existência concreta e podem ser encontrados em qualquer mapa geográfico (FREITAS, 1985, p. 15), criando efeito de cumplicidade entre narrador e leitor. Mais: dão guarida ao homem em trânsito, que vai povoando provisoriamente “[...] a vilinha, composta de meia dúzia de casuchas...” (Livro 23, p.67). Ou ainda, justificam as ações das personagens, ainda mais quando espaço e tempo formam um conjunto em que “[...] o aqui e o lá do espaço vivido da percepção e da ação e o antes do tempo vivido da memória se reencontram enquadrados em um sistema de lugares e datas do qual é eliminada a referência ao aqui e ao agora absoluto da experiência viva” (Ricoeur, p. 156), resignificando-se em “aqui” e “agora” ficcionalizados, não tão somente os lugares e tempos datados. Comportam significação mais ampla, configuradas na totalidade do texto. Assim, o texto se abre para o plano da conotação em cuja leitura o leitor poderá evocar outros “tempos e locais”.

O lembrar-se do vivido, do tempo passado, da infância e mocidade é fato comum em boa parte das narrativas de Serejo. Essa experiência é um instrumento de (re)significação de (re)conhecimento e de (re)criação do contexto lembrado, bem como de si mesmo, resultando, pois, em uma outra realidade. Num plano teórico mais amplo, Riedel (1988, p. 24) discute a inclusão da possibilidade, na leitura de um texto narrativo, de que os acontecimentos a que a voz que conta se reporta, faça parte do passado dessa voz. Sendo, pois, passado, dá crédito à leitura ficcional. Com isso, há pacto entre autor e leitor, o qual avaliza a ficcionalidade dos fatos em se tratando de invenção do que foi, mesmo que o narrador/autor, deixe evidentes pegadas pessoais sobre o transitar da personagem, como se verifica no andamento da leitura, da história de Poincaré.

De início, o leitor irá conhecer o sujeito que chegou ao povoado, em que o narrador estava, e foi aceito na ranchada de Dom Francisco Serejo, pai de Serejo. Ao processo de ampliação do enredo, que vai sendo tecido linearmente, já que o narrador não tem interesse em saber do passado, por ora, dá-se a impressão de que o fato tem muita relação verídica com a vida do autor. Todavia, quando o enredo começa a desenredar, paulatinamente, o passado vai (re)construindo a personagem. Esta passa, de trabalhador prudente a exilado de guerra, de bondoso e honesto a

sanguinário e cruel. Quando ocorre essa transformação performativa não há mais espaço para o vivido mas apenas para o ficcional, embora possa ter ocorrido alguma relação com as ações vivenciadas em experiências, por Serejo, em sua lida ervateira. Ocorre, ainda, que o texto é uma manifestação linguística a qual possui unidade entre as partes: as inserções do “eu”, como recurso de um depoente, reconfiguram, no conjunto geral das partes que compõem o todo do texto, a história de mais um andante que transita pela/na fronteira. Com isso, o contrato textual estabelecido entre narrador e leitor, entre a história pessoal – um chegante na ranchada do pai de Serejo – e o plano da invenção distancia-se do real e vai direcionando-se no decorrer do contar para o plano do “possível de acontecer”, do jogo da verdade inventada que se faz por meio do universo da palavra.

Embora o plano da História respalde as ações das personagens e posicionamentos do autor, as referências aos locais, quase sempre lugarejos, não funcionam, tão somente, como espaço geográfico, já que o tempo histórico configura a ambientação do espaço transformando-o em um espaço situacional, cenário representativo ou argumentação figurativa que dá crédito ao contar serejiano. Como podemos notar nas atitudes e comportamentos das personagens justificados pelo contexto físico em que os fatos ocorrem. Natural, por exemplo, a conduta da personagem Jabuna, “Uma ovelha das mais puras” (Livro 3, p.45) do rebanho cristão, um anjo abençoado pelo bondoso padre. Entretanto, “o anjo bom”, em um determinado momento da vida, encontrou-se com um dos muitos andantes representados ao longo dos sessenta livros de Serejo. Por um momento, cavalgaram “a trotito, emparelhados”, conversando como dois caminheiros. Entretanto, foi só o companheiro explodir “numa debochada gargalhada”, devido ao fato de o “anjo bom” tirar o chapéu da cabeça, diante de um tumulto à beira da estrada – “Se tivesse uma vela ia acendê” – que “Os olhos de Jabuca fuzilaram de ódio. Felizmente, havia deixado sua garrucha de caçar tatu, se não...” (Livro 3, p. 50). Mais natural, ainda, “A vingança do menino”, um *mitã-i* com sua faquinha de picar fumo honrou a cruel morte de seu pai (Livro 44, p. 230).

Com isso, há uma intersecção entre tempo histórico e espaço geográfico os quais, além de marcar cronologia e geografia, adicionam valor literário à produção de Serejo, uma vez que representam noção de brasilidade tão desejada pela literatura oitocentista. A noção de nação, de falar do Brasil, de buscar a identidade, de ter consciência de onde se está, amplamente difundida e almejada pelo projeto

nacionalista de autores do Romantismo e que levou Machado, ainda muito jovem, a formular aporte crítico para tal projeto. Essa peculiaridade dialoga, em parte, com a produção de Serejo, se considerarmos o enfoque dado pelo autor para a história de um tempo e local, vista por um nativo que presencia o processo de povoamento com o qual, também, envolve-se como nativo que vê no chegante a mão de obra necessária para o desbravamento da região.

Esse envolvimento vai resultar na produção de muitos livros, os quais contêm significativa e similar característica dos “defeitos e Excelência” a que se refere Machado, quando critica o projeto literário oitocentista:

Aqui termina esta notícia. Viva imaginação, delicadeza e força de sentimentos, graças de estilos, dotes de observação e análise, ausência às vezes de gosto, carência às vezes de reflexão e pausa, língua nem sempre copiosa, muita cor local, eis aqui por alto os defeitos e as Excelências da atual literatura brasileira que há dado bastante e tem certíssimo futuro. (MACHADO, 1986, p. 809).

Embora, nem de longe, queiramos comparar a escola literária do Romantismo ao “ir escrevendo” serejiano, avaliamos que o vigor crítico de Machado em defesa de uma literatura brasileira produzida por brasileiros com consciência de onde se está, deixar transparecer, em textos de Serejo, indícios de que os laços maternos com a literatura de Portugal começam a se desatar, mesmo que seja por um autor fronteiriço, mas que preconiza, no conjunto de sua obra, a cultura e a história de um tempo e local.

4.3 PRODUÇÃO DO PRÓPRIO MEIO

*Sou um narrador, um prosador
feliz. Muito feliz mesmo.
(Livro 49, p. 151).*

Como já mencionado, a voz que conta as narrativas serejianas conflui em uma espécie de partícipe ocorrido, embora narre com mais extensão o ocorrido com o outro do que consigo mesmo. Inesperadamente, quebra a narrativa de terceira

pessoa e, em uma espécie de depoimento, introduz a voz de primeira pessoa. Na tentativa de ilustrar, citamos um trecho bem peculiar do discurso serejiano:

Entre os homens da vivência ervateira, a conversação possui, geralmente, cunho característico. A fala é produto do próprio meio. Chama a atenção de qualquer um pela originalidade. Nada, nesse ambiente, procedeu da cultura dos livros.

[...]

Bate-papo que chega, muitas vezes, a empolgar aquele que pouco ou nada conhece desse lidar de tanta agressividade e sobressalto. Fomos, ao longo do tempo, anotando essa conversação, esses hábitos, esses costumes, exóticos, bem como ditos, que marcam a luta brava e o nascer de um linguajar que veio da erva [...]. Vejamos.

Dois peões, enquanto tragueiam, vão conversando. Então longe da vigilância, portanto, o traguear é *libre*. Assim: - *No hai por que se tēnar miedo. Que uno carai qualquiere tine derecho de viver su vida sin agajazar molestación* (Livro 34, p. 122).

Como se vê, na citação, a voz que conta inicia contextualizando a ambientação de um ritual típico da “vivência ervateira”; paulatinamente, o narrador vai fechando a cena e trazendo o foco para a imagem “dois peões [...] conversando”. (p. 122). Antes disso, em uma declaração, misto de explicação e justificativa, insere a voz pessoal: “Fomos, ao longo do tempo, anotando essa conversação”. Assim, o texto vai sendo construído por meio da interposição de vozes, nem sempre, centradas na ação narrativa, mas que, no conjunto, resultam em sua composição geral.

Diante desse recurso, uma espécie de adaptação oral para o contrato da escrita, cria-se um estilo de discurso produto do próprio meio. A aparente ausência de uniformidade do foco narrativo torna-se original devido à mudança da voz que, em um processo metalinguístico, diz do hábito e costume advindo da fala do ervateiro, intercalada pela inserção das personagens e dos recortes de diálogos entre eles. Instaura-se, assim, a originalidade que não “precedeu da cultura dos livros”, mas autenticou o discurso do sujeito que conta, impingiu na narrativa a marca do narrador, (BENJAMIN, 1994, p. 205). As digitais do narrador serejiano estão na tessitura da recriação do hábito e costume do ervateiro, por meio do plano da expressão do discurso. O que poderia representar ausência de uniformidade, ressignifica-se em criação *sui generis*, já que o narrador consegue demonstrar o cruzamento de posições de sujeito: a voz que informa o hábito e costume, que conta e fala. A construção do texto, entremeada por mudança de foco ou inserção de outra

voz, reflete a estrutura do hábito do “prosador”. Típico de quem conta história aos ouvintes, meio ao estilo do “narrador aos seus ouvintes” ou participantes da prosa. Em outro contexto linguístico, em outro gênero textual, poderia ser avaliado como ausência de uniformidade; todavia o contexto discursivo externo de onde Serejo retira os fatos – da fronteira, o oral – e o prosador que diz ser, bonificam o sugestivo e possível desvio linguístico, ao ponto de integrá-lo ao ambiente daqueles que não precedem da cultura de livros.

O efeito resulta na exposição daquilo que já aparece na declaração da voz que comanda a cena: a liberdade era vigiada, um homem tem direito de viver sua vida ao menos, para prostrar. E a liberdade do prosador está no direito da expressão, sobretudo, quando se põe a contar sobre os comitiveros, tipo de guardas armados dos ervais, cuja missão era perseguir fugitivo das ranchadas ervateiras, uma vez que “Contratos vultuosos haviam sido assinados em Buenos Aires” (Livro 23, p. 100) e não se podia pensar em fracasso. No intuito de contar o quanto tais “policiais” eram “sádicos desumanos, cruéis e sedentos de sangue”, Serejo vai intercalando à história dos irmãos paraguaios, ordeiros de pouca fala, conformados com tudo, bons serviçais, portanto, que foram degolados não se sabia por quem, muitos outros fatos que lhe foram contados por velhos, experimentados e idôneos ervateiros (Livro 23, p.96).

Depois de contar muita ação de degola, matança de homem, mulher e criança, além de, inesperadamente, inserir o tradicional depoimento para confirmar que também passou por aqueles lugares onde os fatos ocorreram, confirma-se mais um indício de percurso narrativo oral – poderia ser compreendido como ausência de planejamento de enredo – o narrador lembra-se da história inicial e avisa ao leitor que irá concluí-la: “E o moço encarnamento, apontado como o degolador dos irmãos Arce? (p. 105). O desfecho síntese surpreende e reconfirma a fama da fronteira: “olho por olho, dente por dente”. Mesmo depois de 22 anos, o filho achou os assassinos do pai e cumpriu a promessa feita à mãe: matou degolados *los ermanos* Arce, aqueles que o narrador havia renunciado serem trabalhadores, mas de uma esquisitice...

Narrativas como estas representam, com bastante precisão, a *performance* oral com o ajustamento para a reprodução escrita. Tanto que o narrador, por vezes, interpela a si próprio no intuito de dar progressão à narrativa, recurso habitual no discurso oral. Além de que, a mínima inserção da voz da personagem poderá ser

compreendida como “liberdade vigiada” vivida pelos peões ervateiros. Vale lembrar as inúmeras referências indicativas de fuga dos ervais reveladas por Serejo ao longo de seus textos, sobretudo, quando narra a ação dos comitiveros. Se havia fuga é por que se sentiam – ou eram – prisioneiros, não tinham liberdade para ir e vir.

Outro aspecto revelador está nos recuos temporais. Conta o que passou, aquilo que presenciou, anotou. Entretanto, traz o fato para o presente da escrita, criando um efeito de presentificação, o qual podemos avaliar melhor, com base em Benjamin (1994, p. 205) quando discute o desinteresse da narrativa em falar do “puro em si”, do fato, do ocorrido. Benjamin defende que o fato perpassa a vida do narrador, “[...] mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele”. Neste ato, impingem-se na narrativa, as marcas do narrador. Á partir daí, a narrativa é contada pelo viés do narrador, e já não apenas o fato, mas o discurso criado pelo narrador.

Esse discurso se constitui da lembrança de um tempo em que a extração da erva movimentava e dirigia as ações de homens de poder – uns sobre os outros – os quais controlavam a forma de viver de conviver daqueles que se submetiam às ordens desse poder. A fronteira é lembrança de um tempo de impunidade, de ambígua exploração – erva e homem – e o autor/narrador/personagem constituiu-se pelas relações de poder. Portanto, não levanta voz contra as ações de barbárie, não se faz mártir de um tempo ou modo de viver. Serejo narra! Narra as lembranças de uma forma tão complacente que, um leitor mais aguçado, poderá compreender que o ex-ervateiro é um fingidor e chega “a fingir que é dor, a dor que deveras sente”, assim como alertou Pessoa.(1972, p.164).

Embora Serejo anuncie recordações pessoais, ao contar, incorpora os fatos de sua vida como elemento de referencialidade para os demais acontecimentos contados. Com isso, a inserção de fragmentos de possíveis fatos ocorridos, a pormenorização, a lembrança do detalhe, do momento, do ano, as referências aos lugares, criam efeito do real, estabelecem vínculo com a realidade construída. Os “detalhes” ressignificam uma outra realidade, com fortes vínculos com as aparências, com o possível de ter ocorrido. O pacto com a verossimilhança avaliza o caráter verdadeiro, já que verdade é aquilo que se projeta no enredo criado por meio da construção da linguagem.

Devemos considerar que o ato de contar incide em fazer uso da palavra para representar o ocorrido, o já realizado, mesmo que seja em um instante posterior.

Com isso, conta-se não o fato em si, mas o que pode ter ocorrido, uma possibilidade apreendida do fato pela perspectiva do sujeito que conta. O sujeito é, pois, outro aspecto considerável, um ser resultante dos diálogos que trava ao longo da vida na concepção bakhtiniana. Além de não estar isento de julgamentos, o sujeito que conta enxerga aquilo que quer e pode, já que é dialogicamente constituído pelo contexto coletivo e individual, como sintetiza Baccega (2007, p. 22), quando esclarece que a subjetividade nada mais é do que o resultado da polifonia, das muitas vozes sociais que cada indivíduo “recebe” e tem a condição de “reproduzir” e/ou reelaborar. Ao exercitar o desejo de se fazer escritor, Serejo nos traz retalhos dolorosos de histórias com as quais conviveu e por meio das quais foi constituindo seus vínculos e desvínculos: “Delas me lembrarei, comovidamente, até o dia do juízo final. [...] Viverão em minha memória, porque fazem parte de minha formação” (Livro 23, p. 96).

4.4 O OLHAR DE TOCAIA

[...] olhos que jamais se fatigaram em ver o silvestre, o intocável, da realidade vivenciada outrora (Livro 31, 208).

O homem pós-guerras vai se apresentar em um sujeito que, a cada dia, fragmenta-se, estraçalha-se e se desmemorializa. Sendo, pois, o homem processo de seu tempo, ao contar, em específico, por meio da palavra ficcional, terá grande chance de fazer valer as marcas do sujeito de seu tempo. Melhor: se fragmentado, em relação ao homem clássico, se efêmero, em relação ao conhecimento mais paulatino, aquele que demorava mais para ser refutado, se “homem abreviado”, certamente, ao exteriorizar, irá fazer escolhas e combinações reveladoras do homem que está sendo. Assim, o homem do presente conta fato ocorrido em um tempo passado como homem que está presente. Com isso, fica o entremeio passado-presente para que o narrador possa transitar e preencher o campo aberto por meio da memória traduzida em palavras, não mais o fato, mas a palavra, a qual se faz do fato.

Segundo Leite (1991, p. 6) “Quem narra, narra o que viu, o que viveu, o que testemunhou, mas também o que imaginou, o que sonhou, o que desejou. Por isso, narração e ficção praticamente nascem juntas” e, a partir daí, ocorre a criação de uma representação que, embora porte referências à realidade, poderá abrir espaço para a leitura interpretativa dessa mesma realidade. Em específico, o narrador serejiano é hibridado em contador e informante que tudo sabe, e se não sabe, pergunta – ou pesquisa –, a fim de saber e informar ao ouvinte/leitor, filtra a História de acontecimentos de um tempo e local, e escolhe o que pode ver, saber, mexer, o que quer “involuntariamente” ver, o que consegue saber, recordar, lembrar... Por outro prisma, refuta outras histórias, outras concepções... Acontece que, às vezes, a memória falha. Fato que pode transparecer no plano da escrita, como é o caso, da lembrança viva dos pioneiros – exploradores e explorados, *carai* e *che patron* –. Das matas, rios, plantas e paisagem exuberante, que não se modificaram com o passar do tempo, haja vista que a recordação ficou estacionada em um tempo definido e contador não voltou para reatar os tempos, não voltou para averiguar se o preço da exploração, pago com o sofrimento humano e com a devastação dos ervais, trouxe benefício, além do enriquecimento de poucos com grande concentração de renda. Não voltou porque foi expulso de seu próprio reino, já que “lá” estavam as possíveis melhores condições de vida um pouco mais digna... E fica, nos vãos das partes, com base em Leite (1991) o mascaramento da incógnita que o leitor não sabe ler: por que Serejo optou pelo chegante que veio “fundar” a fronteira? Por que não teve história, sobretudo, histórias orais, para contar sobre os que aqui já estavam, os indígenas, no caso? Por que consegue “glorificar” o homem branco arrojado, destemido, aventureiro, gaúcho, correntino, paraguaio... e dá pouca vazão ao nativo? Reconhece-se bugre pela força da incorporação de hábitos e costumes, mas não índio.

Em *Pequenas anotações sobre a história da erva* (Livro 34, p.85-105), Serejo conta as dificuldades encontradas pelo mentor da companhia Matte Larangeira na implantação da empresa Larangeira. Na visão do nativo e autor, “[...] teve que se empenhar em duas refregas contra os índios habitantes da região [...]”. Diz, ainda, que estes silvícolas, verdadeiros donos da terra, já faziam uso do caá. Em outro subtítulo, “Os bugres”, menciona a animação de Laranjeira com a descoberta de novos ervais e transcreve – sem indicar fonte – que o capitalista resolveu ensinar aos ‘bugres mansos e de bom trabalho a lidarem com erva’. O registro de como

achar os bugres e como fez para selecionar os mais aptos, abre um vão imenso na história da formação do Estado - não muito diferente da história de todo território em que o nativo já estava, quando da colonização, como se pode notar no trecho abaixo:

Não foi difícil ao bugre assimilar os ensinamentos [...] Sempre bem mandados, procuravam executar as ordens com perfeição, porém, num vagaroso e enervante ritmo, atributo próprio da raça bugrina.

Uma coisa, entretanto, espantava a todos: o quanto comiam, por dia, esses bugres, mesmo os menores. Vem daí certamente, o velho ditado fronteiriço: preferível alimentar cinqüenta cavalos, com pindó e alfafa, do que dez bugres com feijão, arroz e carne. Não há muito exagero, não! (Livro 34, p. 89-90).

Conclui a passagem, em que discute a importância da mão de obra nos ervais, em específico, informando que muitos construtores de estrada e ervateiros renegaram o peão bugre, pelo rombo que causavam na provisteria. Certamente, o capitalismo lhe turvou o olhar para a compreensão das diferenças culturais. Serejo não especifica os sacrifícios elevando, com isso, os vão, os interstícios, abrindo a obra para outras leituras, uma das quais podemos estender às atitudes e às ações de homens que fizeram a história à custa de trabalho exaustivo, em prol da construção de estradas, ranchadas... Em detrimento do progresso, vidas foram silenciadas, etnias foram massacradas, pejorativamente marcadas para sempre, “Porque bugre que não rouba é bugre doente. [...] Pra bugre soltar uns grunhidos, imitando choro, é preciso que apenhe de facão, da polícia. Gente dura de se entender, essa” (Livro 34, p.90).

Não em defesa, mas em análise do posicionamento de um autor nativo da região, de um tempo em que a mão de obra produtiva era a peça chave, avaliamos que a compreensão de Serejo, em relação ao indígena, condiz com a formação histórica brasileira do colonizado; não poderia ser diferente. O autor é filho do local e aprendeu a conviver de forma “natural” com a concepção de que o indígena não possui aptidão para o serviço braçal. Nessas mínimas e possíveis frestas, que sinalizam hábitos e costumes de uma época da qual o autor faz parte, e, à qual, pelo menos, não se opõe, inferimos que, embora seja um homem situado no contexto sócio-histórico, principia um olhar um pouco à frente de seu tempo, em se tratando do exercício da escrita de textos ficcionais. Seus “capões” literários, rareados em

seguida, estão nas singelas e vigorosas descrições de lugares, coisas, objetos típicos da fronteira, como já mencionamos. O fato de olhar para o local, para si próprio é uma forma de autoconhecimento, de consciência de sua - do nativo - participação na história que vem sendo construída.

O leitor de Serejo poderá exercitar o tradicional “caçador de indícios”, como podemos perceber nas sugestivas informações contidas na monografia/livro já referida. Em *As engomadas* (provando o percurso do narrar com base na informação: “Devo estas informações aos meus valorosos colaboradores [...]” (Livro 34, p. 102) prossegue afirmando que, em 1912, a erva estava com bom preço. Por isso, “os conchavadores, muitos deles de arrogância assustadora” saíram em busca de mão de obra”. Até aí, seu texto não diverge muito do discurso do historiador. Entretanto, desvia o olhar para as saias engomadas das índias e das paraguaias, que, segundo um informante considerado enciclopédico “chegavam a formar rodas, tal e qual asas de perus quando estão querendo galar”. O luxo das “inúmeras e vistosas rendas” em contraste com os “pés no chão, representavam coisinha de nada” (Livro 34, p. 103) e enfeitiçavam muitos caraí. Mais uma vez, realidade histórica e figuração estética confluem pelo viés do desejo que tinha de escrever, ir escrevendo... O narrador reconta que não se conchavava peão que tinha, por companhia, mulher engomada, já que era “elemento” inútil nas ranchadas, não serviam nem para a cozinha, pois eram chinas para cercanias de *poblaciones*. E reconfirma, “não serviam mesmo!”

No conjunto das narrativas estudadas, encontramos textos em que o narrador lança mão, naturalmente, da incorporação de “um acontecimento, de uma situação, de uma personagem” histórica ao contexto interno da obra, “fazendo dela uma realidade estética”, como sugere Freitas (1986, p. 09). Tanto que a fronteira, espaço físico, se multifaceta e se integra em muitas outras fronteiras. Por isso, defendemos, com base no trabalho da estudiosa (p. 113), que os objetivos que levaram Serejo a buscar matéria para sua ficção em um contexto atípico aos padrões e gosto literários da época, diz da relação direta estabelecida, ancestralmente, com o local de fronteira. Um espaço anônimo, vago, recém confirmado em demarcação posterior à Guerra e se transfigura em um transitar intenso no conjunto da obra em estudo, como já anunciamos.

O pioneirismo de Serejo está em falar, justamente, da vida e homem da fronteira fazendo uso de uma estrutura linguística proveniente da linguagem oral,

perceptível, sobretudo, quando o narrador vai intercalando informações, descrevendo personagens, paisagens e narrando fatos intercalados a sugestivas descrições da maneira de viver e conviver do fronteiriço. Muito além das histórias estão as nuances de observação com que registrou, na memória, aspectos que, para a época, não seriam objeto de matéria de escrita – ou de poesia, no dizer de Manoel de Barros. *Em Palanques da terra nativa* (Livro 31) lançado em 1983, Serejo dedica-se a descrever o “Chuchamin”, “ato de cutucar os bois com um ferrão...” (p. 2004). Descreve, também, como funciona o “Fogão nativo” que esquentou sua meninice, assim como a gaita chorona; diz, ainda, do “Taá”, espírito bom que orienta peão ervateiro. Em “Lírio-do-campo”, texto do Livro 31, demonstra exaustivo esforço de pesquisa sobre todos os tipos de lírios existentes: “Quando a gente consulta os livros dos mestres” (p. 207) e faz tudo isso para dizer de sua “agonia de desespero” devido a dor causada pela constatação de que os lírios não existem mais como antes, já que o “patear das tropilhas, depois a queimada de todos os anos e, por fim, as máquinas da civilização, indiferentes e barulhentas...” destruíram a natureza (p. 211). Neste singelo livro, em que há poucas histórias, sobressaem minuciosas descrições por meio das quais o autor fronteiriço demonstra o refinado olhar para aspectos mínimos, visão micro, como bem declara Serejo: “olhos que jamais se fatigaram em ver o silvestre, o intocável, da realidade vivenciada outrora” (Livro 31, 208). O próprio Serejo reconhece, em plural de modéstia: “Somos observadores, temos vivido de observações, fomos sempre reparando e anotando” (Livro 31, p. 209).

4.5. AS DIGITAIS SEREJIANAS: ENTRE O VIVER E O CONTAR

Por que não mencionar seu nome, se verdadeiro é o relato? Por que ocultar a personagem? Se ainda vivo, residindo em algum ponto do território de Misiones, seu torrão natal, e tomando conhecimento dos fatos, não se negará em confirmá-los, tenho certeza. (Livro 30, p. 129).

A metáfora de Benjamin (1994, p. 204) referente à ação de narrar com a ação do oleiro que impinge no vaso suas digitais, pode ser uma boa imagem para representarmos a escrita de Serejo. Suas digitais são reconhecidas na personificação da fronteira como tributo que referenda as ações das personagens.

Benjamin (p. 205) enfatiza, ainda, que “Os narradores gostam de começar sua história com uma inscrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos [...], a menos que prefiram atribuir essa história a uma experiência autobiográfica”. É o caso de *Bode expiatório*⁵², da obra *O tereré que me inspira* (Livro 35). Aqui o narrador/autor/Serejo recupera, pela memória narrativa, um fato vivido por ele em 1935.

Neste texto o autor precisa datas – “27 de novembro de 1935”, “18 de outubro de 1932”, “12 de novembro de 1935” – nomes – “Getúlio Vargas”, “General João Gomes Ribeiro”, “Luis Carlos Prestes”, “Hélio Serejo” – lugares – “Rio de Janeiro”, “Ponta Porã”, “Praia Vermelha”, “Ilha das Flores” –, em um vai e vem de recorrências anacrônicas referenciadas em uma história particular, embora exista referência, de fato, ao ocorrido, já que a Intentona – tentativa desequilibrada realmente existiu; todavia, a narração desses fatos, de forma relativamente desarticulada, revelam um narrador perdido em suas lembranças, tanto que interpenetram mundo vivido e reinventado pela ótica da vivência experimentada, característica recorrente em literaturas de fronteira.

A estrutura narrativa de *Bode expiatório* também revela o empenho do narrador/Serejo/autor em contar sua história meio enigmática em relação à identificação da personagem. Neste texto, fica bem evidente a confluência daquelas fronteiras já levantadas, as quais dizem da forma dual: contar e informar. Sobressai, também, o entrecruzamento da inserção do “eu” na narrativa que vinha sendo conduzida em terceira pessoa, permeando informação com reflexão.

O narrador, emergido da vivência do autor, revela-se na voz queixosa, injustiçada, sensivelmente amargura “Triste, infeliz e odiosa concepção!”. Seus questionamentos são vagos, ecoam enfraquecidos pelo texto, embora revelem o fortalecimento de uma ideologia forjada pela prisão de “uma legião de pobres inocentes que procuravam uma profissão, uma carreira digna, comendo, não raramente, o pão que o diabo amassou com os pés” (Livro 35, p.184):

Provavelmente, 5% saberiam responder o que era o comunismo, onde ficava a Rússia, como poderiam vender o Brasil e, finalmente, quem era Luís Carlos Prestes, o chamado Cavaleiro da esperança. Por que, então, comunistas, aqueles pobres soldados, cabos e

⁵² Em *Um destino que marcou* (Livro 26, p. 284-293), Serejo recupera trechos e informações contidas em *Bode expiatório*, ao narrar, intercalando reflexões, a demonstração de amizade de um amigo de quando esteve preso na ilha das Flores no Distrito Federal.

sargentos, que sofreram toda sorte de humilhação pelos maus-tratos recebidos? (Livro 35, p.184).

O narrador assume a dor coletiva, não individualiza a sua experiência, fala em nome daqueles “pobres soldados, cabos e sargentos”, solidariza-se com eles, para, posteriormente, narrar a experiência “do cabo” n. 3.488, em um ziguezague não-linear das ações vividas que se confundem entre o “passado do relato e o presente do discurso” (LEITE, 1991, p. 80) “Agora a ilha, a vassoura sempre em ação, [...]”. E os questionamentos vagos aparecem, aparentemente postiços, em parágrafos repetidos “O cabo varredor e auxiliar de cozinha, [...] foi, como tantos outros, o bode expiatório. Pagou pelo que não fez...sofreu o que nunca deveria ter sofrido” (Livro 35, p. 184).

Ao final, há o agravante da voz do narrador de terceira pessoa que procura demonstrar o quão exemplar era a conduta, “do moço de força de vontade inquebrantável”, “modelo de disciplina”, “com adentrado amor cristão”, “dia e noite abraçado aos seus cadernos” que recebeu a “humilhante esmola do prejudicial pela fraqueza dos homens [...]” (Livro 35, p. 185). No último parágrafo, o narrador une-se à causa do moço “Oro por eles, sempre, genuflexo, pedindo ao senhor que revele seus erros e principalmente o grande mal que causaram ao moço fronteiriço [...]” (p.185).

Podemos inferir que em *Bode expiatório* há a presença marcante dos lados: justiça-injustiça, passado-presente, mágoa-perdão, realização- decepção, alternativo-integrado, vivido-sonhado... como se fossem dois planos de narrativas: uma história que estava desenhada, pretendida, esperada e outro rumo da história, cuja interferência se deu por questões meramente históricas de cunho sócio político. Com isso, o narrador recria, em partes, a história que poderia ter sido, bem como a que passou a ser, como uma possibilidade de atar as pontas da vida. *Bode expiatório* promove na narrativa de Serejo o efeito discutido por Benjamin (1994, p. 212): “O sujeito só pode ultrapassar o dualismo da interioridade e da exterioridade quando percebe a unidade de toda a sua vida...na corrente vital de seu passado, resumida na reminiscência”.

Na obra de Serejo instaura-se uma voz que conta, abrindo trilha com foice ou facão, porque retrata o homem que não está para personagem de textos literários, não há herói, muito menos heroínas. Há pessoas que “para sempre foram

dispersadas de sua terra natal” e adentram fronteira, abrindo picadas, enfrentando de forma - aparentemente - natural dificuldades de toda ordem. O bom senso do escritor está em não se escandalizar diante dos fatos de morte, injustiça, descaso humano, exploração e abandono social. Entretanto, sua literatura permite a investigação de atos e fatos que não estão nos compêndios oficiais, instiga o leitor a indagar, a ter o desejo de averiguação de sua própria história, caso seja um brasileiro ou sul-matogrossense.

Souza assim diz da forma com que seu conterrâneo constrói o estilo de sua escrita:

Serejo não “costura pelo avesso”, para usar uma expressão de Clarice Lispector, indicadora de como em sua obra ela tece a contradição. Em Serejo, a costura é linear e “por fora”, ou seja, sem contradições, como “faca cega” ou a literatura de dois gumes de que fala, Antonio Cândido sobre as literaturas consentidas, isto é, as que desempenham papel saliente no processo de imposição cultural. Mas, curiosamente, ao fazer isso é que o autor expõe as contradições, as quais só se revelam, todavia, ao gume afiado da crítica social. É isso que faz dele um clássico. (SOUZA, 2009, p. 130).⁵³

As considerações avalizam a obra de Serejo à margem do fazer literário, já que “Apesar dos esforços poéticos, não vai além da rima pobre e do nacionalismo ufanista” (SOUZA, 2009). Disso Serejo tinha consciência, embora não deixasse de escrever, além de estudar os autores do Romantismo ao ponto de resenhar “Vida e obra” de alguns. Entretanto, uma escola literária se constitui por meio do homem que vive e pensa aquele tempo ou que rompe com o vigente e antecipa um novo fazer. A concepção de literatura, como “arte da palavra” compreendida como “[...] mediações estéticas presentes nas grandes tramas que surpreendem [...]”, pode não ocorrer no fazer serejiano. Por isso, segundo Arguelho, seus contos acabam “[...] caindo mais no domínio da crônica memorialística, o que confere à sua palavra um caráter mais documental do que literário.” Entretanto, a pesquisadora abre fenda para estudo que vai além dos aspectos estéticos fundamentados na acepção literal de literatura. A arte do texto de Serejo está na apropriação da linguagem como mosaico em que transitam vozes de sujeitos dialógicos, constituídos pelas circunstâncias discursivas.

⁵³ SOUZA, A. A. A. de. *O balaio do bugre Serejo: história, memória e linguagem*. UNESP – FCLAs – CEDAP, v. 5, n.2, p. 114-132- dez. 2009 ISSN – 1808–1967. <https://www.google.com.br/#q=ana+arguelho+helio+serejo>. Acessado em 20 de março de 2013.

O desafio de estudar a obra serejiana reside em desvendar o que está no (in)visível, aquilo que o discurso camufla ao insistir inserir o outro pela própria voz – do autor – “que sabe tudo”, como já ilustramos em várias passagens deste estudo.

Para Souza (2007, p. 118): “[...] os discursos dos colonizados se constroem no contexto dos discursos dos colonizadores e vice versa, que por sua vez, constituem as condições de existência do texto – de sua *escritura* tanto na sua produção quanto na sua recepção”. Ainda exaurindo a metáfora avaliamos, com base em Bhabha (2003, p. 136), que a “[...] questão da representação do colonizado nas literaturas coloniais e pós coloniais precisa ser vista no contexto de um conceito de literatura como prática ou processo *discursivo* e não meramente *mimético*”. Provocação e desafio a que nos lançamos, sobretudo, quando Serejo narra pelo viés de seu ponto de vista, colocando palavras na boca de suas personagens ou tirando-lhes a autonomia da voz, quando fala por elas. Esse emudecimento vai ressoar bem mais do que se fosse dada voz, autonomia e iniciativa aos sujeitos dos ervais.

El Viejito Poincaré (Livro 30, p.103) o narrador de terceira pessoa conduz a apresentação do local de origem da personagem pela voz do “disse-me-disse”: “Dizia a todos que viera em uma comitiva no bojo de uma carreta paraguaia”. Em seguida, a voz de terceira pessoa dissipa-se, e abre espaço para um narrador-reflexivo, um defensor da nômade personagem. José Aleixo ao prefaciар *Palanques da terra nativa*, livro 31, avaliza: “Hélio Serejo, porque a sua voz é a voz do Brasil esquecido” (Livro 31, p. 176). Um Brasil onde um Estado (Mato Grosso) começa a ser formado pela força da mão de obra de sujeitos “sem lenço e sem documento”, como o Poincaré e tem na voz do narrador o visto para seguir em frente. Com isso, Serejo se coloca como porta-voz de um “Brasil esquecido” e sai em defesa “de personas” que “perderam”, momentaneamente, a identidade, pois “A pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidade podem fazer as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento, a dispersão” (HALL, 2003, p. 28).

Com essa declaração, inicia-se a preparação para o enigma da trama ou antecipação do drama vivido pela personagem. O narrador começa a antecipar as suspeitas e faz isso por meio da indagação – espaço aberto, portanto, para o leitor interpretar, posicionar-se, já que, mais adiante, este poderá recuperar seu posicionamento ao conhecer a identidade do chegante que não tinha documento de identificação, mas cuja história vai sendo revelada por meio de seus atos, ações, pela sua relação trabalhista.

O fato de se produzir uma personagem inicialmente de memória fraturada, um homem “ximbo”⁵⁴, e fazê-lo aceito pela realidade de linguagem, poderá ser compreendida como os questionamentos levantados por Achugar (2006, p. 317) referentes aos vínculos e (des)vínculos entre o eu e o outro. Questionamos: não será Hélio Serejo o “eu” vendo-se no “outro”, ou o “outro” sendo o próprio “que veio de longe, como vemos na seguinte passagem: “Os ventos do destino – maus e bons levaram-me a pagos distantes” (Livro 23, p. 17).

Depois de revelar a identidade da personagem, o narrador trata de inseri-la ao mundo dos ervais, em seguida “[...] Poincaré veio a conhecer meu pai [...]” e “Uma semana depois – isto em 1936 – três cavaleiros partiam de Ponta Porá” (Livro 30, p. 103) – Serejo, seu pai e Poincaré. A narrativa prossegue em terceira pessoa, e a voz que narra o fato passado, vivido por Serejo, já não é mais a voz do jovem filho do Chico Serejo, todavia, cá está a recuperação da experiência, vivida por meio da memória. Para Ricoeur (2002, p.76) “A narrativa de ficção é quase histórica, na medida em que os acontecimentos irreais que ela relata são fatos passados para a voz narrativa que se dirige ao leitor”. O questionamento da voz que apresenta a personagem, procura abonar o passado e dar crédito a favor da “bravura”, da utilidade que o braço forte do homem físico de que o erval precisava para fazer progresso capital.

A história de Poincaré vai sendo montada pela relação afetiva com que o narrador-personagem a vivenciou durante o tempo em que conviveram. Elpídio Reis, prefaciador da obra referendada, considera que “Seu Viejito Poincaré” para nós, fronteiriços, nada mais é do que o retrato de tantos outros amigos paraguaios com quem convivemos irmanados na mais doce amizade” (Livro 30, p. 101).

Para estender a relação, misto de compaixão e amizade, entre as personagens, devemos considerar o contexto histórico em que ocorreu a Guerra e as consequências pós guerra. Na fronteira Brasil-Paraguai do sul do Mato Grosso do Sul, não se propagou animosidade entre os habitantes, entre os poucos habitantes da fronteira. Para Tolentino (1986, p. 95): “A ocupação paraguaia trouxe ao solo do sul de Mato Grosso completa devastação e vazio populacional dos raros núcleos existentes na época. Foi, portanto, um retrocesso na lenta marcha da ocupação dessa região”.

⁵⁴ Terminologia usada pelos fronteiriços para designar um sujeito sem documentação, sem família, sem origem.

Serejo reafirma essa irmandade no conjunto de sua obra ao resgatar, constantemente, personagens que saíram do Paraguai “Eram todos de nacionalidade paraguaia, inclusive “Caraícho, meu parceiro no jogo de “bolita”, e companheiro de soltar “pandorga” ou “Na história da erva, sempre, existirá um lugar para os Balbuenas, esses extraordinários irmãos paraguaios, exemplos de perseverança, decência, cavalheirismo e amor ao trabalho” (Livro 31, 58).

Ao longo da narrativa, Serejo vai dando competência performática ao Poincaré ao ponto de transformá-lo em um faz-tudo-e-mais-um-pouco da ranchada: “Um homem que o dia todo, não parava. Era um azougue. Fazia de tudo, sempre lesto, divertido, atencioso, animadíssimo: Poincaré” (p.106).

Mas “A desgraça do Poincaré foi essa traiçoeira maleita...”.

O desfecho da história – aguardado pelo leitor – revela-se pela voz do condutor dos fatos vividos pela personagem. Se, no início da narrativa, tinha-se a ilusão de que Serejo estava contando um fato realmente vivido por ele e seu pai, no andar da narrativa, pode-se inferir que já não se trata tão somente de ocorrência datada, factual, uma vez que a história da personagem foi incorporada pela relação que o narrador estabeleceu com o contexto histórico-afetivo da época em que os fatos foram produzidos, à custa de linguagem. Para Freitas (1986, 13) “Não se pode conhecer o que já foi, através de documento, senão solicitando da imaginação os seus recursos topológicos. Mediante esses recursos, o historiador conhece reconstruindo, mas sua reconstrução é uma *figuração*”. Essa figuração resulta no que aponta Freitas (p.13) ao dizer que quando um escritor se volta para o passado motivado pela memória “[...] ele vai visar a exprimir desse passado aquilo que ainda não foi dito, aquilo que dele está reprimido ou latente, para assim explorá-lo em todas as suas virtualidades e prolongá-las”. Essa relação pode ser perceptível quando Serejo reconta a dramática história que a personagem confidenciou ao seu pai na época em que viviam nos ervais. Mais uma vez, sobressai uma voz de clemência em defesa do homem sofrido, daquele cuja identidade foi esquecida, como é o caso do *teniente-secundo*, o próprio Poincaré:

A longa conversa foi amistosa, porém franca. Era necessário [...] Poincaré, humildemente, contou tudo [...] efetivamente tinha o posto de *teniente-secundo*, num regimento revoltoso, organizado às pressas, para, numa ação rápida derrubar o governo. [...] Contou que, com o posto que tinha, comandou tropas, aprisionou, surrou,

feriu e matou centenas de civis e militares, fiéis ao execrando governo que dirigia os destinos do Paraguai.

[...]

Tendo por lema na guerra como na guerra, nunca teve complacência. O que queriam era vencer, esmagar para sempre o partido dominante. (p.109).

Com isso, a conduta da personagem se justifica pelas circunstâncias históricas do acontecimento: “E as ordens dos superiores eram severíssimas: atacar sem piedade, destruir o que representasse estorvo e...matar. Foi o que ele fez, cumprindo ordens”. Se histórico ou fictício não é colocado em discussão. Após revelar a sua identidade “*teniente secundo de caballeria*, a data e...*Asunción del Paraguay* (p.109), a mesma voz que havia “esquentado” a identidade de Viejito ao se revelar quem era, começa a desconstruir conceitos que, até então, foram desconsiderados: “El Viejito” um desertor das fileiras do Exército paraguaio? Ou, um fugitivo da última revolução de tanta ferocidade e sangue? O vazio identitário da personagem começa a ser preenchido e o narrador receptivo, muda de opinião “Tinha responsabilidade – está se referindo ao pai Serejo que abrigou o viajante sem saber sua procedência – porque, afinal de contas, estava abrigando em sua ranchada um desconhecido. (p. 110). Após contar sua história, a personagem se afasta do convívio dos demais e vai ter como único companheiro o bugre Likaua, o qual confessa a Dom Serejo que o companheiro “ta ficando médio loco”. Realmente, *Viejito* enlouquece e, finalmente, passa de “contador de história, o jovial, o eternamente bem humorado, para um frangalho humano, imagem dolorosa de uma revolução hediondamente sangrenta, enfim, um psicopata, provavelmente, irrecuperável...” (p. 111).

Entregue ao exército paraguaio, recebe a sentença de fuzilamento por ter sido “[...] um assassino execrável, uma besta-fera, cujo maquiavelismo aterrorizava a todos” (p. 113). Embora sua identidade, “um tipo hediondo”, seja revelada, a narrativa se encerra homenageando a personagem, a qual emprestará o nome à ranchada “Rancho Poincaré” devido ao “preito de gratidão. Assim, a narrativa serejiana traz a luz do presente um tempo histórico em que a fronteira Brasil – Paraguai estava sendo constituída por chegante, em específico, por um sujeito procurado pela polícia do Paraguai devido aos crimes cometidos em seu país. Prática muito comum na história da humanidade em se tratando de recomeçar a vida em outro lugar.

A interface entre “conhecer” o vivido – acontecimento individual – e a transformação da vivência em experiência que se materializa por meio da narrativa, pode ser reconhecida no texto de Serejo, quando o narrador adianta ações, suprime partes, conduz seu escrito de tal forma que o leitor aceite o “drama” vivido pelo velhinho.

A fronteira entre o vivido e o contado configura-se na atuação dupla do narrador que conta “seus fatos” – personagem, portanto: “Fiquei em Guairá, aos cuidados do Dr. Batista, único médico da localidade, tratando de um berne arruinado” (p.113) e sem protocolo retoma a narrativa em terceira pessoa, contando o que o pai viu, falou e concluiu na viagem que fez à Vila *Encarnación*, embora o narrador não estivesse presente esta viagem realizada por seu pai para saber notícias do ex-Poincaré, agora louco. A estrutura narrativa descrita em *El Viejito Poincaré* está presente, em boa parte das narrativas, bem como a posição de narrador complacente, espécie de guia condutor do chegante.

Ao contar o bárbaro crime que “[...] denegriu Mato Grosso, como também enxovalhou a própria nação” (Livro 26, p. 268), o narrador estrutura a narrativa, *Satu* (Livro 26, p. 265-275), usando os mesmos recursos de enredo já descrito em *El Viejito Poincaré*. O narrador, misto de contador com função de quem registra os fatos em uma audiência, recepciona o chegante: “Estamos em abril de 1932. Ao cair da tarde, escoltado ...chega a Ponta Porã o barbaquazeiro ...” e para contar o assassinato do pobre moço, amigo de crianças, prestativo, com aptidão para várias atividades braçais – tal qual Poincaré – vai intercalando fragmentos de acertos de conta entre assassinos, *promesa a cumprir feita aos pés de La Virge de Los Milagros* (Livro 26. P. 275).

Em defesa da injustiça sofrida pela personagem *Satu*, Serejo surpreende ao depor que o crime na “fronteira abandonada” propagou livremente, sobretudo, nos trabalhados ervateiros, local em que o “[...] mando e a lei, inexorável, a sanguinária *comblein* e o *teyu ruguái*, terrível chicote feito com o rabo de lagardo-papo-amarelo” (Livro 26, p. 269).

Abre uma espécie de jurisprudência para os assassinatos se justificarem. Nem mesmo a personagem “eu”, o guri Serejo, aquele que ao completar catorze anos ganhou um petiçinho de seu pai, o Guavira, deixou de sentir o gosto da vingança do “monstro de pala” que lhe derrubou de seu petiço, ocasionando um “tombo de afrouxar os intestinos”, em atitude de covardia. Mas, na fronteira o

castigo, quase sempre, vem a galope e o espetáculo contínuo do acerto de contas está incorporado aos hábitos e costumes dos viventes da região.

Em outra ocasião, “o rapagote de dezesseis anos, que há bastante tempo já convivia com os heróis anônimos e que sofria também o sofrimento de cada um,” (Livro 30, p. 146), tentou defender um velho coitado pedindo ao desalmado ervateiro que não deixasse o velho amarrado. Recebeu um não: “– O que você sabe das coisas, porcaria de menino fedido?” (p. 146), referindo-se ao cheiro do enxofre que Serejo usava para tratar de uma sarna brava. O barbaquazeiro recebeu violentos chicotões, mas... “Muitos anos se passaram”... e o destino, segundo o narrador, é muito caprichoso: o ervateiro monstro foi assassinado pelo neto do barbaquazeiro que dormira amarrado e “tivera o corpo lanhado de chicotões pelo hediondo crime de haver se apossado de uma garrafa de pinga especial” (Livro 30, p. 146).

Para Benjamin (1994, p. 221) “O narrador é a figura na qual o justo se encontra consigo mesmo”, e no caso de Serejo, que há muito vem sendo discutido, o autor/narrador/personagem proporciona o encontro das alteridades que passaram a constituir a identidade do sul-matogrossense – que Serejo também é – em uma dinâmica bem mais ampla do que o binarismo, brasileiro-paraguaio, branco/indígena, erval/cidade, uma vez que “a hibridização não é metáfora, tão somente, dos encontros, fusões ou da mestiçagem cultural, estética ou política. É, de forma crítica, uma *bricolagem movediça* dos múltiplos mundos culturais” (GADEA, 2007, p. 45). Múltiplos que se aglutinam - ou não – na formação processual e contínua de identidade que se revela nas relações estabelecidas pelas personagens resgatadas pelo narrador serejiano. Tanto que o próprio narrador reconhece-se um sujeito multifacetado, em processo contínuo de formação: “Sou um pouco de cada um. Não poderia ser diferente. Sou produto desse meio bravio. Na violência inopinada. Na quentura do sangue. Na mesclagem que carrego comigo, como se fosse a minha própria sombra” (Livro 30, p. 144).

Assim, o nativo da fronteira, o jovem que se viu obrigado a retornar à terra natal e enfrentar os ervais, produziu, ao longo de 60 livros, uma literatura por meio de possíveis “cochilos, falhas e os pequenos equívocos” (Livro 33, p. 305), bem mais ampla que a representação binária de sujeitos que chegaram e foram recepcionados pelos sujeitos que já estavam no sul do Mato Grosso do Sul. Serejo avança “além” concepção dual iluminista. Embora, o contexto central de sua obra esteja perpassado pela tradicional relação de poder entre colonizado e colonizador,

particulariza enfoque “sociológico de uma região e de uma época” (Livro 31, p. 176), muito peculiar, sobretudo, nas narrativas em que o processo contínuo das relações pessoais vai desenhando o traçado da história do sujeito em construção constante. Em se tratando, dos Estudos Culturais é a maneira mais compreensível de se abordar a complexidade do viver fronteiriço, e lidar com a identidade, com os traços culturais e históricos de um tempo, povo e lugar, entrelaçados com a memória de um filho da terra que um dia teve de partir, mas não deixou de honrar uma possibilidade da história imaginada pelo “eu” do fronteiriço que se faz escritor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por isso, quando um andante
Se faz chegada, Avante!
Já vem o aperto de mão.
Se chega com o sol bem alto,
O fronteiroço num salto
Oferece-lhe o tereré.

Mistura junto da erva
Um jujo do mato, forte!
[...]

[...]
Terra de guasca valente,
Mistura de muita gente.

Bertolucci, Lora. “Terra fronteiraça”. In: *Eu, e o mundo meu*. 1984.

Recuperando o desejo geral deste estudo: como “[...] a imensa fronteira abandonada” (Livro 23, p. 93) está representada pelo contar do homem local que se integra e multifaceta em autor/narrador/personagem, avaliamos indícios de que Serejo tenha resenhado, no conjunto de sua obra, com mais incidência, as relações de força, mando e comando de um estado de poder exercido pela Companhia Matte Larangeira dentro do próprio Estado do, então, Mato Grosso. Essas relações, pelo olhar do fronteiroço, recuado no tempo e local, fortalecem o convívio entre os que estavam e os que “foram chegando”, os quais passam a viver dominados pela força do trabalho braçal.

Os que vieram e se “converteram” em “homens de aço” fizeram da pretensão de dias melhores, do “além”, tão discutido por Bhabha, um “espaço de intervenção no aqui e no agora”. A atitude de reconverter a expectativa do “além”, no hoje, pode ser compreendida como a ausência de perspectiva além vida no “inferno do caá”.

Recuperando, então, a vida do autor e os fatos históricos, atribuímos a Serejo, no conjunto de sua obra, a “bravura”, “perseverença” e “fé” em não se deixar corromper pelos ideais literários acadêmicos, tanto que avisa a Academia na ocasião de posse: “Serei aqui, caboclo rústico, de gestos desengonçados, homem fronteiroço...” (Livro 50, p. 183) e continua escrevendo, mesmo sem ter um projeto literário, embora tenha desejo de escrever muitos livros.

Acontece que as ações de vida de Serejo, as quais consideramos como aspectos externos, preponderantes para a interpretação da obra, levaram-nos a

avaliar considerações relevantes, tais como: *O Trilhador de todos os caminhos*, denominado por Campestrini, é metáfora de sua própria obra e sendo filho da fronteira, transfigura-se em metáfora da história da formação do Estado.

Depois, a experiência e o conhecimento da voz que conta, permeando inserções de histórias pessoais com histórias reinventadas de sujeitos em trânsito na fronteira de mata adentro, ressoa polifônica, um mosaico de trilheiros de vozes que dizem da formação da fronteira. Se quisermos ouvir a voz do nativo, para sabermos suas considerações referente à Guerra e ao empreendimento da Matte, ouviremos a voz de Serejo dando “carta branca” aos que vieram do país vizinho, sobretudo, por dois motivos – experiência na extração da erva e desprestígio social, político e econômico em tempo de Guerra perdida. Ouviremos, ainda na voz de Serejo, a força do ideal colonizador e a extensão de lastro cultural até mesmo em “fronteiras abandonadas” e início de século XX.

Transparecem em atitudes, ações e comportamentos do narrador/sujeito/cidadão/Serejo as marcas do império colonizador, as quais fincam raízes e brotam em narrativas em que as personagens – e o próprio Serejo – estão sempre muito agradecidas pelos que vieram servir de mão de obra para explorar o capital nativo e reconhecidas por explorarem – no caso, a Matte – aquilo que o Estado não deu condições para os que aqui estavam explorar devido à miséria intelectual, cultura e social. A história de vida de Thomaz Larangeira representa muito bem as razões que o levaram a realizar o maior empreendimento da História da Fronteira: era um “homem viajado”, tinha conhecimento, foi beneficiado politicamente; adicionou tais privilégios ao “faro” comercial e ficou para a História como mártir dos ervais, embora muitos anônimos tenham sido martirizados.

Outro aspecto merecedor de olhar por debaixo das trilhas, incide na possibilidade advinda de teorias periféricas, as quais alargam a visão e permitem a relação da vida com a obra, sem que se tenha de “matar o autor”. Em consequência disso, avaliamos a história pessoal do autor: não era Serejo um “homem viajado”, também? Não será o deslocamento um fator contribuinte para que tivesse saudade e, saudoso, se recordasse e, ao recordar refizesse parte de sua história que é parte da história local, do Estado e das demais histórias de povoamento?

Retomemos, então, as partes já analisadas: Serejo começa a vida em trânsito, já que a família se desloca da fazenda em que nasceu, São João – do rural – para o povoado de Ponta Porã aos dois anos e lá cresce fronteiriço de passadas

secas. Ao passo que vai crescendo, não se sabe ao certo, começa a “pespegar gosto” pelas coisas de leitura e escrita, tanto que, como já anunciamos, escreve – do conteúdo pouco se sabe – para um jornal de uma currutela próxima a Ponta Porã. Como seu pai, ele também tinha relativa experiência de vida em trânsito, e já tinha exercido função política; possivelmente, essas experiências lhe proporcionam condições para que pudesse, embora em escala menor, montar um empreendimento, de bolicheiro; passa, então, a dono de ranchada. Em *El viejito Poincaré*, há boa referencia a este tempo. Nesta ocasião, o jovem Serejo, vai aos poucos – primeiro tudo anota e fica alarmado com a realidade –, se adaptando ao trabalho no erval ao ponto de se “tornar um verdadeiro ervateiro”, experimentando pela força da necessidade, várias funções. Além do trânsito nas trilhas, Serejo “sobrevive” à dramática e lendária aventura na Ilha das Flores, contada em *Bode expiatório*. O cabo escritor que havia estreado “nas letras” em 15 de novembro de 1935, volta ao seu local de origem “Um farrapo humano”. Seu primeiro “livreto”, *Tribos revoltadas*, espécie de “novela íncola” com 199 exemplares⁵⁵ foi “juntamente com milhares de papéis transformado em cinza, produzida por uma bala de canhão que acertou o prédio da casa de ordem e as chamas se alastraram [...]” (Livro 1, p. p.7). Ao chegar em sua terra natal “mais morto do que vivo” “afunda-se no erval”. Muitos outros deslocamento sucederam-se. Já pai de família e, finalmente, sem planejar, fixa morada em cidade do interior paulista, de onde passa a escrever boa parte de seus sessenta “livretos”.

A recapitulação consciente, além de servir como recurso para assegurar a junção das partes de sua história transcritas da obra, funciona como argumento para defendermos o atrelamento da história da vida à história da escrita serejiana. O trânsito entre fronteira do ir – ao erval – e vir – a cidade – e os vários deslocamentos ao longo da vida fazem parte da constituição do sujeito transculturado, misto de “bugre com arremedos de homem civilizado” que convive com o paradoxal drama defendido por Memmi (1997, p. 126): “amor pelo colonizador e ódio de si mesmo”, sobretudo, quando não levanta voz contra a empresa Matte Larangeira e narra a passividade com que as personagens submetem-se ao trabalho forçado em prol do progresso da região.

⁵⁵ Segundo o autor, “Um único exemplar foi retirado, tendo-o ofertado, a José de Almeida Cardoso, no dia seguinte, em nome do autor, à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro” (Livro 1, p.7).

Assim, em seus textos, há vestígios do pensamento do homem local, colonizado, explorado, desejoso por dias melhores. Do outro lado da constituição fronteiriça de sujeito distanciado, emerge como força de água borbulhando da terra, como em *Cacimba*, as ebulições reflexivas – prenúncio de consciência – de sujeito misto de “homem-cruza campo e trota-mundo”, que devido às relações estabelecidas como sujeito em trânsito, começa a “balbuciar” o passado, sem ter pressa de julgar “a própria sorte”, mas as palavras já explodem, mesmo que intercaladas pela voz de quem conta pelo outro. O balbuciar teórico fundamenta a versão de que Serejo, sujeito condoreiro, faz-se voz daqueles andantes “planetas sem boca” (Achugar) que balbuciam, quando muito, expressões soltas, as quais Serejo faz questão de cunhar com sotaque, timbre e força vocabular nas narrativas que compõem sua obra. O que poderia ser considerado ausência estética, mostrado pelo avesso, resulta em fiapos *sui generis* da produção de um sujeito destituído da desgastada classificação binária, brasileiro ou paraguaio, patrão ou peão, colonizado ou colonizador....Esses fiapos podem ser lidos como a própria formação do sujeito contemporâneo tão discutido pelos teóricos, aquele que se forma nos vãos das partes pela hibridação cultural.

Para Canclini (2003, p.34), em locais em que chega a possibilidade de modernidade, chega, também, a hibridação, fenômeno social que não rompe o tradicional, entretanto insere-se mesclando características por meio da justaposição de diferentes temporalidades, artefatos e lugares, sendo que o processo de hibridação resulta na (re)configuração dos lugares e das identidades. A simplificação e naturalidade com que Serejo conta as histórias de um tempo e lugar, diferenciam-se do esforço de muitos autores do início do século XX, os quais defendiam “Um Brasil brasileiro” pela ótica do olhar estrangeiro.

Serejo pincela na aquarela literária brasileira um ponto vital das discussões do início do século XX: a bandeira por uma consciência nacionalista, contrária ao ufanismo patriótico, sem causa, motivado pela ideia de exaltação da pátria, demonstrada nos textos pela descrição exacerbada, pela visão unilateral da realidade, cuja expressão se dava por meio de construções, por vezes carregadas de escolhas e combinações ao gosto europeu. Embora tenha estudado os românticos, Serejo distancia-se destes e pega trilheiros linguísticos mais costumeiros à sintaxe e ao vocabulário do homem fronteiriço. Vale ressaltar que muitos foram os desvios – de toda ordem “corrigidos” na revisão da obra, quando do

projeto de organização das *Obras Completas*. Daí, vagueia a indagação: não seria desvio estético? Mas isso é plano para mais um estudo.

No caminhar dessas considerações, recorremos a Achugar e nos posicionamos meio ao estilo interrogativo do teórico: será que pensar o passado implica pensar a construção do presente ou o presente é construção do passado? Considerando que há muito espaço para exercitar possíveis respostas, optamos pela alternativa indicativa de um representante da vertente de que o presente é passado em tempo posterior aos fatos transcorridos: no caso, o autor Hélio Serejo ao dedicar a vida escrevendo aquilo que viu, ouviu sobre os que ontem, hoje e amanhã, nas páginas dramáticas da história da industrialização da erva-mate, serão heróis anônimos (Livro 23, p. 72).

Diante da realidade ressurgida por meio da obra serejiana, uma forma de pensarmos a construção das personagens, advém do que assinala Hall: “A identidade é um desses conceitos que operam ‘sob rasura’, no intervalo entre a inversão e a emergência: uma ideia que não pode ser pensada da forma antiga, mas sem a qual, certas questões-chave não podem ser sequer pensadas” (2003, p.104). Assim, o meio capitalista, a necessidade de braços para a extração da erva resultou na movimentação habitacional na fronteira, ao ponto de ir urbanizando o espaço, favorecendo o agrupamento, modificando o local e impulsionando o povoamento do Estado. Por meio das relações estabelecidas entre os chegantes contínuos e estabilizados no local, as quais geraram, sobretudo, trocas (ou não) foi se formando a identidade do sujeito sul-matogrossense. Consideramos, para tanto, identidade como processo contínuo, decorrente das relações que vão sendo estabelecidas, sem que tenha de se despir de vínculos para suplantá-los; concepção antiga que nos dá sustentação para entender a formação dos “novos sujeitos” sem que tenhamos de “classificá-los” como “sem identidade”, mas na categoria de “novos sujeitos”.

REFERÊNCIAS

Obras do autor (*Corpus da pesquisa*)

SEREJO, H. *Homens de aço: a luta nos ervais*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 1 v. (Livro 9).

_____. *Vida de Erval*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 4 v. (Livro 23).

_____. *Pelas Orilhas da Fronteira*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 5 v. (Livro 30).

_____. *Caraí*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 6 v. (Livro 34).

_____. *O tereré que me inspira*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 6 v. (Livro 35).

_____. *Pialando...no Más*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 7 v. (Livro 38).

_____. *Carai Ervateiro*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 8 v. (Livro 41).

_____. *No Mundo Bruto da erva-mate*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. v 8. (Livro 44).

Obras do autor (*Consultadas e citadas*)

SEREJO, H. *Tribos revoltadas*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 1 v. (Livro 1).

_____. *Modismo do Sul de MT*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 1 v. (Livro 2).

_____. *Três contos*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 1 v. (Livro 3).

_____. *Quatro contos*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 1 v. (Livro 4).

_____. *Lobisomem*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 1 v. (Livro 5).

_____. *Carreteiro da minha terra*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 1 v. . (Livro 6).

_____. *Pialo Bagual*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 1 v. (Livro 7).

_____. *Vento brabo*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 1 v. (Livro 8).

_____. *Caraí*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 6 v. (Livro 9).

_____. *Prosa xucra*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 1 v. (Livro 10).

_____. *Ronda sertaneja*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 2 v. (Livro 11)

_____. *Rincão dos xucros*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 2 v. (Livro 1).

_____. *Prosa rude*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 2 v. (Livro 13).

_____. *Canto Caboclo*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 2 v. (Livro 1).

_____. *O homem mau de Nioaque*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 2 v. (Livro 15).

_____. *Poesia mato-grossense*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 3 v. (Livro 16).

_____. *Buenas Chamigo*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 3 v. (Livro 17).

_____. *De galpão em galpão*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 3 v. (Livro 18).

_____. *Versos da madrugada*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 3 v. (Livro 19).

_____. *Carta de presidente Venceslau ao cumprade Ansermo*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 3 v.(Livro 20).

_____. *Rodeio da saudade (Crônicas)*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 3 v. (Livro 21).

_____. *Contas do meu rosário*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 4 v. (Livro 22).

_____. *Zé Fornoalha*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 4 v. (Livro 24).

_____. *Abusões de Mato Grosso e de outras terras*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 4 v. (Livro 25).

_____. *Sete contos... e uma potoca*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 4 v. (Livro 26).

_____. *Fogo de angico*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 5 v. (Livro 27).

_____. *Lendas da erva mate*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 5 v. (Livro 28).

_____. *Campeiro da minha terra*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 5 v. (Livro 29).

_____. *Palanques da terra nativa*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 5 v. (Livro 31).

_____. *Mãe Preta*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 5 v. (Livro 32).

_____. *Nioaque – um pouco de sua história*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 5 v. (Livro 33).

_____. *Paisagem sertaneja*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 6 v. (Livro 36).

_____. *Nhá Chaló*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 6 v. (Livro 37).

_____. *Balaio de Bugre*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 7 v. (Livro 39).

_____. *Astúrio Monteiro de Lima – um exemplo de homem*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 7 v. (Livro 40).

_____. *Lendas do Estado de Mato Gross do Sul*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 8 v. (Livro 41).

_____. *Sismório, o gringo bochinheiro e bandido*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 8 v. (Livro 43).

_____. *Dorico, um bravo lutador*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 8 v. (Livro 45).

_____. *Ronda do entardecer*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 9 v. (Livro 46).

_____. *Contos crioulos*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 9 v. (Livro 47).

_____. *Dois contos: Zé Fumaça e Chopito*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 9 v. (Livro 48).

_____. *Meus bisnetos*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 9 v. (Livro 49).

_____. *Textos esparsos e Glossário*. Obras completas. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 9 v. (Livro 50).

Referências e Bibliografia

ACHUGAR, H. *Planetas sem boca: Escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Trad. Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

AUTHIE-REVUZ, J. Heterogeneidade enunciativa. *Cadernos de estudos linguísticos*, 19. Campinas: IEL, 1990.

ASSIS, M, de. *Machado de Assis: crítica, notícia da atual literatura brasileira*. São Paulo:Agir, 1959.

BACCEGA, M. A. *Palavra e discurso: história e literatura*. São Paulo: Ática, 2007.

BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Trad. Mauro Gama, Cláudia M. Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Trad. de Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. [Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira com colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz]. 4 ed. São Paulo: Hucitec Editora, 2004.

BARROS, Manoel de. *Livro de pré-coisas*. Roteiro para uma excursão poética no Pantanal. Rio de Janeiro: Record, 2001.

BARTHES, R. *Aula*. 6. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1988.

BARZOTTO, L. A. *Interfaces Culturais: The Ventriloquist's Tale & Macunaíma*. Tese de Doutorado, Londrina, 27 de novembro de 2008. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000146842>. Acesso em 05 de junho/2013.

_____. *O entre-lugar na literatura regionalista: articulando nuances culturais*. Revista Raído: Programa de Pós-Graduação em Letras da UFGD/ Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, v.4, n.7, jan./jun. 2010.

BENJAMIN, W. *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRAIT, B. *A personagem*. São Paulo: Ática, 2009.

CANCLINI, N. G. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Cintrão, P. H. Lessa, A. R. 4ª Ed. São Paulo, 2003.

CHALHOUB, S.; PEREIRA, L. A. M (Orgs.). *A História Contada: capítulos de História Social da Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CAMPESTRINI, H. *O trilhador de todos os caminhos: vida e obra de Hélio Serejo*. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. 127 p.

CANDIDO, A. *Literatura e sociedade: momentos decisivos, 1750-1880*. Rio de Janeiro: 10ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

_____. *Formação da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006b.

CORRÊA, V. B. *Coronéis e bandidos em Mato Grosso*. Campo Grande: Editora UFMS, 1995.

DONATO, H. *Selva Trágica: A gesta ervateira no suestematogrossense*. São Paulo: Autores Reunidos, 1959.

DORATIOTO, F. *Maldita Guerra: Nova história da guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FREITAS, M. T, de. *Literatura e história: Romance revolucionário de André Malraux*. 1.ª edição. São Paulo: Atual, 1986.

GADEA, C. *paisagens pós-modernidade: Cultura e sociabilidade na América Latina*. Itajaí: Univali, 2007.

GRESSLER, L; SWENSSON, L. *Aspectos históricos do povoamento e da colonização do Estado de Mato Grosso do Sul*. São Paulo: Editora Loyola, 1988.

GUISARD, L. A. de M. *O bugre, um João-Ninguém: um personagem brasileiro*. São Paulo Perspec. [online] 1999, vol.13, n.4, p. 92-99. ISSN 0102-8839.

Disponível

em<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010288391999000400010&script=sci_arttext> Acessado em: 10-07-2011

HALL, S. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Organização de Liv Sovic. Trad. de Adelaine La Guardiã Rezende et al. Belo horizonte: Editora UFMG, 2003a.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 2ª ed. Trad. de Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2003b.

HISSA, C. E. V. *A mobilidade das fronteiras: Inserções da geografia na crise da modernidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

HUTCHEON, L. *Poética do Pós-Modernismo – História, Teoria, Ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991.

LE GOFF, J. História. In: *Memória – História. V.1 Enciclopédia Einaudi*. Porto: Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 1997.

LEITE, L. C. M. *O foco narrativo: (ou A polêmica em torno da ilusão)*. São Paulo: Editora Ática, 1991.

BERTOLUCCI, L. *Eu e o mundo meu*. Campo Grande/MS: Editora Gráfica e Editora Alvorada, 1984.

MAGALHÃES, L. A. M. *Retratos de uma época: os Mendes Gonçalves & A Cia. Matte Larangeira*. Ponta Porã, Mato Grosso do Sul: Gráfica e Editora Alvorada, 2013.

_____. *O Karaí de Sanga Puitã*. Ponta Porã, Mato Grosso do Sul: Gráfica e Editora Alvorada, 2011.

MARTINS, J. de S. *Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo: HUCITEC, 1997.

MELO e SILVA, J. de. *Fronteiras Guaranis*, 1939. Atualização e notas a 2.ed. de Hildebrando Campestrini. Campo Grande: IHGMS, 2003.

MEMMI, A. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

NELSON, Cary; TREICHELER, Paula A. e GROSSBERG, Lawrence. *Estudos culturais: uma introdução*. In: SILVA, T. T. da (Org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

PESSOA, F. *Obra Poética. Cia. José Aguilar Editora - Rio de Janeiro, 1972, pág. 164*.

PUIGGARI, U. *Nas fronteiras de Matto Grosso – terra abandonada*. São Paulo: Casa Mayença, 1933.

REIS, E. *Os 13 pontos de Hélio Serejo*. (Biografia). Coord. Editorial de Aparício Fernandes. Rio de Janeiro, 1980.

RIEDEL, D. C. (Org.). *Narrativa, ficção e história*. Rio de Janeiro: Imagem, 1988.

RICOEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução: Alain François. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2012.

_____. *Tempo e narrativa*. São Paulo: Papyrus, 1995. 3 v.

SALLES, F. T. *Literatura e consciência nacional*. Belo Horizonte-Rio de Janeiro: Editora Itatiaia Limitada, 1993.

SANTIAGO, S. *Uma literatura nos trópicos*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SEVCENKO, N. *Orfeu extático na metrópole*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SOUZA, A. A. A. de. *O balaio do bugre Serejo: história, memória e linguagem*. UNESP – FCLAs – CEDAP, v. 5, n.2, p. 114-132- dez. 2009 ISSN – 1808–1967.

SOUZA, E. M. de. *Tempo de pós-crítica*. São Paulo: Linear B; Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2007.

TOLENTINO, T. L. *Ocupação do sul de Mato Grosso antes e depois da Guerra da Tríplice Aliança*. São Paulo, fundação escola da Sociologia e Política de São Paulo, 1986.

WHITE, H. *Trópicos do discurso: Ensaio sobre a crítica da cultura*. Trad. Alípio Correia de França Neto. São Paulo: Editora de Universidade de São Paulo, 1994.